

Lembranças De Outro Homem

Alice Sharpe



Argumento:

Quando Ryder Hogan abriu os olhos e a olhou com adoração, Amelia Enderling se deu conta de que algo tinha mudado. O homem que tinha amado tinha perdido a memória. Mas estava disposto a aceitar suas responsabilidades... em relação à ela e a seus filhos.

O nome Ryder não significava nada para ele, e seus familiares eram pessoas desconhecidas. Mas Amelia... Tê-la em seus braços era como voltar para o lar. Cuidar dela era algo natural. Apesar do que tivesse sido no passado, este Ryder queria ser um homem melhor, um homem dedicado a Amelia e a seus filhos. Mas quando recuperou a memória...

Capítulo 1

Depois de uns minutos de uma busca furtiva, Amelia Enderling estava a ponto de desistir.

Deteve-se diante de uma porta aberta para olhar à baía e foi quando, por fim, o viu. Estava de pé, ao lado do muro de pedra que cercava o terraço do clube de campo de Bayview, de frente ao mar.

Era a oportunidade perfeita, estava sozinho. Era o momento de enfrentá-lo, dar a notícia e logo desaparecer de Seaport, Oregon, para sempre. Nesse caso, por que não parecia capaz de mover-se?

Fazia quatro meses que não o via. Quatro meses, duas semanas e três dias. Ele continuava incrivelmente bonito, magro e, ao mesmo tempo, com costas largas e um corpo musculoso sob o smoking que usava como padrinho de casamento de seu irmão mais velho. Seus cabelos eram negros como o azeviche, ligeiramente ondulados e penteados para trás. Seus cílios eram compridos e seus olhos profundos poços escuros; o nariz e o queixo perfeitamente delineados e absolutamente másculos. De pé como estava, pensativo e quieto, parecia um aristocrata.

Era advogado.

Amelia olhou o vestido azul e, de repente, arrependeu-se de não estar usando um casaco para cobrir-se, apesar do calor daquele dia de julho. Muito tarde, já estava avançando até ele. Sentiu seu olhar antes de levantar o rosto e olhá-lo nos olhos. Prendeu a respiração. Sabia que ele lhe atraía fisicamente; mas tinha suposto que, depois do que havia feito, pelo que sabia desse homem, o efeito seria mínimo. Ha!

Foi como se um milhão de cabos invisíveis ganhasse vida. Com aquele olhar voltou a sentir sua pele, saborear seus lábios, seu desejo.

Amelia disse a si mesma que era um manequim, não um homem. Que era egoísta e, se ela permitisse, voltaria a machucá-la sem sequer se dar conta disso.

Ele sorriu como se fosse a primeira vez que se vissem, como se o passado não existisse. Por pior que houvesse se portado com ela, era praticamente impossível de resistir a esse sorriso.

Amelia respirou profundamente... e resistiu. Ele pareceu surpreso. Bem, em uns instantes sua surpresa se transformaria em susto. Amelia continuou avançando até ele.

—Olá — disse ele com uma voz profunda que voltou a fazê-la tremer.

— Tenho que falar com você — disse Amelia.

Apesar da brutalidade dela, os formosos lábios dele continuaram sorrindo. Apoiado contra o muro de pedra, com os braços cruzados à altura do peito e os olhos cheios de vida, ele disse:

— Sim, claro.

Amelia ficou olhando a rosa branca que ele tinha presa à lapela do casaco.

— O que vou dizer é muito difícil para mim — disse ela.

Ele franziu o cenho, como se não compreendesse.

— Lembra-se de março passado? — murmurou Amelia.

— Março passado? Mmmm. Não sei, me deixe pensar...

O brilho de seus olhos disse a Amelia tudo o que precisava saber. Estava brincando com ela.

— Por favor, me escute. Deixe que diga o que vim dizer.

Ele assentiu.

— Vá em frente.

— Eu... estou grávida.

Enfim! Enfim havia dito. Amelia se atreveu a olhar seu rosto, esperando ver a ira por trás de suas palavras; mas não foi isso o que viu.

— Felicidades.

— O que!

Ele sacudiu a cabeça ligeiramente.

— Eu disse felicidades. Não é isso o que se costuma dizer? Está... radiante.

— Felicidades? — repetiu ela com incredulidade.

— Sim.

— Não... está zangado?

— Possivelmente desiludido, mas não zangado. Por que estaria? Deveria estar?

— Bom... não. Quero dizer que... pensei que possivelmente não gostasse. Me disse que não queria ter filhos — um imenso alívio a envolveu, e não se deu conta da perplexidade daquele olhar —. Acreditava que fosse pensar que fiquei grávida de propósito. Mas te asseguro que não é assim, foi um deslize. Mas agora que aconteceu, agora que já me acostumei à idéia de que vou ter um filho e que o sinto em meu ventre... bom, estou encantada de estar grávida. Estou...

— Eu...

— Não, me deixe terminar — Amelia mordeu os lábios, tentando esquecer o passado —. Seja o que for o que houve entre nós, acabou na noite que descobri que seu pedido de casamento foi só brincadeira de sua parte. Não vim falar das outras

mulheres, não vim lhe acusar de nada. Isso é passado e não importa mais, acabou. Tampouco vim para lhe pedir que se case comigo, não faria ainda que me pedisse novamente e, que desta vez, fosse sério.

Amelia se interrompeu para respirar ao mesmo tempo em que se perguntava se era verdade que havia dito por último, com a esperança de que fosse. Levava meses tratando de convencer a si mesma de que a atração que sentia por ele não era excessiva; entretanto, agora que ele estava a sua frente, sentiu-a mais forte que nunca. Mas não devia perder a razão, não devia sucumbir à tentação. Tinha que pensar em seu filho também.

— Meu pai me deixou um pouco de dinheiro — continuou Amelia antes de que ele pudesse interrompê-la —. Se tomar cuidado, a criança e eu poderemos viver com esse dinheiro durante dois anos. Vou voltar para Nevada, assim meus tios poderão me ajudar. Ontem, quando vi sua mãe, me dei conta que não podia partir sem te dizer isto, Ryder.

Amelia respirou profundamente, as suas mãos tremiam.

Por fim, ele pareceu entender, e Amelia se perguntou que parte do que havia dito tinha

conseguido afetá-lo. Na realidade, tendo em conta a personalidade de Ryder, lhe parecia um milagre que continuasse aí de pé escutando-a.

— Acabou?

— Bem... sim. Sim, acabei. Ele a olhou nos olhos e disse:

— Entendo como foi difícil para você me contar tudo isto. Mas sinto muito, eu não sou Ryder.

Amelia ficou imóvel enquanto o olhava com incredulidade. Por fim, compreendeu, quando se lembrou das piadas da senhora Hogan sobre os gêmeos. Amelia não conhecia a um deles, o irmão de Ryder, o advogado que trabalhava na Califórnia.

— OH, Meu deus, você deve ser o Rob.

Ele tocou em seu braço.

— Se servir de consolo, estou encantado que me fará tio.

— Não posso acreditar, contei tudo isto a outro homem!

Ele assentiu. Durante um momento, Amelia se perguntou se Ryder não estaria lhe pregando uma peça. Entretanto, tendo em vista a reação daquele homem, se dava conta de que, embora fosse fisicamente igual a Ryder, sua atitude era completamente diferente.

Nesse caso, como se explicavam as intensas

vibrações sexuais que ela tinha sentido? Ele também tinha sentido ou havia sido produto de sua imaginação?

— Como se chama? — perguntou-lhe Rob com voz suave.

— Amelia. Amelia Enderling.

Rob lhe ofereceu a mão para apertá-la, como uma apresentação formal. A situação era tão absurda que Amelia sentiu vontade de sair correndo.

Depois de lhe dar a mão, ele disse:

— Sinto muito não ser Ryder.

Amelia esfregou as têmporas com dedos trêmulos.

— Não compreendo como pode haver alguém que sinta não ser Ryder — respondeu ela.

Ele, surpreso, piscou.

— Suponho que... deve ter sentido algo por ele... Perdoe, me referia ao fato de que, como está grávida...

— Sim, sei o que quis dizer — o interrompeu Amelia. Teria gostado de acrescentar que só tinha estado com Ryder uma vez, mas não queria que parecesse que estava se desculpando —. Me perdoe por ter falado assim dele, sei que é seu irmão, e seu irmão gêmeo.

Rob lhe lançou um olhar penetrante.

— Temo que há poucas coisas que possa dizer de meu irmão que eu não saiba — disse Rob por fim.

Amelia assentiu nervosa.

— Meu deus, vou ter que repetir tudo o que disse.

Levantando os olhos, Rob acrescentou:

— E muito em breve.

Amelia virou a cabeça e viu o homem com quem tinha que falar, o irmão do Rob, Ryder.

Ryder, o pai de seu filho. Ryder, com o mesmo sorriso que seu irmão, os mesmos olhos, o mesmo cabelo e os mesmos traços.

— Ora, ora, ora — disse Ryder com voz ligeiramente ébria —. Amelia, o que está fazendo aqui? Não sabia que conhecia o Rob.

Juntos, a semelhança entre os dois irmãos era incrível, incluídos o corte de cabelo e a voz. O único que os diferenciava era o anel da fraternidade que cada um levava e as rosas da lapela, a do Rob era branca e a do Ryder era vermelha.

Ambos os irmãos se olharam com hostilidade, insinuando uma larga história de enfrentamentos que explicava por que Ryder quase nunca falava do irmão.

— Acabamos de nos conhecer — respondeu

Amelia. Ryder sorriu maliciosamente.

— Pois parecem se entenderam muito bem.

— Deixa disso — disse Rob a seu irmão.

— Vim ver você — disse Amelia a Ryder. Ryder desprende a rosa vermelha da lapela e a aproximou da bochecha da Amelia.

— Até que enfim, Amelia, vejo que recuperou a razão. Ela estreitou os olhos e afastou a rosa com um tapa.

— Recuperei a razão?

— Sim, sobre o pequeno mal-entendido de março.

— Ah, sim. Refere-se ao «mal-entendido» que houve entre nós dois quando me pediu que casasse contigo e, na semana seguinte, já estava se deitando com outra.

— É dessa forma que você se lembra?

— Isso é exatamente o que aconteceu — respondeu ela.

— Pois eu não lembro de ter acontecido assim — repôs ele —. Me parece que era você que não podia se separar de mim; embora, eu lhe asseguro, que não me incomodou.

Rob fechou um punho, que Amelia lhe agarrou para evitar mais problemas.

— Por favor, não faça isso — disse Amelia ao

Rob quando este a olhou.

Enquanto Rob abria o punho, Ryder agarrou uma taça de champanhe da bandeja de um garçom que passava por ali e a levantou para fazer um brinde.

— Por você, Amelia. Pelo março passado e pelos marços futuros.

Rob e Amelia se olharam. Os olhos de Rob pareciam dizer: «vamos, aí está sua oportunidade de lhe dizer-lhe. Vá em frente».

Era uma crueldade ter que fazer esse tipo de confissão duas vezes em questão de minutos. Por fim, levantou a cabeça e, olhando Ryder nos olhos, disse:

— Tenho que falar contigo.

Ryder esvaziou a taça que tinha na mão e chamou o garçom:

— Ei, aqui. Deixa a bandeja.

— Senhor...

— Disse que deixe a bandeja! — disse-lhe Ryder. Quando o garçom se afastou já sem sua bandeja, Amelia respirou profundamente e anunciou:

— Ryder, estou grávida e você é o pai.

Fez-se um profundo silêncio o qual ressaltou a expressão de perplexidade de Ryder. Por fim,

deixou cair no chão a taça que tinha em uma mão.

— É uma brincadeira, não é? — disse Ryder.

— Não, não é uma brincadeira — respondeu Rob.

— Você não se meta nisto! — disse Ryder a seu irmão.

— Pois se acalme.

— Não, não é uma brincadeira — confirmou Amelia.

Ryder ficou olhando, sacudindo a cabeça, sem fala. Amelia lamentou não ter encontrado uma forma melhor de dar a notícia.

Devagar, com calma, Amelia repetiu o que já havia dito ao Rob, enfatizando que sua intenção não era obriga-lo a se casar com ela.

— Achei que tinha que lhe dizer isso com o fim de que possa decidir se quer participar da vida de seu filho ou não — concluiu ela —. Além disso, terá que dizer a seus pais que vão ser avós.

— Eu não tenho obrigação de fazer nada — respondeu Ryder com firmeza, com olhar frio e calculista —. Sei o que está tramando: está tentando utilizar a minha família para me apanhar. Mas lhe aviso isso, não vai conseguir.

Rob deu um passo adiante.

— Ryder, escute-a.

Ryder afastou o braço de seu irmão com um tapa; depois, agarrou outra taça de champanhe da bandeja e bebeu. Amelia quis lhe dizer que o álcool não ia ajudá-lo; mas, de repente, sentiu uma necessidade urgente de ir embora dali.

— Se quer ou não participar da vida de seu filho, Ryder, é assunto seu; entretanto, não posso acreditar que queira evitar que seus pais saibam que vão ser avós. Diga-lhes.

Então, depois de um olhar de desculpa a Rob, Amelia se afastou dos gêmeos Hogan.

No banheiro, Amelia não pôde conter as lágrimas. Chorou durante cinco minutos e depois vomitou o almoço. Quando por fim lavou o rosto e a boca, tinha passado quase meia hora. A única coisa que queria nesse momento era partir dali sem encontrar-se com Nina e Jack Hogan, os pais do Ryder. Com um pouco de sorte, não saberiam que tinha estado ali.

Fazia tempo que tinha decidido não mencionar-lhes o Ryder que ela conhecia. Às vezes, perguntava-se como era possível que, sendo seus pais, não tivessem se dado conta do manipulador que era. Diante deles, Amelia se responsabilizou pelo rompimento de sua relação com Ryder, ocultando-lhes que se deitou com ele depois que

este lhe fez um falso pedido de casamento para, dias depois, deitar-se com outra mulher.

Já era muito tarde para esclarecer situação. Além disso, Jack Hogan sofria do coração, e Amelia jamais faria nada que pudesse piorar sua condição. Gostava muito de Nina e Jack.

Amelia estava abrindo a porta de seu carro quando umas vozes, à entrada do edifício, chamaram sua atenção.

— Ryder, não diga tolices. Não pode dirigir nesse estado — disse Rob tratando de impedir que seu irmão se metesse no seu carro esportivo vermelho.

— Se meta em em seus assuntos! — disse-lhe Ryder.

— Não mudou nada, não é? Continua igual ao que era quando estávamos na universidade.

Ryder elevou um punho.

— Quer que lhe meta isso na boca?

— Não são o momento nem o lugar apropriados para isto — respondeu Rob—. Vamos, tenha um pouco de consideração, é o casamento do Philip.

Ryder deu um empurrão em seu irmão e Rob cambaleou.

— O que foi, tem medo de mim? — disse Ryder em tom desafiante.

Rob, já farto, tirou o casaco e o atirou à grama. Ryder fez o mesmo. Quando os dois, enfrentando-se, olharam-se, Amelia murmurou uma desculpa à criança que levava no ventre.

Mas antes de chegar aos golpes, Ryder, com sua costumeira agilidade, deu um salto, voltou para seu carro e se sentou ao volante. Rob correu para o carro, abriu a porta e se sentou no assento vizinho ao do motorista com a intenção de convencer seu irmão a não dirigir. O motor foi ligado e o carro saiu disparado.

O automóvel passou na frente de Amelia, que não podia acreditar no que estava vendo. Nenhum dos dois irmãos pareceu vê-la, mas ela jamais esqueceria aquela cena.

Amelia passou a noite em um saco de dormir no sofá. Era sua última noite no apartamento que tinha alugado mobiliado e no qual tinha vivido nos últimos três anos. Pela manhã, quando a luz do sol entrou pela janela, Amelia olhou a seu redor. A casa parecia vazia e solitária sem seus pertences pessoais, já que quase todos estavam no carro. O que restava por fazer era dobrar o saco de dormir e colocar umas coisas na mala.

Continuou deitada, sem vontade de fazer a comprida viagem até Nevada. Não voltava há um ano,

desde o funeral de seu pai. Mas agora que já tinha o título de professora, parecia a coisa mais natural do mundo voltar para a velha casa de seu pai e ter seu filho em companhia de seus tios preferidos. Não era assim que tinha sonhado começar uma família, mas estava decidida a ver o lado positivo da situação.

Durante uns instantes, Amelia pensou em Rob e na intensa reação física que esse homem tinha provocado nela. O mesmo ocorreu com o Ryder há uns meses atrás. Conheceu-o quando precisou do conselho de um advogado depois da morte de seu pai; depois, soube que Ryder era muito importante para se ocupar de um caso menor como o seu, mas lhe recomendou um de seus colegas de trabalho. Amelia chegou a pensar que o destino os tinha unido.

A princípio, Ryder foi amável e carinhoso com ela, e a Amelia levou muito tempo para se dar conta de que o comportamento dele era extremamente egoísta.

Rob era igual a Ryder? Mostrava-se irresistível no princípio para logo em seguida mostrar-se como era, um egoísta?

Tinha importância? Em poucos dias, Amelia iria estar muito longe dali.

Enquanto abotoava as calças, soou o telefone.

— Graças a Deus que está em casa — disse Nina Hogan com voz rouca e emocionada.

Amelia passou uma mão pelo cabelo loiro e liso, afastando-o do rosto. Apesar do carinho que tinha por Nina, não gostava de falar com ela nesses momentos.

— Sinto muito, mas... vou partir ...

— Tem que vir, Amelia. Tem que vir. Amelia sentiu um súbito alarme.

— Ir aonde, Nina? O que aconteceu?

— Estamos no hospital.

No princípio, Amelia pensou que se tratava do pai do Ryder.

— Aconteceu algo com Jack? É o coração?

— Não — respondeu Nina com um soluço—. OH, Amelia, trata-se do Ryder. sofreu um acidente no carro... Por favor, vem.

— Ryder? — murmurou Amelia.

— Ontem, durante o banquete do casamento, vi você falando com ele. Sei que estavam tentando solucionar seus problemas outra vez.

— Bom, Nina, a verdade é que...

Mas Nina, tragando um soluço, interrompeu-a.

— Philip está em viagem de lua de mel, e Jack está tão mal que me deixou muito assustada. Não sei a quem pedir ajuda...

— Onde está Rob? —perguntou Amelia automaticamente.

— OH, Amelia, isso é o pior... Ryder e Rob partiram juntos da festa. Ryder ia dirigindo e sofreram um acidente. O carro caiu por um aterro e demoraram horas para encontrá-los; quando os encontraram, não sabiam quem eram porque nenhum dos dois levava identificação. Levaram-nos a uma pequena clínica e ali, pela placa do carro, acabaram identificando ao dono, Ryder. Ryder está inconsciente, mas seu irmão, nosso Rob... Oh, meu Deus, Amelia, Rob está morto.

Amelia ficou imóvel. Depois, uma profunda dor lhe atravessou o coração. Ryder estava gravemente ferido. Rob estava morto.

— Vou agora mesmo —sussurrou Amelia.

— Estamos no hospital do Bom Samaritano, na unidade de terapia intensiva. Vem depressa.

— Em seguida estarei aí.

Capítulo 2

O corredor do hospital era estreito e comprido. Amelia se deteve diante do mostrador de informação para perguntar onde estava a unidade de terapia intensiva; mas antes de formular a pergunta, viu Jack Hogan apoiado contra uma parede no fim do corredor e se dirigiu até ele.

Jack levantou a cabeça quando ela estava a uns sete metros dele. Amelia parou momentaneamente ao ver a mudança no aspecto físico dele; tinha-o visto três semanas atrás ao se encontrar acidentalmente com Jack no supermercado.

Jack era tão alto quanto filhos, mas agora estava curvado e sua pele, sempre pálida, parecia de cera. Ficou olhando-a com esses olhos castanhos escuros que seus filhos tinham herdado dele, olhos que podiam ser como os do bebê que ela levava no ventre. Agora, esses olhos estavam cegos pelas lágrimas.

Amelia tomou as mãos nas suas e se olharam em silêncio, sem se falar. O sofrimento de Jack era tangível. Amelia tinha medo de perguntar por Ryder; por fim, depois de uma larga pausa,

sussurrou:

— Sinto muito pelo Rob.

Ele assentiu enquanto as lágrimas escorriam por suas bochechas.

Amelia chorou com ele.

Nina saiu por umas portas de cristal opaco, que fechou cuidadosamente. Quando viu Amelia, perdeu a compostura.

— Sabia que viria! — gemeu Nina abraçando Amelia.

— Ryder... está...? — murmurou Amelia

Nina interrompeu o abraço e, com olhos avermelhados pelo pranto, observou Amelia. Seus cabelos escuros salpicados mechas brancas estavam despenteados e a boca tremeu ao murmurar:

— Ainda está em coma.

— Você verá como ficará bem — disse Amelia. Nina mordeu os lábios.

— A doutora disse que se recuperará, mas não sabe quando. Vai ficar aqui com ele, não é? Já disse isso às enfermeiras, lhes disse que sua namorada é da família. Sei que ter você ao seu lado vai ajudar enormemente.

— Já não estamos mais noivos — disse Amelia com todo o cuidado que pôde.

— Já sei que só estiveram noivos uns dias e que

terminaram logo — disse Nina —, mas sei também que estavam tentando voltar outra vez.

Amelia se perguntou se não devia confessar a verdade a eles; mas nesse momento, Nina abriu a mão e mostrou a rosa vermelha que, no dia anterior, Ryder lhe passou pela bochecha.

— Encontraram-na no bolso do Ryder — disse Nina com os olhos cheios de lágrimas —. Oh, meu Deus, não sei o que faríamos se o perdêssemos também.

Enquanto Jack reconfortava a sua esposa, Amelia ficou olhando a maltratada flor que, de certa forma, parecia um cúmplice naquela tragédia. Tudo poderia ter sido diferente se ela tivesse esperado que Ryder estivesse sóbrio para anunciar que ia ser pai.

Agora, Amelia sabia que faria o que Nina e Jack lhe pedissem até que Ryder saísse do estado de coma. Mas seu coração também chorava a morte de Rob.

Ele abriu os olhos devagar e sentiu os lábios secos. Levou uma mão trêmula ao lado esquerdo do rosto. Uma bandagem?

«Onde estou?».

O quarto era branco, escassamente mobiliado, limpo... um quarto de hospital. Soro no braço. As

persianas estavam abertas e o céu cinza. Sentiu dor nas têmporas.

Havia despertado antes, mas brevemente. Meio acordado, meio dormido.

Sentiu um suor frio e soltou um grunhido.

Mãos frias tocaram seu braço e, ao olhar, viu uma mulher com olhos tão cinzas como o céu.

— Não se preocupe, Ryder, vai ficar bom — disse ela com voz suave.

Ele passou a língua pelos lábios.

— Quer beber algo?

Ele conseguiu assentir. Levantou sua cabeça enquanto lhe dava água. Tinha visto antes essa mulher, a primeira vez que acordou, e ela estava adormecida em uma poltrona ao lado da cama. De repente, se deu conta de que ela devia conhecê-lo, por isso ele deveria reconhecê-la também.

Mas não era assim. Nunca a tinha visto. Nunca.

Era uma mulher muito bonita. Tinha pele suave, olhos enormes, e nariz e boca delicados; cabelos loiros como o mel, bastante revoltos. Usava uma camisa azul marinho muito larga e com mangas levantadas até os cotovelos; era uma camisa de homem, mas não conseguia esconder sua feminilidade. Ele estava convencido de que não era uma enfermeira, assim como sabia que não era o

tipo de mulher que ele poderia esquecer.

— Vou avisar seus pais — disse ela. Seus pais. De repente, ele sentiu pânico. Não lembrava de seus pais.

Ela franziu o cenho e mordeu os lábios.

— Não se preocupe, Ryder, não voltarei se não quiser... agora que sei que está bem. Ele agarrou sua mão.

— Não, fique.

Depois de uns instantes de hesitação, ela assentiu. Quando ele fechou as pálpebras, concentrou-se no calor daquela mão e logo começou a perder a consciência de novo.

Quem era Ryder?

Amelia ficou de pé, agarrada à mão do Ryder. Pelo que ela sabia, era a primeira vez que Ryder abria os olhos nas três compridas semanas que tinha passado em coma. Desejou sair correndo para avisar à médica e dar a boa notícia a Jack e Nina.

Mas não se mexeu. Ryder tinha pedido que ficasse. Também não pôde soltar sua mão. Com o pé, agarrou a perna da cadeira e a puxou até a cama para sentar-se.

Aquilo era uma loucura. Devia avisar à médica e aos pais do Ryder. E também tinha que se preparar para quando Ryder recuperasse

completamente a consciência e desse conta de que não a queria ali com ele.

Entretanto, permaneceu onde estava. Fazia três semanas que estava sentada ao lado daquela cama de hospital, e durante esse tempo não tinha parado de dizer a si mesma que desapareceria dali tão logo Ryder abrisse os olhos, que queria ir para sua casa em Nevada para se preparar para o nascimento de seu filho, e que estava ali só para ajudar os pais de Ryder.

Mas agora se dava conta de que isso não era toda a verdade. Também estava ali por si mesma, por si mesma e por seu filho. Na noite anterior, com a esperança de dar a Nina e ao Jack uma nova ilusão para aliviar seu sofrimento, confessou-lhes que levava em seu ventre um filho do Ryder. A notícia tinha sido recebida com alegria.

Havia feito bem em contar? Deveria ter mantido em segredo? Havia dito porque tinha medo de que Ryder nunca saísse do coma? E agora que o pior parecia ter acontecido e tinha chegado à hora de partir, dar-lhes-ia outro motivo de sofrimento?

Enfim, Ryder logo saberia o que ela tinha feito e se sentiria encurralado.

No entanto, Amelia continuou com a mão do

Ryder na sua. Tinha amado esse homem e ele tinha pedido que ficasse. Por que?

A porta rangeu e, quando Amelia virou a cabeça, viu um desconhecido. Era um homem alto de uns quarenta e tantos anos, de cabelo grisalho e penetrante olhar escuro. Era magro, usava um traje cinza escuro e sapatos pretos. O sorriso que lançou a Amelia foi forçado e nada amistoso.

— Deseja alguma coisa? — perguntou Amelia, pensando que o homem devia ter se enganado de quarto.

— Estou procurando Ryder T. Hogan — respondeu o homem com voz áspera ao mesmo tempo que apontava para Ryder —. É ele?

Inesperadamente, Amelia sentiu um súbito protecionismo.

— Você se importaria de me dizer quem é?

O homem abriu a jaqueta e mostrou um distintivo.

— Detetive Hill do Departamento de Polícia de Seaport.

— Ryder está em coma há três semanas — disse Amelia, decidindo nesse momento não confessar que tinha aberto os olhos fazia cinco minutos —. Evidentemente, não pode falar com você nem com ninguém.

— Estou investigando a morte de Robert Hogan — disse o detetive implacavelmente —. Preciso falar com ele.

Um medo súbito apertou o estômago de Amelia. Sobressaltada, se deu conta que tinha esperado que ocorresse algo do tipo. Desde o acidente, tinha temido que, em algum momento, a polícia interviesse. Era de se esperar que tivessem feito uma análise do sangue dos irmãos quando os levaram para a clínica; portanto, deviam saber que Ryder estava dirigindo bêbado quando sofreram o acidente.

— Avisaremos quando sair do coma — disse Amelia com voz trêmula. Por que esse policial não ia embora? —. Se não acredita em mim, fale com os médicos. Vai comprovar que Ryder não está em condições de falar com ninguém.

— Já falei com os médicos — disse o policial —. Queria conferir eu mesmo.

— Pois já confirmou — respondeu Amelia, rezando para que Ryder não abrisse os olhos. O detetive a olhou de modo incisivo.

— E você quem é?

— Meu nome é Amelia Enderling e sou... A noiva do Ryder.

O detetive assentiu, dando motivos para pensar

que já tinha ouvido esse nome.

– Não quer dizer ex-noiva?

– Quem lhe disse isso?

O policial, olhando o rosto impassível de Ryder, respondeu:

– Falei com alguns de seus amigos.

– Solucionamos nossos problemas e estamos juntos outra vez. Suponho que seus amigos não sabem ainda.

– Não, suponho que não. Bem, senhorita Enderling, sabia que seu noivo estava bêbado quando dirigiu o carro, com seu irmão do lado, na noite do acidente?

Amelia mordeu os lábios e ficou em silêncio.

– Todo mundo sabe — acrescentou o policial.

Amelia endireitou os ombros. O desagrado que lhe havia produzido esse homem no início se tornou mais profundo.

– Se insisti em falar, apesar do que disse, sugiro que fossemos para o corredor.

– Por quê? Não está em coma? Não pode nos ouvir.

– Como sabe você se pode nos ouvir ou não?

– disse ela —. O fato de estar em coma não quer dizer que não saiba do que acontece a seu redor. Vários estudos demonstraram que...

Hill a interrompeu.

—Não é com você com quem quero falar. E sim com ele.

Ela guardou silêncio.

—Está bem, voltarei dentro de alguns dias — disse o policial em tom de advertência.

Amelia voltou a sentar quando o detetive Hill partiu e olhou para Ryder.

O que aconteceria com ele quando soubesse que era responsável pela morte de seu irmão e que a polícia queria falar com ele? O sentimento de culpa seria horrível, já que Amelia acreditava firmemente que debaixo do egoísmo superficial de Ryder havia uma pessoa decente que queria sair à luz. Mas se o condenassem...

Por fim, isso não era problema seu, Ryder não ia querer que se envolvesse em seus assuntos. Entretanto, ao vê-lo tão vulnerável, era difícil não se sentir envolvida. Além disso, tinha que pensar em Jack e Nina, que tinham perdido Rob devido a irresponsabilidade de Ryder. O que seria deles se Ryder acabasse na prisão?

Nesse momento, a porta do quarto se abriu e Jack e Nina apareceram.

— Graças a Deus que estão aqui !— disse Amelia com grande alívio.

Nina cruzou o quarto rapidamente e deu em Amelia uma palmada no braço.

— Como se sente nossa futura mãe?

— Bem, estou bem.

Amelia decidiu não comentar com eles a visita da polícia, mas deu-lhes a boa notícia.

— Acordou — anunciou Amelia olhando-os nos rostos.

Os dois devolveram o olhar como se não tivessem entendido o que havia dito.

— Ryder abriu os olhos — acrescentou Amélia —. Falou comigo!

Nina juntou as mãos e lançou um grito.

— O que ele disse? — perguntou Jack.

— Não muita coisa. Parecia... estava confuso. Só despertou durante um ou dois minutos.

— Os médicos já sabem?

— Não tive tempo de dizer-lhes ainda.

Jack assentiu brevemente e saiu do quarto para falar com os médicos. Nina rodeou a cama onde estava seu filho para se colocar do outro lado; então, baixou a cabeça e o beijou no rosto.

Amelia olhou para as mãos. Tinha chegado o momento de partir. Entretanto, apesar de ter pensado muito nisso, ainda não sabia como dar a notícia.

Nesse momento, Jack entrou no quarto com a doutora Solomon. Era uma mulher de meia idade com cabelo curto cinza e olhos ternos. Os óculos pendiam de uma corrente e descansavam em seu peito volumoso. Amelia a tinha visto em várias ocasiões e gostava dela.

— Recuperou a consciência? — perguntou a doutora ocupando a cadeira que Amelia deixou livre.

— Sim. E bebeu um gole de água.

A doutora Solomon examinou os olhos do Ryder com uma pequena lanterna e pronunciou seu nome com voz suave. Amelia se surpreendeu ao vê-lo abrir os olhos.

A doutora olhou Jack e a Nina, e sorriu. Depois, voltou a olhar para o Ryder, que a observava com expressão confusa.

— Como se sente Ryder?

Ele se umedeceu os lábios com a língua.

— Minha cabeça dói — murmurou Ryder por fim.

— É normal, sofreu uma concussão. Mas irá se recuperar — a doutora se levantou e retrocedeu uns passos —. Tem visita.

Nina, sorridente, disse:

— Olá, querido.

A expressão confusa de Ryder se tornou mais acentuada. Devagar, olhou para sua mãe e em seguida para seu pai, que sorria também; depois, cravou os olhos em Amelia. Quando a viu, disse:

— Você...

Amelia interpretou como uma acusação. Deu um passo para trás, em direção a porta. Sabia que aconteceria, mas agora se sentia humilhada e deslocada.

Ryder sorriu para ela. Era o sorriso que, no início, tinha atraído Amelia; um sorriso que fazia seus olhos brilharem e iluminava o quarto. Um sorriso que a fez se deter.

— Eu... conheço você.

— Naturalmente...

— Estava aqui antes.

— Sim.

Ryder assentiu. Depois, voltou a olhar para Nina e em seguida Jack.

— Não os conheço — disse Ryder. Jack soltou uma grande gargalhada.

— Sempre brincando, esse é o meu filho. Mas Nina se aproximou de Ryder e o olhou nos olhos. Depois, virou a cabeça e disse ao seu marido:

— Não acho que Ryder esteja brincando.

— Estes são seus pais — disse a doutora —.

Não os conhece?

Ryder voltou a umedecer os lábios antes de responder.

— A garota tinha visto antes, quando acordei; mas os nunca tinha visto.

Nina levou uma mão à boca para abafar um gemido.

— Sabe onde está? — perguntou-lhe a doutora. Ele ficou olhando para ela. Amelia notou que estava tentando lembrar.

— Todos me chamam de Ryder, mas esse nome não significa nada para mim.

Jack estava branco como cera. Por fim, disse:

— Filho, não sabe quem eu sou? Ryder, compungido, murmurou:

— Não. Sinto muito, mas não.

Ryder fez um esforço para se levantar, a doutora arrumou os travesseiros.

— Você se lembra do acidente de carro? De novo, Ryder pareceu fazer um esforço para se lembrar.

— Não, doutora, não lembro de nada. Não me lembro de absolutamente de nada.

— Fique calmo, não é estranho que uma concussão provoque uma amnésia temporária — disse a doutora.

— Amnésia — murmurou Jack.

Nina, com as mãos no peito, perguntou:

— Não se lembra do acidente, Ryder? De nada?

A doutora lançou a Nina um olhar de advertência. Nina olhou Amelia com uma expressão que parecia dizer: «Também não se lembra do irmão! O que vamos fazer agora?».

Amelia tentou se mostrar positiva.

— Temporária, amnésia temporária?

— Sim, é quase certeza — respondeu a doutora —. O mais provável é que recupere a memória em um ou dois dias. E, por favor, agora não falem dos detalhes do acidente.

Em outras palavras, pensou Amelia, Ryder não devia saber que tinha causado a morte de seu irmão por dirigir bêbado.

Nina piscou em um esforço para conter as lágrimas.

— Então acredita que em alguns dias saberá quem somos? Voltará a ser o mesmo? A doutora assentiu.

— Enquanto isso, vou dizer ao doutor Bass que venha ver você — disse a doutora dando uma palmada no joelho do Ryder —, É psicólogo, verá como lhe fará bem.

Ryder concordou. Depois, olhou para Amelia e

esta se deu conta de que, para o Ryder, ela era a única pessoa que lhe parecia familiar.

Com gesto vacilante, ela sorriu.

Capítulo 3

Com as pernas ainda trêmulas, Ryder cruzou o quarto e se olhou no espelho que havia em cima da pia procurando no seu reflexo que parecesse familiar. Nada.

Passou uma mão pelo cabelo e examinou suas feições. Nariz reto, olhos castanhos, o queixo. Abriu a boca e viu uns dentes brancos e, ao que parecia, sem obturações. Precisava se barbear.

Retrocedeu um passo e olhou o rosto todo. O que era estranho é que, apesar do curativo na bochecha esquerda e sua aparência geral de desalinho, sabia que sua aparência devia ser assim. O problema era que não conseguia se identificar com um nome... nem com um passado.

—Ryder. Ryder Todd Hogan. Ryder Hogan — disse em voz alta.

Tinha ouvido esse nome várias vezes durante as últimas horas. Seus pais tinham-no chamado de Ryder, e também a bela mulher que tinha visto sentada ao lado da cama. O nome começava a parecer familiar.

—Meu nome é Ryder.

Mas... quem era? Não sabia qual sua comida preferida, nem a música, nem se possuía um cachorro ou peixes. Tampouco sabia exatamente onde estava, só que o céu estava nublado e que todos falavam inglês. Nesse caso, como se explicava que sabia estar nos Estados Unidos, que era verão, a julgar pelo verde das plantas, e que estava perto da costa, o que era indicado pelas gaivotas, mas não podia reconhecer a si mesmo nem a seus entes queridos?

Evidentemente, tinha chegado o momento de fazer perguntas e exigir respostas.

Ao pensar nas pessoas que tinha visto até o momento, decidiu que a pessoa certa para interrogar era Amelia. Seus pais, e o fato de não poder reconhecê-los o deixava perplexo, pareciam muito frágeis; ao contrário, via Amélia como uma mulher forte, inclusive desafiante. Sua atitude com ele era vacilante, mas indubitavelmente era forte.

Sentiu curiosidade a respeito daquela mulher. Que relação tinha com ele? Eram amantes? A idéia o fez sorrir. Fervorosamente, esperava que tivessem sido e que voltassem a ser. Era difícil para ele tirar os olhos dela, e também a tinha surpreendido observando-o. Havia algo entre os dois, algo que estava desejando descobrir.

Ryder se virou quando a porta abriu. Um homem de alto e com o cabelo curto e grisalho entrou no quarto.

— Ah, vejo que está acordado — disse o homem.

— Conheço você? — perguntou Ryder sentindo-se nu com aquela camisola do hospital aberta nas costas.

— Não, não nos conhecíamos — respondeu o homem, que se o casaco para mostrar um distintivo de policial —. Sou o detetive Hill e vim lhe fazer umas perguntas.

Ryder sacudiu a cabeça e, devagar, voltou para a cama.

— Aviso a você que estou às escuras a respeito de quase tudo.

— Sim, já ouvi dizer que sofre de amnésia — respondeu Hill. Ryder franziu o cenho enquanto se cobria com as roupas de cama. Sua cabeça ainda doía; mas, no geral, se sentia muito bem.

— Por que parece duvidar disso? O detetive sorriu.

— Porque é um momento muito oportuno para sofrer amnésia. Pelo que entendi não se lembra nada sobre o acidente.

— Exato — disse Ryder sentindo uma repentina

ira — . O que é deveria lembrar, detetive Hill?

— Bom, para começar, de seu irmão.

— Me disseram que tenho um irmão que se chama Philip. Pelo que entendi, tinha acabado de partir em viagem de lua de mel quando ocorreu o acidente. Partiu novamente durante o coma, por isso ainda não o vi; entretanto, não compreendo o que tem a ver com isto.

— Me referia a seu outro irmão — disse Hill —, seu irmão gêmeo. Que morreu no acidente quando caíram no barranco.

Para Ryder parecia que o coração lhe tinha deixado de bater. Um irmão gêmeo? Sacudiu a cabeça, convencido de que aquele homem estava mentindo. Ninguém tinha mencionado um irmão gêmeo morto no acidente.

Mas Hill o olhou com gesto desafiante. Não, o policial não mentia.

Ryder voltou a se sentir como se o coração tivesse parado. Um irmão gêmeo. Tinha perdido um irmão e nem sequer se lembrava. Sentiu-se irritado, triste e furioso. Sentiu-se vulnerável. Por que ninguém lhe disse nada?

Sentiu o olhar hostil de Hill. Que olhasse. Ryder não tinha nada a esconder, o única coisa que tinha que fazer era encontrar-se.

— O que pretende? — disse Ryder por fim.

— Ou você é um grande ator, ou está dizendo a verdade. Seriamente não lembra de nada?

— Talvez seja um grande ator que, ao mesmo tempo, não lembra de nada — respondeu Ryder —. Você sabe tanto quanto eu sobre mim mesmo, sobre quem ou o que sou.

A porta se abriu e a doutora Solomon entrou no quarto com uma prancheta na mão. No instante em que viu Hill, disse:

— Lembro perfeitamente ter dito a você que esperasse alguns dias até que o jovem recupere a memória. Vai me obrigar a colocar seguranças na porta?

O detetive elevou as mãos.

— Passava por aqui e decidi fazer uma visita...

— Disse a você que sofre de amnésia.

— Queria ver com meus próprios olhos — respondeu Hill olhando Ryder—. Às vezes, aos médicos escapam coisas que jamais escapariam a um policial.

—Saia daqui imediatamente —disse a doutora secamente.

—Voltarei, senhor Hogan. Conte com isso — disse o policial antes de sair.

Amelia, que parecia estar no corredor, entrou

imediatamente, fechou a porta atrás de si e se apoiou nela. Sua postura fez com que a saia marcasse o ventre e, de repente, Ryder se fixou no abdômen volumoso. Estava grávida? Se estivesse, isso acrescentava uma nova dimensão a sua relação.

— O que esse homem disse a você? — perguntou Amelia. Ryder olhou Amelia, e em seguida a doutora e mais uma vez para Amelia.

— Me disse que eu tinha um irmão gêmeo que morreu no acidente.

As duas mulheres se olharam.

— Então, é verdade, não é? — acrescentou Ryder.

A doutora Solomon assentiu.

— E ninguém pensou em me dizer isso! Tenho que saber o que aconteceu.

— Foi um acidente de carro. Você sobreviveu, mas Rob não — respondeu Amelia,

— Rob — disse Ryder, desejando com todo seu coração que aquele nome significasse algo para ele —. Éramos idênticos?

— Sim — respondeu Amelia com voz suave. Olhando para a doutora, Ryder disse:

— Como é possível que fôssemos gêmeos e que nem sequer lembre dele?

A doutora Solomon tocou no seu braço.

— Dê um tempo a si mesmo. Provavelmente deveria se alegrar de, no momento, não ter que enfrentar a dor que isso produzirá.

— Me alegrar — murmurou Ryder.

Por caso alguém sabia o quanto era aterrador aquele vazio na memória?

A doutora lhe deu um pequeno copo de papel que continha três comprimidos. Enquanto servia água em um copo, acrescentou:

— Já teve excitação suficiente por hoje, agora durma. Talvez, quando acordar, tenha recuperado a memória.

— Isso é o que o doutor Bass me disse — respondeu Ryder —, só que com palavras mais complicadas.

— O doutor Bass é psicólogo e os psicólogos utilizam palavras complicadas para tudo — comentou a doutora Solomon com um sorriso.

Ryder tomou os comprimidos. A verdade era que estava cansado das pessoas ficasse olhando-o, esperando que se lembrasse de quem eram, que lembrasse de algo. Além disso, admitiu para si mesmo que a visita do Hill tinha preocupado-o.

Entrou uma enfermeira e mediu a temperatura e a pressão. Por fim, a doutora Solomon lhe deu umas palmadas nas pernas e saiu do quarto em

companhia da enfermeira. Amelia afofou os travesseiros e, enquanto isso, Ryder teve a impressão de que ela estava evitando olhar para ele.

Agarrou seu braço enquanto se recostava nos travesseiros. A pele de Amelia era tão suave quanto cetim. Ryder se perguntou quantas vezes a havia tocado no passado, e que tipo de emoções despertava nela agora. Excitava-a tanto quanto ela excitava a ele? A julgar pela forma como Amelia cravou os olhos em suas mãos, a resposta era redondamente um não.

— Eu gostaria de fazer algumas perguntas a você — disse Ryder.

— Como o que?

— Para começar, onde estamos? Quero dizer, de verdade.

— Em Seaport, Oregon. No quarto trezentos e cinco do hospital Bom Samaritano.

— Como ganho a vida?

— É advogado da empresa de advogados Goodman, Todd e Randers.

— Sou advogado? — disse ele com voz incrédula.

— Segundo Bill Goodman, é um advogado extraordinário. Costuma trabalhar como advogado de defesa nos julgamentos. Nos conhecemos

quando pedi sua ajuda para arrumar os assuntos do meu pai quando morreu.

Ryder tentou se imaginar em um julgamento. Tentou se imaginar defendendo um assassino, lhe havendo a um jurado, aproximando-se de um juiz. Sabia que os advogados faziam essas coisas... Mas não se via naquele papel.

— Isso não te lembra nada? — perguntou ela. Ryder sacudiu a cabeça devagar.

— Não, nada.

— O ramo de rosas quem mandou foi Miles Flanders. Disse que não se preocupasse pelo caso Dalton, que já têm outros trabalhando nele.

Ryder se deu conta de que Amelia estava esperando que aquilo trouxesse alguma lembrança em sua memória. Foi inútil.

— Quem é você exatamente? — perguntou Ryder olhando-a com intensidade.

— Amelia...

— Já sei que você se chama Amelia, mas quem é? O que é para mim?

Ela encolheu os ombros.

— Somos amigos.

Ryder levou a mão de Amelia a boca e beijou seus dedos. Cheirava a flores silvestres e a sol, não a hospital. Desejou estreitá-la em seus braços e

saborear seus lábios, mas a expressão dela o fez se conter. Amelia olhava para ele como se estivesse louco.

— Amigos? Isso é tudo? — perguntou Ryder.

— Me pergunte outras coisas — disse ela com firmeza, retirando a mão —. Não, é melhor dormir, como disse a doutora.

Ryder decidiu não continuar pressionando-a... no momento.

— Tenho mais irmãos?

— Não. Tinha dois irmãos, agora só tem um, Philip.

— Era... muito unido ao Rob?

Ela respirou profundamente e hesitou.

— Vamos, Amelia. Estou em uma situação de desvantagem a respeito de todos os outros. Me diga a verdade, era unido com meu irmão?

Amelia tocou os úmidos olhos, passou uma mão pelo cabelo e disse:

— Não exatamente.

— Por que?

— Não estou segura.

— Não está falando a verdade — ele disse.

Amelia sacudiu a cabeça e, pela primeira vez, Ryder pensou que a via esgotada, tanto física como psiquicamente.

— Está grávida, não é?

Ela hesitou um instante antes de assentir.

Sonolento, Ryder passou uma mão pelo rosto e fechou os olhos uns segundos. Maldição, os comprimidos as estavam começando a fazer efeito! Justo agora que a conversa ficava interessante.

— Quem é o pai?

Ela ficou olhando para ele.

Por fim, respondeu:

— Não quero falar disso.

— Mas...

— Por favor, não volte a me perguntar isso.

Ryder queria extrair a verdade dela, mas as pálpebras pesavam uma tonelada. Enquanto o mundo se apagava ao seu redor, procurou algo em que apegar-se. O único que encontrou foi um par de olhos cinzas.

— Já se passaram quase duas semanas — disse a doutora Solomon.

Sentado a seu lado estava o doutor Bass, um homem de cinquenta anos, de cabelos pretos e bigode elegante. O doutor Bass fixou o olhar no grosso arquivo de R. Hogan.

— O que nos leva a crer que esta amnésia vai durar mais do que tinha pensado no início — acrescentou a doutora Solomon.

Amelia olhou Jack e Nina, que estavam sentados a seu lado ao redor da mesa de reuniões. Ambos pareciam a ponto de desmaiar; coisa que, por diferentes razões, ocorria a ela também. Desde que recuperou a consciência, Ryder havia se apoiado nela; mas o esforço de manter-se amistososa, mas distante, estava deixando-a esgotada.

— Fisicamente, está se recuperando muito bem — disse a doutora Salomón.

— Em minha opinião, a amnésia pode ser o resultado do trauma produzido pelo acidente e a morte de seu irmão — disse o doutor Bass —. Em outras palavras, o sentimento de culpa do sobrevivente.

— Mas tivemos muito cuidado para não dizer nada — interpôs Nina.

— Acredito que nem sabe que estava dirigindo — acrescentou Jack.

— Esteve fazendo perguntas para mim muito difíceis de responder — disse Amélia —. Tenho feito todo o possível para responder da forma mais positiva possível, como você sugeriu.

O doutor Bass se inclinou para frente.

— Entretanto, o subconsciente, sabe. A amnésia pode ser um mecanismo para proteger-se da verdade. Mas não quero que, no momento,

ninguém fale com ele sobre este assunto do sentimento de culpa.

— Falei com o promotor do distrito — anunciou a doutora Solomon—. Expliquei a ele o estado em que Ryder se encontra e concordou em não apresentar nenhuma denúncia até que Ryder recorde quem é e o que aconteceu naquela noite. Além disso, tenho que confessar que soube que as amostras de sangue que tiraram de Rob e Ryder na clínica não poderão ser utilizados. Uma enfermeira tirou sangue deles, mas aconteceu alguma coisa em seguida e foi um verdadeiro desastre que deixou imprestáveis as amostras.

— Não é a primeira vez que temos problemas com essa clínica — disse o doutor Bass.

— É uma clínica pequena, afastada, e falta pessoal. Enfim, não acredito que o promotor tenha muito no que se apoiar. Além disso, com os contatos do Ryder, não terá nenhum problema legal.

— Já falamos com o senhor Flanders — disse Nina —. Disse-nos algo muito parecido ao que você acaba de dizer. Também disse que todos do escritório estão sabendo que têm que ser discretos em relação aos detalhes do que aconteceu.

— Certo — disse o doutor Bass —. Agora, quero que o levem para casa. A sua casa, senhor e

senhora Hogan, ao quarto onde dormia quando era criança.

Nina soltou um gemido.

— Vendemos a casa há alguns meses e nos mudamos para um condomínio — explicou Jack —. Não podia continuar mantendo-a...

— Jamais pensamos que algo assim pudesse ocorrer — interrompeu Nina.

— Exato — disse Jack com olhos muito tristes, esfregando o queixo —. Rob foi embora faz anos. Estudou Direito na Califórnia e, depois de licenciarse, abriu um escritório de advogados lá. Tinha uma casa em São Francisco. Ryder estudou Direito em Oregon, mas saiu de casa faz cinco anos. Faz um ano se mudou para uma casa nova. A verdade é que não o víamos muito.

— Principalmente, desde que vocês terminaram — acrescentou Nina olhando para Amélia.

— Sim, é verdade — acrescentou Jack —. Depois disso, quase não o vimos.

— Dizia que estava muito ocupado — comentou Nina em tom de ligeira recriminação.

Amélia sentiu vontade de gritar: «Seu querido filho me deixou, não o contrário! E não ia vê-los porque estava muito ocupado dormindo com

qualquer mulher que encontrava, dessa forma não joguem a culpa em mim!».

— Nesse caso, deve voltar para lá — declarou o doutor Bass —. Talvez isso o ajude a recuperar a memória. E você, senhora Hogan, será melhor que passe um tempo com ele. Amélia se surpreendeu ao ver Nina baixar a cabeça com os olhos cheios de lágrimas.

— Não posso — respondeu Nina por fim.

— Deixa disso, querida — disse Jack.

— Não — repetiu Nina olhando para o marido. Depois, olhou os médicos—. Temos que ir a São Francisco cuidar dos assuntos do Rob, o que estivemos atrasando muito tempo. Já fizemos os preparativos para partir amanhã. — Posso ir sozinho — disse Jack —. Você fica aqui com o Ryder.

Nina sacudiu a cabeça e em seguida olhou para Amélia.

— Sei que é pedir muito, Amélia, mas... não poderia ficar com o Ryder durante algumas semanas? Se houver alguém que pode ajudar a meu filho a recuperar a memória, esse alguém é você — então, Nina se virou para os médicos —. Não é verdade? Não seria melhor que a mulher por quem meu filho está apaixonado fique com ele?

— OH, Nina, não tem idéia do que está me pedindo — disse Amelia.

— Sim, sei perfeitamente-respondeu Nina com firmeza.

Amelia compreendeu o que Nina estava tratando dizer: se seu marido ia sozinho a São Francisco enfrentar a triste tarefa de arrumar as coisas de seu filho morto, temia que isso fosse muito para seu frágil coração. Nina estava diante de um dilema, escolher entre seu marido ou seu filho, e estava dizendo a Amelia quem tinha escolhido. Estava pedindo a Amelia que ocupasse seu lugar estivesse ausente.

Amelia estava encurralada entre a imagem falsa que Ryder tinha apresentado diante de seus pais e o verdadeiro Ryder, que há apenas umas semanas antes a tinha desprezado. Seu coração se encolheu ao pensar em voltar com Ryder a seu apartamento. Não havia voltado desde a noite em que fizeram amor, a noite que geraram seu filho.

Por fim, Amelia respondeu:

— Está bem, ficarei com ele durante algumas de semanas.

— Ótimo! — exclamou o doutor Bass —. Pensando bem, você é a pessoa perfeita. Quero que o ajude a recuperar o passado. Mostre a ele fotos,

leve-o a seus lugares favoritos, fale de como se apaixonaram. Não sabemos o que é que pode fazê-lo recuperar a memória; portanto, abra o maior número de portas possíveis, exceto os detalhes do acidente em que seu irmão morreu. Eu prefiro ele lembre disso sozinho.

— E o que devo dizer a ele a respeito do bebê?

— Diga a verdade — respondeu o doutor Bass.

Jack sorriu esperançoso e Nina secou as lágrimas com um lenço. Somente a doutora Solomon olhou para Amelia como se compreendesse a dificuldade daquela tarefa.

— Está bem, vou fazer o que puder — respondeu Amelia.

Para si mesma, acrescentou: «Duas semanas. Poderei agüentá-lo durante duas semanas. Depois, vou embora».

Capítulo 4

Ryder fez o trajeto para sua casa tentando se lembrar dos edifícios pelos quais passaram, do rio que cruzaram, qualquer coisa.

— Aí é onde você trabalha — disse Amélia apontando uma elegante casa vitoriana no coração do bairro comercial de Seaport. O quarteirão estava tomado de casas similares, todas ocupadas por empresas. Ryder viu uma empresa de seguros, um abrigo para mulheres, os escritórios de uma associação de proteção ao meio ambiente e, na esquina, sua empresa: Goodman, Todd e Flanders. Evidentemente, ainda não era sócio da empresa.

Como sabia disso?

— Seu escritório fica de frente a esta rua, fica no segundo andar.

— Não me parece familiar — murmurou Ryder ao fim de uns segundos.

— Talvez reconheça seu apartamento.

Ele assentiu, mas fez isso por Amélia. Começava a ter medo de que nada voltasse a ser familiar, e o surpreendeu descobrir que começava a sentir falta do hospital. Ao menos, ali, conhecia

algumas enfermeiras e aos médicos que o tinham atendido.

Descobriu que vivia em um elegante apartamento com vista para a baía. Devia ser um ótimo advogado para poder se permitir viver ali. Depois de insistir em levar a mala de Amelia, subiu atrás dela um lance de escadas.

Amelia abriu a porta do apartamento com as chaves dele. Enquanto Ryder se detinha na entrada, como uma visita, Amelia cruzou a casa e abriu as cortinas, mostrando uma grande e arejada sala de estar.

—Nada? —perguntou ela ao mesmo tempo em que se virava.

Ryder sacudiu a cabeça. Descobriu que vivia em um mundo opulento de tapetes espessos, madeiras nobres e mobília elegante. Uma fina capa de pó cobria as superfícies.

Ao olhar ao seu redor, pela primeira vez, sentiu algo parecido a estar em casa. Não lembrava ter comprado o sofá branco, mas gostava dele. O mesmo acontecia com o tapete de lã e a aquarela do porto que pendia de uma parede.

Ryder suspirou profundamente. Amelia estava diante da janela, a luz do sol iluminava seu corpo magro e fazia seus cabelos dourados brilharem.

Usava um short preto e uma camisa branca. Suas pernas cumpridas estavam nuas e calçava sandálias de couro de tiras finas. Ryder a olhou de uma forma puramente masculina. Desde a primeira vez que a tinha visto no hospital, havia tido fantasias eróticas com ela.

A memória era uma coisa estranha. Embora não recordasse de nenhuma mulher em especial, sabia que tinha feito amor. O que não sabia era se Amelia e ele tinham feito amor antes, já que ela se mostrava tão distante.

Afastando esses pensamentos com um movimento de cabeça, lançou-se à tarefa mais urgente. Entrou na cozinha e encontrou os armários modestamente providos com artigos exóticos, embora fosse possível comer todos eles logo após tirá-los da lata ou pote. O móvel com o equipamento de som possuía vários discos. A agenda estava cheia de nomes, endereços e telefones; ao que parecia, tinha muitos amigos, embora à maioria fossem mulheres.

A secretária eletrônica tinha uma luz vermelha acesa e, automaticamente, apertou a tecla correta para receber as mensagens. Uma voz gutural pedia que ligasse assim que fosse possível, Ryder surpreendeu Amelia observando-o enquanto

recolhia as mensagens de uma mulher atrás de outra. Ao final, Ryder desligou a secretária eletrônica.

— Parece que tenho uma vida social intensa — disse ele.

Amelia arqueou as sobrancelhas.

No dormitório principal havia uma enorme cama coberta com uma colcha bonita. Amelia, que o havia seguido na inspeção da casa, deteve-se na porta. Quando Ryder se sentou na cama, ela desviou o rosto, subitamente corado. Estava envergonhada porque havia se deitado com ele naquela cama ou porque queria fazer isso outra vez? Ryder esperava que fosse o último, mas teria apostado que se tratava da primeira opção.

No armário encontrou um grande número de paletós, ternos informais, pulôveres de cashemere, sapatos, gravatas e outros artigos, todos eles extremamente caros. Nada parecia familiar.

Amelia tinha retornado para a sala de estar. Ryder se juntou à ela, detendo-se diante de umas estantes para vinhos que pareciam conter marcas caras. Ryder agarrou uma das garrafas, um cabernet colheita de setenta e nove. Sabia que era uma marca boa, sabia que era uma colheita excelente, mas não tinha idéia de como sabia disso.

— É melhor que não beba — disse Amélia —. A doutora Solomon disse que espere alguns dias por causa da sua cabeça...

Ele fez um gesto impaciente com a mão.

— Minha vida se reduz a isto?

Amelia pareceu extremamente surpresa.

— O que quer dizer?

Ryder voltou a colocar a garrafa na estante.

— A geladeira está vazia, com exceção de três garrafas de champanhe. O armário está cheio de roupas. Minha agenda está cheia de nomes de mulheres, e isso sem mencionar as mensagens telefônicas, nem os vinhos. Pense nisso, Amelia. Acrescente-se a isso o equipamento de música e minha vida parece girar em torno do álcool, das mulheres e da música. Sou apenas isso?

Amelia mordeu os lábios e Ryder sentiu vontade de abraçá-la. Queria estabelecer um laço de união com ela. Sentia-se sozinho e desolado.

— Não, claro que não — respondeu ela por fim —. É um magnífico advogado. Trabalhou de graça para o abrigo de mulheres pelo qual passamos. As pessoas o admiram. Você gosta das coisas boas.

— Isso eu já notei.

— Deve ser... muito estranho se sentir assim — acrescentou Amelia —. Todos somos desconhecidos

para você e sua própria casa é um mistério.

Ryder detectou uma nota de compaixão na voz de Amelia. Compaixão era a última coisa que queria dela.

– Quem é você, Amelia? Por que está aqui?

– Seus pais...

– Sim, sim, já sei. Meus pais tiveram que ir para a Califórnia solucionar os assuntos do Rob. Também sei que Philip está em uma viagem de negócios. Mas poderiam ter contratado uma enfermeira ou alguém para me fazer companhia, não? Por que você?

Amelia sacudiu a cabeça.

– Fui eu quem a engravidou, não foi?

Amelia levantou a cabeça e o olhou nos olhos.

– Sim.

– Nesse caso, por que não estamos casados?

Amelia voltou a ficar em silêncio. Ryder se deu conta de que estava tentando procurar respostas que não o desagradassem, e isso o irritou.

– Maldita seja, Amelia, me diga a verdade!

– A verdade, Ryder? É isso o que realmente quer?

– Sim – respondeu ele sem vacilar.

Mas, de repente, as dúvidas o assaltaram. Era tão desumano que as pessoas próximas a ele tinham

medo de falar sobre ele?

— Está bem, vou te dizer a verdade — respondeu Amélia —. Sim, você me engravidou. Terminamos antes de descobrir que estava grávida, já fazem quase seis meses. A verdade, Ryder, é que não me ama e tampouco quer ter este filho. A respeito do porque estou aqui... é uma boa pergunta.

Amelia deu a volta para se afastar dele, mas Ryder segurou seus ombros.

— Se era tão descarado, por que saiu comigo?

Amelia virou a cabeça para olhá-lo. Ryder quis secar suas lágrimas, mas ela mesma fez isso com dedos trêmulos.

— No princípio não era.

— Fico feliz em ouvir isso.

Amelia afastou o rosto.

— Meu pai tinha acabado de morrer e eu estava muito... deprimida. Você se mostrou compreensível e amável comigo.

— Mas não por muito tempo?

— Não — respondeu ela com voz apenas audível.

— O que aconteceu?

Amelia encolheu os ombros antes de responder.

- Conseguiu o que queria.
- Consegui o que queria. Ah, quer dizer que fizemos amor e depois...
- Depois perdeu o interesse por mim.
- Acho impossível de acreditar nisso – disse Ryder olhando fixamente aqueles incríveis olhos cinzas – . Está certa disso...?
- As pessoas gostam de falar.
- O que significa isso?
- Depois que terminamos, comecei a ouvir coisas.

Com medo, Ryder perguntou:

- Que tipo de coisas?
- Não quero falar sobre isso com você; Ryder...

- Que tipo de coisas?
- Bom... que saía muito, que tinha muitas namoradas ao mesmo tempo... Fazia e dizia o que lhe convinha com o intuito de conseguir o que queria, mas em seguida se aborrecia disso. Coisas assim.

– Certo, sou um ganhador – comentou-o enquanto dava voltas no anel que usava no dedo anelar da mão direita. Tinham dado o anel a ele no hospital, haviam dito que era dele; mas, como todo o resto, era algo desconhecido.

— Mas tenho que confessar que, quando estava comigo, foi maravilhoso.

— Parece promissor.

— Mandava flores constantemente e, em uma ocasião, enviou a escola um palhaço com vários balões. As crianças adoraram.

— E para você?

— Para mim também — sussurrou ela —. Foi... é muito inteligente e culto...

— Culto? Não vejo muitos livros por aqui.

— Estão todos no quarto de hóspedes, em caixas ou nas estantes. Você lê tudo o que cai em suas mãos: ficção, história, poesia, religião, política... tudo.

Ryder sentiu uma súbita excitação. Lembrava de ler. Adorava ler. Instintivamente, dirigiu o olhar para um canto da sala de estar e encontrou uma ampla poltrona de couro com uma banqueta estofada para pôr os pés. Era o lugar perfeito para ler, um lugar que sabia que existia antes de vê-lo.

Havia um livro em cima da mesa e o levantou. Era uma coleção de poemas de amor, havia uma página marcada com um marcador de um estabelecimento chamado Pepper's Place. O nome não lhe disse nada.

— Ryder, você está bem? — perguntou Amelia.

Ryder, frustrado, sacudiu a cabeça. Olhou o poema e as imagens pareceram vivas e eróticas a ele. Sentiu um ligeiro enjôo quando afastou os olhos daquelas palavras para pousá-los no rosto daquela mulher. Fechou o livro e o deixou onde o tinha encontrado.

— Não se preocupe, não é nada.

— Por um momento me deu a impressão de que recordava alguma coisa.

— Não é nada! — disse ele. Ela baixou a cabeça.

Imediatamente, Ryder se arrependeu de ter falado com ela com tanta brutalidade.

— Me perdoe, Amelia. Por um segundo, achei que algo me parecia familiar. Perder a memória é como um pesadelo.

— Sim — disse ela.

Ryder tragou saliva e acrescentou:

— Sinto ter sido um descarado. Sinto ter feito mal a você, de ter usado-a e enganado.

— Não se preocupe, superei isso — respondeu Amelia.

— Agora compreendo por que se mostra tão distante e receosa comigo.

Amelia assentiu. Parecia estar tão só como ele se sentia. Ryder se perguntou como podia fazê-la ver que o antigo Ryder, o homem que tinha feito

essas coisas, não existia mais.

— Não tem idéia do que é ouvir tudo isto sobre si mesmo. Não me interprete mal, não estou pedindo sua compaixão, nem sequer perdão; entretanto, durante o tempo que passarmos juntos, peço a você que tente me ver como sou agora.

— E não como foi antes ou como voltará a ser no futuro?

— Está escrito em algum lugar que tenho que voltar a ser o que era?

— Não tenho nem idéia.

— Eu também não. Entretanto, talvez esta seja a oportunidade da minha vida de mudar, para me converter em uma melhor pessoa.

Amelia pareceu duvidar. Por fim, respondeu:

— Está bem, vou tentar.

— Obrigado.

A viu recuperar a compostura, adotar uma atitude de autoproteção. Agora compreendia os motivos, mas compreender não significava que tivesse gostado.

— Enquanto isso, teremos que trabalhar — anunciou Amélia —. O doutor Bass quer que você se familiarize com seu passado, passo a passo. Sua mãe me deu um álbum de fotos antigas e também uma lista com os lugares que você gostava de ir

quando era pequeno. Em um instante, iremos fazer compras e compraremos comida que sei que você gosta. Também teremos que ir a seu escritório. Enfim, por onde quer que comecemos?

Ryder respondeu com absoluta honestidade.

— O que você acha de me dar um abraço? Amelia ficou olhando para ele um momento, mas não respondeu.

— Amelia, fui eu quem a deixou grávida. Você mesma me disse que vou ser pai. No entanto, pelo que sei, jamais te dei um abraço — Ryder abriu os braços —. Vem por favor.

Por fim, Amelia decidiu entrar no círculo daqueles braços. Elevou uma mão e, com suavidade, tocou sua cicatriz na bochecha esquerda. Depois, o abraçou e Ryder apoiou o queixo na cabeça dela, fechando os olhos.

Ryder voltou a experimentar um sentimento de familiaridade. No fundo, sabia que abraçar Amelia Enderling era algo a que estava acostumado.

Amelia era formosa, terna, paciente e orgulhosa. Se ele era como ela havia dito que era, por que havia atraído uma mulher como Amelia? Talvez fosse nisso no que devesse se concentrar, talvez houvesse um aspecto de sua personalidade digno de ser salvo. Amelia tinha visto algo nele,

talvez pudesse ver outra vez.

Uns minutos mais tarde, quando Ryder foi tomar uma ducha, Amelia saiu para o terraço.

— Por que estou aqui? — disse ao seu filho.

Mas sabia a resposta àquela pergunta. Estava ali porque queria ajudar Jack e Nina, e proteger Ryder. Queria ajudá-lo a descobrir a si mesmo. Queria fazer o possível para salvar o pai de seu filho.

«Não vai ser fácil», pensou Amelia de repente.

Sabia que tinha que proteger-se a si mesma. Até mesmo em circunstâncias normais, Ryder podia ser encantador quando lhe convinha, por isso era tão difícil resistir a ele.

Mas aquelas não eram circunstâncias normais. Ao abraçá-lo, Amelia havia voltado a sentir uma pontada de dor. Durante uns instantes, se viu transportada ao passado. Havia uma perigosa atração entre eles, sempre tinha havido. Mas fazia meses que a tinha superado, e agora não ia cometer outro deslize.

Mas... A glória de seus braços! Ryder lhe havia dito que não se lembrava de tê-la abraçado; entretanto, suas próprias lembranças a faziam reviver mais que abraços. Mas uns minutos antes, ao abraçá-la, tinha sentido nele uma ternura que

nunca havia sentido antes.

O novo Ryder, a versão melhorada de Ryder, não tinha noção da realidade. Simplesmente, necessitava dela. Fosse ou não consciente disso, não mudava o fato de que era um oportunista. Sempre tinha sido. No momento em que ela deixasse de acreditar nele, teria que partir. Mas não aconteceria nada a ela, não sofreria, se sempre tivesse em mente que para ele era só um apoio, uma ajuda, nada mais.

Duas semanas.

A campainha da porta tocou. Esperou uns segundos no caso de Ryder ter saído do banho e fosse abrir; mas quando a campainha voltou a tocar, Amelia entrou outra vez no apartamento.

Ryder saiu do dormitório principal nesse momento. Estava nu, coberto apenas por uma toalha amarrada à cintura. Seu corpo era impressionante: costas largas e um torso forte que se estreitava até uma cintura magra. Umas gotas de água brilhavam nos pelos de seu peito. Devido às semanas que tinha passado no hospital, estava mais magro que a última vez que Amelia o tinha visto nu, mas a perda de peso não o havia deixado menos atraente.

— Eu vou abrir — disse ela olhando-o no rosto.

Ryder passou uma toalha pequena pelo cabelo

e a olhou com esses olhos escuros tão especiais.

— É minha casa, então suponho que seja melhor que eu abra.

— Como quer.

Ryder abriu a porta para uma mulher de meia idade com um cabelo encaracolado de um impossível negro azulado. Parecia irritada, embora, surpreendentemente, seu desgosto não se devesse a seminudez de Ryder.

Durante um instante, Amelia se perguntou se não seria a mãe enfurecida de alguma garota que Ryder tivesse deixado plantada.

— Sinto muito, senhor Hogan — disse a mulher.

— Não compreendo...

— Queria ter vindo antes para passar o aspirador e limpar o pó, como sua mãe me disse que fizesse; mas estive tão atarefada com meu outro trabalho que esqueci. Faz tanto tempo que não vinha que... Enfim, ao voltar para casa e me dar conta do que tinha feito, vim direto para cá. Já sei que não quer que fique aqui depois das cinco da tarde, e sinto muitíssimo incomodá-lo. Se preferir que volte amanhã, me diga e estarei aqui na primeira hora.

— Quem é você? — perguntou Ryder.

— Sou Ida Mac Culi, a pessoa que limpa sua casa — de repente, a mulher deu uma palmada na testa —. Oh, meu Deus, tinha esquecido. Sofre de amnésia ou algo assim, não é verdade?

— Sim, algo do tipo — comentou Ryder ironicamente.

— Então, não me reconhece? — perguntou a mulher.

— Não, sinto muito.

— Não se preocupe, senhor, não sou ninguém importante. Quero dizer que só venho aqui para limpar. Enfim, embora não se lembre, você me disse milhões de vezes que não viesse depois das cinco porque, freqüentemente, sua amigas o visitam — Ida Mac Culi olhou ao redor do interior da casa e viu Amélia —. Como agora. Oh, sinto muito...

— Não se preocupe — disse Ryder dando uma palmada no seu braço —. Apresento a você Amelia Enderling. Amelia vai passar um tempo comigo, até que recupere a memória.

— Sinto muito, senhor, não quis dizer que ela fosse uma de suas... Bom, já sabe, em seu estado... O quis dizer é...

Como Ida não parecia capaz de sair do atoleiro no que se meteu, Amelia decidiu intervir.

— Senhora Mac Culi, por que não entra e faz o

que tem que fazer? Dessa maneira, não terá que preocupar-se com isso amanhã.

— Bom, se ao senhor Hogan não achar ruim... Ryder, com um gesto, indicou-lhe que entrasse.

— Por favor, entre.

Ida se dirigiu diretamente à cozinha. Ryder se aproximou de Amelia e sussurrou:

— Vou me vestir e, se quiser, em seguida poderíamos sair para comer alguma coisa.

Amelia tratou de negar a si mesma o que o hálito de Ryder a fez sentir.

— Não está muito cansado para sair? — perguntou ela.

— É evidente que apavoro essa pobre mulher, assim vamos deixá-la em paz. Além disso, não comemos e estou certo de que, nessa lista, deve haver alguns restaurantes que se supõe que devemos visitar; dessa maneira, mataremos dois coelhos com uma cajadada só.

Ryder tinha razão. Além disso, não havia nada para comer na casa e Amelia não se animava em ir comprar. Por outro lado, agora que tinha recuperado o apetite depois de semanas de náuseas constantes, tinha fome e sabia em que lugar levá-lo.

— Também vou trocar de roupa. Ryder a olhou de cima a baixo.

— Acho que está fabulosa do jeito que está.

Amelia estreitou os olhos.

— Por que está me olhando assim? — perguntou ele.

— O velho Ryder não teria se importado de incomodar a mulher da limpeza, e tampouco estaria disposto a entrar em um restaurante comigo vestida assim.

— Sei, o velho Ryder ataca de novo.

— Já sei que prometi tratar de vê-lo como é agora, mas estou muito surpresa.

— Vou considerar um elogio.

— Sim, acho que — disse ela assentindo.

Como todos os fins de semana, o Mona Lisa estava a transbordar. Apesar disso, o encarregado, a quem Amelia conhecia do tempo em que tinha saído com Ryder, deu-lhes as boas-vindas com um enorme sorriso.

— Senhor Hogan, quanto tempo! — disse Enrico. Ryder apertou a mão que o homem estendeu com confusão no olhar. Enrico se voltou para a Amelia.

— A senhorita Enderling, não é? — saudou o encarregado, detendo-se no volumoso ventre de Amelia.

— Tem uma memória excelente, Enrico —

murmurou ela.

– Só quando se trata de clientes especiais.

– Tem muita gente – comentou Amelia.

– Os sábados sempre são assim – respondeu Enrico; depois, deu uma palmada no ombro de Ryder –. Meu amigo, soube do seu irmão. Meus mais sentidos pêsames.

– Obrigado – respondeu Ryder.

Enrico assentiu com a cabeça.

– E agora, se você e a senhorita Enderling esperarem um momento no bar, vou arranjar uma mesa para vocês. Esta noite, o jantar é por conta da casa. Não, não, insisto.

Enrico virou a cabeça, chamou a atenção do garçom que estava atrás do bar e acrescentou:

– Kevin, olhe quem está aqui. O garçom era um homem loiro que Amelia nunca tinha visto.

– O de sempre? – perguntou o garçom a Ryder antes de voltar-se para começar a preparar a bebida preferida de Ryder, uma enorme margarita.

Amelia pediu água mineral.

Ryder ficou olhando a taça que tinham posto na sua frente.

– É o que bebe sempre que vem aqui – disse Amelia.

– Eu gosto disto?

— Sim.

— Sou um homem de costumes tão rígidos?

— Sim — respondeu Amélia —. Quando vem aqui, sempre bebe margarita e come lulas fritas.

— Bom, as lulas não me parecem más — disse Ryder com um débil sorriso —. Sei que adoro lulas. Servem-nas com molho alioli?

— Sim, e são as melhores da cidade; bom, segundo você.

Ryder bebeu um gole da bebida e fez uma careta de desgosto.

— Bom, além disso se supõe que não devo beber álcool.

Afastando a margarita, Ryder pediu água mineral como Amelia. Ela se sentou em um banquinho, diante do balcão, com Ryder a suas costas, e cravou os olhos no espelho que havia na parede, atrás do bar. De repente, pareceu estar vendo uma fotografia tirada alguns meses atrás. Aquele era o primeiro restaurante em que tinham ido juntos.

— E aí? — perguntou Amélia, ficando de frente para ele.

Ryder olhou a seu redor. Era o tipo de estabelecimento que Ryder gostava: animado, próspero, da moda e caro.

— Suponho que deveria lembrar dele — comentou ele.

— Sim — respondeu Amelia assentindo.

— Pois não me lembra nada.

— Bom, não se preocupe.

— Não tem nem idéia de todas as coisas que me preocupam — disse Ryder —. Por exemplo, antes de vir para cá, dei uma olhada na minha carteira e descobri que tenho dúzias de cartões de crédito; nada de dinheiro, mas um montão de cartões de crédito.

— Sim, não acho estranho.

— E não tenho nenhuma foto sua.

— Também não me surpreende.

— Eu gostaria de ter uma foto sua. Amelia tragou saliva. Ia protestar, mas se conteve.

— Sim, de acordo.

— Por que o restaurante vai nos convidar para jantar?

— Porque é um de seus melhores clientes. Traz aqui muita gente para almoçar e também vem jantar regularmente.

— Vinha muito aqui com você?

— Trouxe-me aqui na primeira vez que saímos juntos — respondeu ela —. E depois, me trazia uma vez por semana.

Ryder sorriu.

— Alguma vez beijei você aqui? Amelia ficou pensativa um instante.

— Pensando nisso agora, a primeira vez que me beijou foi aqui, no bar.

— Tomara que eu pudesse me lembrar — respondeu Ryder com voz suave.

Durante uns instantes, mantiveram o olhar. Durante uns instantes, Amelia se perguntou o que faria se ele fechasse a distância que os separava e a beijasse. Sentiu uma inquietação nos lábios. Talvez um beijo o ajudasse a recuperar a memória, racionalizou ela ao dar-se conta de que Ryder estava pensando a mesma coisa e estava a ponto de se apoderar de sua boca.

Uma risada feminina rompeu a tensão sexual entre os dois. Ryder se virou para trás no momento em que uma loira de muitas curvas metida num vestido rosa apertado se postou do seu lado.

— Ryder Hogan! meu Deus, é você! Por que não respondeu ao meu telefonema?

— Eu fui...

— Oh, querido, ouvi um montão de coisas, mas acreditava que não queria me ver — a mulher se interrompeu um momento para olhar para Amelia, e se fixou em seu ventre de grávida. Então,

inclinando a cabeça com gesto de não lhe dar importância, aproximou-se de Ryder até roçar os seios em seu braço —. O que acha de uma festa você e eu esta noite em sua casa, meu anjo?

— Eu... não, esta noite não.

A mulher agarrou seu queixo e em seguida, depois de uma gargalhada gutural, disse:

— Essa cicatriz o deixa ainda mais atraente, querido — acentuou o comentário com um beijo nos lábios —. Me ligue, está certo?

— Sim — respondeu Ryder, e ficou olhando para ela enquanto se afastava —. Quem é?

— Como vou saber? — perguntou Amelia sem poder ocultar sua irritação —. Bom, você fica bem de batom, e asseguro a você que não há muitos homens que fiquem bem de rosa.

Ryder limpou a boca com um guardanapo de papel.

— Ela sim parece me conhecer.

— Se for rápido, conseguirá alcançá-la. Eu não pareço estar ajudando muito você a recuperar a memória, talvez ela tenha mais sorte.

— Está com ciúme?

— Você adoraria que estivesse, não é?

— Não sei. Você acha?

— Sim — respondeu Amelia com firmeza —.

Sim, você adoraria que estivesse com ciúmes. Não significaria nada para você, mas adoraria.

Ryder franziu o cenho; depois, para surpresa da Amelia, agarrou sua mão. Antes de se dar conta do que Ryder tinha em mente, começou a arrastá-la para a saída do restaurante. Céus! Ia realmente a seguir essa mulher? Dessa forma, por que levava a tiracolo uma mulher grávida?

Assim era o velho Ryder: imprevisível, egocêntrico e impossível.

— Espera! — exclamou ela.

Ryder abriu a porta do restaurante e a tirou dali.

Capítulo 5

Amelia parou no meio da rua.

— Ryder!

Ele se virou.

— O que foi?

Amelia se calou quando as pessoas que passavam pela rua se afastavam para ele passar. Ryder a agarrou pelo braço e a puxou para um lado.

— Insisto que, enquanto estejamos... juntos, tenha um mínimo de respeito comigo. Ryder arregalou os olhos.

— Respeito!

Enfurecida, Amelia endireitou os ombros.

— Não acredito que seja pedir muito ...

— Quando faltei o respeito com você?

— Ao ir atrás dessa mulher...

— Ao ir atrás dessa mulher? É isso que você acha que estou fazendo?

— Não é isso?

— Não, claro que não!

Amelia estreitou os olhos.

— Então, que demônios estamos fazendo aqui, Ryder?

Ryder começou a puxá-la para o carro. Por fim, deteve-se diante de uma vitrine que tinha caixas de música. Depois de uma pausa, disse:

— Precisava sair de lá.

— Por que?

— Pense, Amelia. Estávamos tão tranquilos, eu ia voltar a descobrir as delícias das lulas do Mona Lisa e você tinha começado relaxar; e, de repente, aparece essa mulher, tasca um beijo na minha boca e me chama anjo e querido. E tudo isso na sua frente.

Ryder olhou para os sapatos. Depois, voltou a elevar os olhos e acrescentou:

— E logo em seguida você me diz que, em um passado recente, eu teria gostado de vê-la com ciúmes e fazê-la sofrer, e que não teria me importado.

E com que sinceridade dizia isso! Era realmente sincero? Ou voltava a ser o velho Ryder, o manipulador? Mordendo os lábios, procurando uma forma de ser amável sem precisar cair na armadilha outra vez, Amelia respondeu:

— Eu não disse que me fazia sofrer. Ele esboçou um sorriso triste.

— Não, suponho que não.

— E você não parecia ficar chateado com seus cuidados.

— Seus cuidados? — repetiu ele em tom de zombaria —. É assim como você chama? Viu o garçom piscando o olho pra mim? Imagina o que uma pessoa sente quando está com uma mulher que engravidou e, de repente, aparece outra toda sorrisos e bajulações? Me senti como um descarado.

— Mas Ryder, é seu restaurante preferido. Além disso, não sabia que eu estava grávida até o dia do acidente. O que fez durante o tempo desde que terminamos até o acidente era assunto seu, não tinha nada a ver comigo.

— Espera um momento. O que disse, que você escondeu de mim que estava grávida?

— Bom...

— Supõe-se que isso tem que fazer com que me sinta melhor?

— Não quer que entremos novamente e jantemos?

— Não — respondeu ele com firmeza.

— Mas você adora o Mona Lisa...

— Talvez gostasse no passado, mas agora não. Além disso, acho que perdi o apetite. vamos passear um instante.

Amelia, tratando de ignorar a fome, sorriu. Mas seu sorriso tremeu quando Ryder segurou sua mão e a colocou no braço.

Ryder estava acordado deitado na cama. O calmante que Amelia tinha dado a ele ainda não tinha feito efeito, o que lhe deu tempo para pensar. O problema era que tinha pouco no que pensar; pelo menos, poucas coisas agradáveis.

Fechou os olhos e imaginou a si mesmo; então, um nome lhe veio à cabeça... Rob. Um homem fisicamente igual a ele e com os mesmos genes. Ryder conhecia poucos detalhes do acidente, os médicos haviam dito que queriam que ele lembrasse disso por si mesmo.

Seu irmão gêmeo estava morto, mas não sentia nada por ele, não chorava sua morte. Cresceram juntos. Sem dúvida, tinham rido juntos, brigado e enlouquecido amigos, professores e pais. Tinham inclusive escolhido a mesma profissão.

Entretanto, quando adultos, não estavam juntos. Viviam longe um do outro. No entanto, ao que parece, tinham compartilhado o amor à arte e à leitura. E, no final, no final da vida de Rob, iam ao mesmo lugar no mesmo carro. Pela primeira vez, perguntou-se que lugar era esse. Por que estava naquela estrada solitária no dia do casamento de Philip?

Pensou em Amelia. Durante uns segundos, no bar do restaurante, havia sentido um desejo

primitivo por ela. Tinha estado a ponto de beijá-la. Sentia que era sua instintivamente. Entretanto, o fato de que ela não queria pertencer a ele era cada vez mais óbvio.

Ryder ajeitou o travesseiro e voltou a deitar-se na cama; no entanto, o que queria era até o quarto de hóspedes e se meter na cama dela. Grávida ou não, era uma mulher muito sensual, uma mulher encantadora que despertava nele todo tipo de fantasias e emoções. Nesse caso, por que a havia deixado?

Bocejou. O comprimido, por fim, fez efeito.

Amelia acordou com dor de cabeça e uma vontade terrível de tomar um café.

Abriu sua mala e tirou um short branco, uma camisa azul e um tênis. Ia ser um dia ocupado.

Ao passar pelo espelho, deteve-se e olhou o seu perfil. Passou uma mão pelo ventre arredondado e sorriu.

Foi banheiro, jogou água fria no rosto, escovou os dentes e se penteou, mas não se maquiou. Que importância tinha que Ryder não a achasse atraente?

Em parte, para resistir a atração que Ryder exercia sobre ela, o melhor seria centrar-se em ajudá-lo a se recuperar, tratando de não pensar nele

como homem. E para isso devia deixar de ficar deitada na cama de noite sem dormir pensando que ele estava deitado no quarto ao lado. Devia deixar de pensar em seu corpo cativante sob os lençóis, em seus cabelos negros sobre o travesseiro. E nada de abraçar-se a ele com o fim de ajudá-lo a recuperar suas lembranças.

Nesse dia iriam redescobrir o passado do Ryder de um modo mais tradicional: fotografias, uma visita ao colégio, outra visita a casa em que cresceu, e coisas assim.

A porta do dormitório de Ryder estava ainda fechada, o que significava que, apesar dos calmantes, ele também tinha passado a noite inquieto.

Amelia se alegrou de ter um pouco mais de tempo para si mesma.

Entretanto, ao aproximar-se da cozinha, ouviu a porta da geladeira ser abrir. Ryder estava de pé. Ao vê-lo, surpreenderam-lhe duas coisas: que estivesse completamente vestido, com calça e casaco, e que tivesse uma dúzia de ovos em uma mão e um melão na outra.

Estava extremamente bonito. O casaco era cinza escuro ligeiramente pardo, e a camisa da mesma cor, mas um tom mais claro. A gravata, que tinha

dado de presente a ele no Natal anterior, era de seda marrom esverdeado. Amelia não pôde deixar de se perguntar se, subconscientemente, Ryder sabia que era um presente dela.

Quando Ryder se virou, olhou-a com expressão penetrante. Quando a loira o cumprimentou no Mona Lisa na tarde anterior tinha razão, a cicatriz o deixava mais atraente.

— Bom dia — disse ele.

Foi então que Amelia notou as sacolas de compra que havia em cima do balcão.

— Bom dia. Fez compras?

— Não havia nada de comida na casa — respondeu ele enquanto punha ovos, fruta e pão em cima do balcão —, exceto o caviar e as outras enlatadas. As mulheres grávidas, principalmente as que não jantaram de noite, precisam tomar café da manhã.

Amelia se surpreendeu de que Ryder mostrasse consideração a respeito de suas necessidades.

— Como encontrou o supermercado?

— O perguntei ao zelador, e ele pediu um táxi pelo telefone. As pessoas do supermercado me conhecem. Uma das empregadas me disse que era a primeira vez que me via comprar comida de verdade; ao que parece, só compro cerveja, vinho e

aperitivos. Outra empregada se ofereceu e me trouxe para casa de carro; durante o trajeto, me disse que era uma das vozes femininas que deixou uma mensagem na secretária eletrônica.

Amelia se apoiou contra o balcão.

— Estiveste muito ocupado esta manhã.

— Sim, eu que o diga.

Amelia encontrou um pacote de café moído e o tirou do armário. A cafeteira estava no corredor de pratos.

— O que está fazendo? — perguntou Ryder ao mesmo tempo que se aproximava dela.

— Vou fazer café.

— Obrigado, mas não quero café.

— Está bem, vou preparar para mim.

— Está grávida, não pode tomar café.

Amelia fingiu surpresa.

— Sério? Quer dizer que não estou apenas gorda?

— Ha, ha, muito engraçada.

Enquanto colocava café na cafeteira, Amelia acrescentou:

— O médico me disse que posso tomar uma xícara pela manhã. Já sei que não se lembra, mas, pela manhã, não me sinto humana até tomar duas xícaras de café; assim tomar uma é um grande

sacrifício que faço por meu filho.

— Por nosso filho — corrigiu Ryder olhando seu abdômen.

Ela levantou olhos para ele e voltou a fechar o pacote de café.

— Nosso filho — repetiu Ryder.

— Sim, nosso filho.

— Temos que conversar falar sobre esse assunto.

Amelia sentiu seu estômago dar uma volta ao ouvir as palavras de Ryder. Imediatamente, jogou água na cafeteira e a pôs no fogo antes de se virar para ele.

— Do que é que temos que conversar, Ryder?

— De como vamos criar nosso filho.

No passado, Amelia teria dado qualquer coisa para ouvir essas palavras, mas agora a assustavam. Não estava acostumada à idéia de compartilhar seu filho. O filho dela. Parte de seu corpo e de sua alma. Ainda não havia dito a Ryder que, assim que seus pais voltassem de São Francisco, ela ia para Nevada.

— Fiz que ficasse triste — disse ele.

— Não...

— Você não sabe mentir.

Amelia sacudiu a cabeça. Esteve a ponto de responder que, sem dúvida, ele sim sabia mentir;

entretanto, isso teria sido um golpe muito baixo.

— Deixe que eu tome um primeiro café, por favor. Além disso, como você sabe que a cafeína pode danificar o feto?

Ryder encolheu de ombros.

— Não tenho nem idéia. Talvez tenha lido em algum lugar.

— Mmmmm.

— Tive sorte de poder pagar com cartão de crédito o supermercado e o taxista, porque também não tenho idéia de qual é o código do cartão. Sabe você?

— Claro que não. Mas no quarto que estou dormindo há um escritório, suponho seus papéis estejam lá.

— Olharei mais tarde. Bom, que plano temos hoje?

— Como está se sentindo?

— Tão bem que vou tomar uma aspirina em vez desses comprimidos que me deixam atordoado.

— Ótimo. Nesse caso, poderíamos ver o álbum de fotos ou poderíamos ir dar um passeio de carro.

— Prefiro o passeio.

Amelia se serviu de café enquanto Ryder olhava as frutas.

— De qual eu gosto mais, o melão ou a toranja?

— perguntou Ryder.

— Você gosta das duas coisas.

Como o carro de Ryder tinha ficado destruído no acidente, usaram o carro de Amelia. Depois das perguntas que Ryder fez naquela manhã sobre a criação de seu filho, alegrava-se de ter guardado a maioria de seus pertences na garagem de uma amiga. Ainda tinha algumas caixas no porta-malas do carro; mas a menos que um pneu furasse, Ryder não as veria.

Foram diretamente ao centro de Seaport, no colégio em Ryder tinha freqüentado quando era criança. Como ainda era agosto, as aulas não tinham começado; portanto, o colégio estava praticamente deserto.

— Sua mãe me disse que estudou aqui até os dez anos.

— Não me lembro de nada — lhe disse ele.

— É um colégio muito agradável. Eu fiz meu estágio de professora ali, na última sala do prédio.

— Aposto é uma professora magnífica.

— Por que diz isso? Ryder sorriu.

— Porque é carinhosa, compreensiva e terna, e tem senso de humor. Também tem aspecto de anjo, e a voz, embora firme, suave. E seu cabelo é como um raio de sol.

— Meu deus —disse Amelia, um pouco assustada —. Enfim, espero que tenha razão no que diz respeito a ser uma boa professora. Não pode imaginar o quão divertidos e criativos que podem ser as crianças de cinco ou seis anos. Estou desejando que a minha seja assim.

— Pois me parece que terá que esperar cinco anos — disse Ryder olhando seu ventre. Depois, olhou a lista das coisas que tinham que fazer —. Vamos ao colégio onde fiz o ginásio.

Com Amelia ao volante, percorreram três quilômetros através de um labirinto de ruas; por fim, chegaram a uma cerca. Estavam na parte posterior do edifício, diante da quadra onde uns meninos estavam se preparando para jogar uma partida de basquete.

— Me pergunto se alguma vez joguei aqui no verão — comentou Ryder. Amelia olhou a lista.

—Sua mãe anotou que jogava basquete e beisebol.

— Volto logo — disse ele saindo do carro.

Amelia o viu atravessar a entrada da cerca e aproximar-se dos meninos. Depois, o viu tirar o casaco e subir as mangas da camisa. Um dos meninos lhe deu um taco de beisebol, e Ryder o agarrou. Atiraram-lhe uma bola, mas errou. Acertou

a segunda que atiraram, e a lançou na metade do campo. Depois da pequena prova que impôs a si mesmo, Ryder conversou com os meninos, recolheu seu casaco e voltou para o carro.

Jogou a jaqueta no assento traseiro e, quando se sentou, lançou um profundo suspiro e sorriu. Algo em sua expressão fez Amelia pensar que tinha recordado de quem era.

Surpreendeu-a descobrir a ambigüidade de seus sentimentos a respeito disso. Se Ryder se redescobrisse, também lembraria o que sentia por ela. Amelia esperava não estar em um carro pequeno ao lado de Ryder quando chegasse esse dia.

E quando chegasse esse dia, provavelmente teria que partir e talvez não voltasse a vê-lo nunca mais,

Talvez.

Talvez não.

Mas se Ryder não recuperasse a memória...

Amelia se sentiu muito confusa.

Nervosa de repente, disse:

— É evidente que lembrou como rebater uma bola com um taco de beisebol.

— Sim, Desgraçadamente, é o única coisa que lembrei.

Então o sorriso só era devido o rebate da bola.

— E agora o que?

«Agora para casa», quis responder Amelia. Queria dar as chaves do carro e deixar que ele dirigisse pela cidade. Subitamente, sentiu-se zangada com Nina por ter abandonado seu filho e também com os médicos por ter sugerido aquele ridículo plano de ação.

Apesar do que estava pensando, sabia que nem os pais do Ryder nem os médicos eram culpados de nada, ela estava ali porque queria. O que tinha que fazer era ter claros seus motivos

— A escola para que foi fica a três quilômetros daqui. Depois da escola, você e Rob estudaram em Oakdale antes de terminar o curso de Direito em universidades diferentes.

— Onde fica Oakdale?

— À uma hora daqui de carro, para o leste.

— Nesse caso, em vez de ir a escola vamos a Oakdale.

Na metade do caminho entre a universidade e a escola universitária de Oakdale, Amelia reconheceu um letreiro e, bruscamente, girou o volante para a direita e tomou um desvio.

— Pegue a lista e olhe se a casa de seus avós estava em um lugar chamado Hillside Road — disse

Amelia. Olhando o papel, Ryder respondeu:

— Sim, no número mil duzentos e trinta e seis de Hillside.

Amelia diminuiu a velocidade já que a estrada se transformou em uma estrada secundária de casas rurais, quase todas sem número na porta. Amelia estava a ponto de dar-se por vencida no momento em que chegaram a alguns campos amarelos na ladeira de uma colina. No meio dos campos semeados havia uma casa branca pequena. Um caminho reto corria paralelo a uma cerca dilapidada. Os números em um poste indicavam o número mil duzentos e trinta e seis.

Amelia seguiu caminho acima. Mas quando chegaram à casa, encontraram-na abandonada. Os vidros das janelas estavam quebrados, a porta estava pendurada em apenas uma dobradiça, a hera subia até o telhado, uma trepadeira invadia o alpendre e mato crescia entre os tijolos.

Ryder saiu do carro. Amelia queria deixá-lo a sós com seus pensamentos, mas estava sentada ao volante por muito tempo e precisava esticar as pernas. Caminhou em direção contrária a ele, para deixá-lo sozinho. Encontraram-se no jardim de trás. Ryder parecia pensativo.

— Não me pergunte por que, mas este lugar me

parece familiar.

— Isso é maravilhoso! Seus avós viveram aqui até você completar dez ou onze anos — disse ela.

— Onde estão agora?

— Seu pai me disse que seus pais morreram faz dez anos. Esta casa era dos pais de sua mãe; se me engano, sua avó morreu faz cinco anos e seu avô vive em uma residência de anciões.

— E não me lembro de nenhum deles — disse Ryder.

Amelia ficou olhando a churrasqueira que havia em um canto do jardim, agora rodeada de ervas daninhas e com tijolos esparramados pelo chão. Não teve que forçar muito a imaginação para visualizar Ryder, Rob e Philip jogando beisebol nos campos atrás do jardim enquanto seu avô assava salsichas na churrasqueira.

De repente, Ryder se virou para olhar colina acima, Amelia seguiu seu olhar com os olhos. Folhas amarelas subiam para o horizonte até tocar o céu azul. Uma árvore solitária decorava o topo da colina. Sem pronunciar uma palavra, Ryder começou a caminhar para a árvore.

Amelia o seguiu.

Com seus passos, Ryder abriu um caminho através da vegetação, e Amelia seguiu o atalho.

Ryder desapareceu depois do topo, e ela continuou sua subida.

Encontrou-o atrás da árvore. Quando Ryder a ouviu aproximar-se, estendeu uma mão, puxou-a e a aproximou até ficarem juntos.

— Aqui havia um balanço — disse Ryder.

Sorriu enquanto indicava um grande ramo da árvore em cima de suas cabeças. Entre a folhagem, podiam-se ver duas cordas velhas.

— É obvio, não me lembro de nada — acrescentou Ryder.

— Nesse caso, por que subiu aqui?

Ele ainda tinha a mão dela na sua, e estava provocando todo tipo de sensações. Era só uma mão, enlaçada com a sua, com quentes dedos. Ryder parecia perdido em seus pensamentos, sem notar a tortura que sua proximidade estava gerando, olhando colina abaixo para uma arvoredo.

— Achava que havia um rio ali abaixo — disse ele.

Como ela ia manter a calma e controlar suas emoções se Ryder insistia em comportar-se como se tocá-la fosse a coisa mais natural do mundo? Não era justo. Amelia sentia o corpo dele ao lado do seu, ouvia-o respirar. Desejava que ele a soltasse; mas, entretanto, esperava que não fizesse isso.

— Pode ser que o rio corra entre as árvores — disse Amelia por fim.

Surpreendeu-a que sua voz lhe tivesse saído normal, que não tivesse traído as indecisões de seu coração. Ainda de mãos dadas, Ryder puxou-a colina abaixo, para o bosque.

Amelia tinha tido a intenção de não mover-se e deixar que fosse sozinho, mas a silenciosa decisão dele a impediu. Ryder se moveu com passos ágeis, mas não depressa. Amelia teve a impressão de que fazia isso por ela, impressão que foi confirmada quando, ao passar por um terreno pedregoso, Ryder a levantou em seus braços.

Levou-a nos braços sem aparente esforço, sorrindo, olhando-a nos olhos.

— Não é necessário que me leve nos braços, posso andar sozinha.

Ryder a ignorou e, depois de rodear uns arbustos, entrou no bosque. Por fim se ouviu o correr de água, um som suave e melodioso... exatamente o contrário do que Amelia sentia.

Apertada contra o peito de Ryder, com uma mão dele tocando-a na parte posterior dos joelhos e a outra ao redor de seu torso, Amelia respirou a intoxicante fragrância desse homem. Sempre tinha parecido um enigma para ela aquela criatura de

força animal e aspecto de homem civilizado.

— Tudo isto me parece familiar — disse Ryder por fim, e sua voz tinha uma nota de júbilo que hipnotizou Amelia —. Apostaria um milhão de dólares que há um balanço de corda por aqui, uma rocha enorme e um charco.

— Não tem um milhão de dólares — disse ela olhando seus lábios.

— Nesse caso, se estiver errado, me avise — respondeu Ryder baixando os olhos.

Mantiveram o olhar. O coração de Amelia bateu com força devido à proximidade de seus rostos. Piscou algumas vezes e ele voltou a sorrir antes de depositá-la no chão com suavidade.

O rio tinha uns três metros de largura; e como Ryder tinha suposto, havia umas rochas rodeando uma charco. Pendurando no ramo de uma árvore suspensa sobre uma das rochas havia um balanço de corda.

Ryder se sentou no balanço. A árvore rangeu ligeiramente, mas suportou seu peso. Depois, cravou os olhos no charco.

— Não é possível ver o fundo — disse ele.

— Qual a profundidade?

— Só há uma forma de descobrir — respondeu Ryder tirando os sapatos.

— Não está pensando o que acho que está pensando, não é?

— Acho que sim — respondeu ele enquanto tirava as meias.

— A doutora disse que tome cuidado com a cabeça.

Ryder lhe lançou um olhar intenso, que voltou a fazê-la perder os sentidos.

— Sabe de uma coisa, Amelia? Às vezes, o mais prudente é fazer exatamente o menos prudente.

— O que quer dizer...

— Ao inferno os médicos.

— Se você se afogar, não conte comigo para lhe salvar.

— De acordo.

Amelia encontrou uma pedra para se sentar e dali viu Ryder tirar a calça, a camisa e a gravata de cinquenta dólares. ficou de cueca e Amelia fez o possível para não ficar olhando.

— Peguei você me olhando — disse ele.

— Você sempre foi um exibicionista.

— Sério? Está vendo? Pouco a pouco estou descobrindo a mim mesmo.

Com cuidado, Ryder desceu da pedra até a água. Depois de entrar até os joelhos, afundou. E quando Ryder saiu de novo à superfície, sorrindo

travessamente, Amelia devolveu o sorriso.

Tratou de não pensar no absurdo de gostar daquele novo Ryder.

Em questão de segundos, Ryder estava de novo em cima da pedra. Novamente, Amelia tratou de desviar o olhar.

Com os olhos fixos em uma fileira de formigas, Amelia disse:

—Ryder, sofreu uma concussão. Tem amnésia. Realmente acredita que é prudente se arriscar a levar um golpe na cabeça?

—Pode ser que não — respondeu ele no momento em que Amelia levantava os olhos.

Então, Ryder se agarrou à corda e, depois de soltar um grito, deu um salto e se jogou de cabeça no charco. Amelia soltou um pequeno grito; depois, levantou-se e olhou a superfície da água como se esperasse encontrar ali flutuando o corpo sem vida de Ryder. Mas o encontrou nadando para a borda.

Se não estivesse grávida, teria se jogado também na água, com ou sem traje de banho.

E foi então que se lembrou quem era esse homem. Era o homem que a tinha acusado de fazer o possível para obrigá-lo a casar com ela. Era o homem em quem não podia confiar.

E ela era a pessoa inadequada para ajudá-lo.

Para ficar bem, Ryder precisava que o aceitassem pelo que era naqueles momentos com o intuito de descobrir quem tinha sido. Entretanto, para proteger a si mesma e a seu filho, Amelia precisava lembrar quem tinha sido Ryder e quem voltaria a ser.

Ryder precisava de alguém que o ajudasse que não tivesse nada a perder, que não tivesse preconceitos nem intenções futuras. Ela devia partir.

Ryder subiu na pedra.

— Ocorriam... idéias estranhas do velho Ryder... quando tomava banho?

A suave e sussurrante voz de Ryder não deixou lugar para dúvidas respeito de que «idéias» estava se referindo. Amelia tremeu e se negou a responder.

Ryder, as costas dela, beijou-a no ombro. Seus lábios pareceram queimar um buraco na blusa. Depois, Ryder levantou seu cabelo, deixando sua nuca livre, e a beijou detrás da orelha. Imediatamente, as pernas da Amelia tremeram.

Amelia deu meia volta. Ele a agarrou pelos braços.

Beijou-a. Seus lábios molhados não esfriaram a fera da paixão que havia se apoderado dele. Fazia meses que não se beijavam, e Amelia se surpreendeu ao descobrir que a magia não tinha

desaparecido, justamente o contrário; se fosse possível, era mais intensa. No passado, Ryder tinha sido sensual, excitante e um pouco intimidante. Agora era tudo isso e mais.

Muito mais.

Amelia se separou dele.

Ryder tocou sua bochecha e ficou olhando-a nos olhos, e Amelia se deu conta de que tinha que pôr um fim naquilo antes de deixar-se arrastar por seus próprios sentimentos. Racionalizou que esse homem era o velho Ryder, que sempre conseguia o que queria, sem perguntar. E quase sempre conseguia o que queria.

— Acredito que é melhor não voltar a me beijar — disse ela com calma.

— Nos beijamos antes — respondeu ele com olhos brilhantes.

— Sim, sei — Amelia deu uma palmada no ventre —. E olhe como acabei.

— Está contente de ter um filho, Amelia?

— Sim.

— Não sente muito que seja meu filho?

— Como poderia sentir muito sobre algo a respeito desta criança?

— É menino ou menina?

— Não sei.

- Não fez exames para saber?
- Não. Como você sobre a ultrasonografia?

Ryder encolheu de ombros.

O gesto fez Amelia se lembrar que estava quase nu.

Desejando mudar de assunto, Amelia perguntou:

- Ajudou em algo o banho no charco?
- Não.
- Não lembrou de nada?

Ryder ficou contemplando a água alguns segundos.

– É como se tivesse visto este lugar em um sonho.

– Não se preocupe, tudo há seu tempo – disse ela.

Então, depois de assentir, Amelia se separou dele para deixá-lo se vestir com privacidade. Fez a subida pela colina em companhia de seus pensamentos.

Capítulo 6

RYDER não ia confessar isso para Amelia, mas a manhã o tinha esgotado. Sem que ela visse, tomou duas aspirinas. No caminho para a faculdade, Amelia não parecia animada a falar, coisa que não incomodou Ryder, já que sua cabeça doía.

De repente, encontrou-se pensando na casa vitoriana onde estava seu escritório. Precisava ir lá e ficar uma hora ou duas. Poderia sentar-se em seu escritório, se ainda o tivesse, e tentar se lembrar do que fazia. Talvez ver seus colegas de trabalho o ajudasse a recuperar a memória. Em qualquer caso, não seria mal.

Além disso, isso deixaria ele e Amelia separados durante um momento. Não tinha idéia do porquê a tinha desprezado antes, o que sabia era que estar em companhia sua lhe parecia cada vez mais problemático.

Amelia era como uma droga. Era suave e cheirava maravilhosamente bem. Seu cabelo, de uma centena de tons dourados, fascinava-o. Adorava seus braços magros e largos. Morria de vontade de ver seus ombros nus. Tinha uma garganta preciosa e um queixo feito para ser

beijado. E os lábios...

Mas era mais que isso. Tinha sido sincero ao lhe dizer que a considerava carinhosa, compreensiva e divertida. Adorava o brilho que seus olhos adquiriam quando se zangava. Ryder sabia que a preocupava o que sentia por ele.

Amelia era uma pessoa boa e decente, pensou Ryder.

Ele devia ter tornado sua vida um inferno, tendo em conta a desconfiança que sentia dele.

Sim, tinha sido assim, ela mesma havia dito. Entretanto, ficou com ele para ajudá-lo.

Desejou poder apagar o passado da memória de Amelia. Queria que ela o visse como era agora. Mas Amelia estava presa ao passado e se defendia dele.

Não obstante, continuava com vontade se aproximar dela. Amelia havia dito a ele que não deviam voltar a beijar-se, o que era ridículo. Tinham nascido para ficar juntos, sentia isso.

Ryder a olhou de soslaio. Ela olhava para frente e estava evidente que tinha problemas em controlar o que sentia por ele.

— Bom, já chegamos — disse Amelia diminuindo a velocidade.

O campus era formado por três edifícios

rodeados de árvores. Os edifícios eram enormes, quadrados, de tijolos e com pequenas janelas. Havia algumas estruturas de cimento menores e mais novas dispersas aqui e lá.

— Vamos estacionar para sair a dar um passeio — disse ele.

Encontraram um lugar onde estacionar, apesar da faculdade dar cursos do verão. Amelia apontou para um edifício do outro lado da rua.

Ryder olhou o letreiro que havia em cima da porta e o símbolo pareceu familiar. Estava a ponto de dizer isso quando se deu conta de que lhe parecia porque era o símbolo de seu anel da fraternidade.

— Não recorda nada? — perguntou ela.

— Não.

Ryder fechou os olhos e esfregou a nuca enquanto dava alguns passos. Durante um segundo, pensou no rio e na paz que havia sentido ali. A água fria, a imagem de Amelia com seus misteriosos olhos cinzas e seu sorriso... A mãe de seu filho.

De novo, assaltou-o a preocupação de que ela queria criar seu filho sozinha. Olhou-a. Amelia estava olhando o edifício, perdida em seus pensamentos.

— Quais os seus planos? — perguntou Ryder.

Ela virou a cabeça para Ryder.

— Quais os meus planos?

— Me ocorreu que, na verdade, não sei nada sobre você, Amelia. Por exemplo, nem sequer sei onde mora.

— Eu... no momento não tenho casa — respondeu ela.

— Por que não?

— Porque deixei o apartamento que tinha alugado justamente quando você sofreu o acidente. Durante seu internamento no hospital, fiquei na casa de seus pais; agora, estou na sua casa.

— Que é onde deve estar — disse ele com firmeza.

— Não.

— Mas a criança...

— Não — repetiu ela, lançando a ele um olhar frio.

— Também é meu filho — acrescentou Ryder enquanto esfregava as têmporas.

— Sim, sei.

— Então, se não quer morar comigo, onde vai morar? Suponho que alugará algum lugar perto da minha casa, não?

— Está com dor de cabeça. Trouxe uns calmantes...

— Deixe de se esquivar da pergunta.

— Não sei o que vou fazer — respondeu ela por fim.

— Nesse caso, fique comigo — disse Ryder com um murmúrio.

Amelia voltou a andar. Exasperado, Ryder a seguiu. A idéia de que fosse morar com ele, dado que não tinha casa, parecia-lhe o mais lógico. Por que ela se negava? E por que tinha deixado seu apartamento? O instinto lhe disse que o melhor era deixar o assunto de lado no momento.

— Agradeço muito que esteja me ajudando — disse Ryder.

Amelia assentiu sem olhar para ele.

— Não poderia cuidar de nada sem você neste momento.

— Vai se cuidar.

— Não.

Amelia voltou a parar e olhou para ele.

— Ryder, você tem sua família. Quando seus pais retornarem, voltará a se acostumar com eles. Seus pais são maravilhosos, vão ajudá-lo muito.

Ryder ficou com a impressão de que ela estava se despedindo dele duas semanas adiantado.

— Não conheço minha família, para mim são desconhecidos.

— Deixarão de ser logo, você vai ver.

— E sua família?

— A única família que resta é uma tia e seu marido em Nevada. Eles têm uma pequena loja de móveis.

— Vai voltar a ensinar depois de a criança nascer?

— No momento não. Tenho economias suficiente para não ter que trabalhar durante dois anos, se tomar cuidado com o dinheiro. Engordei sete quilos nas últimas três semanas. Tenho cuidado com a alimentação, não bebo álcool e também não fumo. O único luxo que me permito é uma xícara de café ao dia. Satisfeito? Mais alguma pergunta?

Ryder ignorou a ironia, consciente de que o velho Ryder merecia.

— Quando tem que voltar ao ginecologista?

— Tenho uma consulta dentro de uma semana e meia.

— Posso acompanhar você? Ela vacilou.

— Por favor...

— É... complicado — respondeu Amelia por fim.

— Por que?

— Me deixe pensar.

— O que é que tem para pensar?

Amelia sacudiu a cabeça. Notou que ela estava incomodada.

— O que quero é que saiba que estou decidido a ajudá-la, tanto economicamente como de qualquer outra forma.

— Não quero parecer ingrata, Ryder, mas posso cuidar de mim mesma.

— Mas a criança ...

— Não se preocupe com a criança, também cuidarei dele. Já disse a você que rompemos há meses. Não importa o que sinta agora, a realidade é que você não queria ter um filho e, quando recuperar a memória, voltará a rejeitá-lo.

— Amelia...

— E se continuar insistindo no assunto, vou embora. Ryder decidiu não pressioná-la mais.

— Está com fome?

— Sim.

— Há uma cafeteria aqui. Você gosta de verduras cinzentas com carne esverdeada?

Amelia lhe lançou um olhar penetrante.

— Você se lembra que a comida daqui é horrível?

— E não é?

— Era quando vim, mas como você sabe?

— Pelo aroma que há em todo o campus.

— Talvez comer aqui ajude você a se lembrar — disse ela.

— Talvez seja uma lembrança que eu poderia esquecer — acrescentou Ryder.

Amelia pediu salada de fruta, pensando que não podiam fazer grande coisa para estragá-la. Ryder tentou comer um sanduíche de frango, mas não deixava de esfregar a cabeça e a nuca.

Amelia pensou que deveria ter procurado uma forma de evitar tanto exercício naquela manhã.

Ao espetar um morango com o garfo, ouviu alguém pronunciar seu nome e viu um velho amigo aproximando-se de sua mesa. Steve Johnson, ignorando Ryder, tomou sua mão.

— Amelia — disse Steve com carinho; depois, abaixou-se para beijá-la na cabeça.

Fazia meses que Amelia não via Steve. Tinham sido colegas em um curso sobre psicologia infantil e tinham saído juntos algumas vezes depois de que ela terminou com Ryder e antes de descobrir que estava grávida.

Amelia deu uma palmada no banco em que estava sentada, indicando que se sentasse a seu lado.

— Não sabe quanto me alegra voltar a vê-la — disse Steve —. Já ouvi falar que vai ter um bebê.

— Eu também me alegro em vê-lo.

— Liguei para você, mas o telefone está desligado.

— Eu me... mudei — respondeu ela, evitando mais explicações.

Ryder pigarreou e Amelia fez as apresentações, esperando que Steve não mencionasse seus planos de ir morar em Nevada. Depois do término com Ryder, Steve se tornou seu amigo de confiança; e devido ao que sabia sobre ela, sua atitude com Ryder era fria.

Amelia sentiu um grande alívio quando Steve, por fim, se dispôs a partir já que tinha uma entrevista.

Steve ficou de pé e, com olhar terno, disse a Amelia:

— Amelia, não esqueça, conte comigo para o que você ou a criança precisarem.

— Obrigado, Steve.

— Eles têm a mim — declarou Ryder com firmeza. Steve franziu o cenho.

— Entendo.

Ficando em pé, Ryder anunciou:

— Admito que cometi erros imperdoáveis, mas Amelia tem a mim para o que quiser. Os dois, ela e a criança.

— Suponho que sempre há uma primeira vez
— murmurou Steve.

— Por favor... — disse Amelia.

Steve ficou olhando Ryder um instante, antes de voltar-se para Amelia sorrindo.

— Está bem, anjo.

Steve se agachou, deu-lhe um beijo na bochecha e partiu.

— Anjo? — repetiu Ryder —. A que se deve isso?

— Já disse a você que é um amigo.

— Amelia...

— Não comece. Eu também tenho amigos. E, por favor, mais nenhuma palavra sobre este assunto.

— Está bem, aceito isso. Mas você também tem que aceitar que o que disse é a verdade.

Ryder, com o cenho franzido, baixou o olhar para seu prato. Amelia já não tinha vontade de continuar comendo. Ir à cafeteria tinha sido uma má idéia.

Amelia estava dobrando seu guardanapo quando uma mulher de uns sessenta anos, que levava uma bandeja com um prato com salada de fruta igual a que Amelia tinha pedido, deteve-se ao passar por sua mesa.

— Rob Hogan? — disse a mulher com voz esperançosa.

Amelia gemeu para si mesma. Primeiro Steve, agora essa mulher que acabava de deixar Ryder com expressão de se sentir apunhalado.

— Não, sinto muito.

— Então, é Ryder — disse a mulher mudando o tom de voz —. Jamais teria imaginado que voltaria para o campus.

Ryder afastou o prato.

— Pelo que soube exerce a advocacia em Seaport. Como está Rob?

Ryder mirou Amelia antes de responder.

— Sinto muito, mas sofri um acidente E... Conheço a senhora?

O rosto da mulher mostrou uma súbita preocupação.

— Oh, meu Deus.

— O acidente aconteceu recentemente, este verão mesmo — acrescentou Ryder.

— Sou Kendra Platt. Sou professora de História aqui, e você e seu irmão frequentaram minhas aulas.

— Ah.

— Como está Rob? Sinto uma grande admiração por seu irmão. Sei que agora vive na Califórnia, o que é uma pena, já que nunca o vejo

— A verdade é que...

A mulher, ignorando a interrupção de Ryder, continuou:

—Entretanto, envia para mim um cartão de Natal todos os anos. É um homem encantador. Sempre soube que seria o tipo de advogado que defende os interesses dos mais necessitados — a mulher deu a Ryder uma palmada no ombro—. É obvio, não estou dizendo que seja mal defender também aos delinqüentes. Neste país, todo mundo é inocente até que se prove o contrário. Naturalmente, muitos advogados não querem saber a verdade porque isso poderia diminuir sua capacidade de deixar que qualquer monstro se livre com uma sentença leve. A mulher fez uma pausa antes de acrescentar:

— É obvio, não estou me referindo a você.

— Senhora Platt...

— O que estou dizendo é que Rob é especial. Sempre soube que faria coisas maravilhosas na vida.

— Senhora Platt! — disse Ryder elevando a voz.

Ela piscou.

— O que foi?

— Rob morreu no acidente que me deixou com amnésia.

A senhora Platt ficou perplexa.

— Robert... morreu?

— Sim — respondeu Ryder —. Sinto muito.

A mulher, murmurando, desculpou-se ao mesmo tempo que secava as lágrimas. Depois, afastou-se dali para dirigir-se a um canto no fundo da cafeteria.

Ryder olhou Amelia com profunda tristeza. Amelia abriu sua bolsa e tirou um pequeno tubo marrom que deixou diante de Ryder.

— Acho que deveria tomar um calmante. Sem pronunciar nenhuma palavra, Ryder tirou do tubo um comprimido e o tomou com um copo de água.

— Acredito que será melhor que irmos embora — disse ela.

— Sim — respondeu Ryder.

Enquanto caminhavam para o carro, Amelia achou quase impossível acreditar que fazia apenas três horas Ryder estava se divertindo no charco do rio.

Uma vez no carro, Ryder dormiu quase imediatamente, deixando Amelia a sós com seus inquietantes pensamentos. Passou pela cabeça de Amelia levá-lo ao hospital, mas decidiu não fazer isso. Talvez o que Ryder precisasse fosse de umas horas de descanso e menos atividade.

Ela, por sua vez, deveria estar em Nevada, em vez estar ali, comprando papel para decorar o quarto do bebê. Sua tia Jenny e seu marido Lou viviam na casa do pai de Amelia desde o seu falecimento. O plano era que Amelia terminasse seus estudos, conseguisse um trabalho na costa do Oregon e, depois de uns anos, retornasse a sua casa de Nevada. Com o intuito de alcançar sua meta, tinha economizado a modesta herança que seu pai tinha deixado.

Mas Amelia teve que abandonar seus planos ao saber que estava grávida. Jenny e Lou, apenas alguns anos mais velhos que ela, tinham pedido sua permissão para continuar morando na casa. Lou tinha argumentado que a criança precisaria da presença de uma figura masculina em sua vida, e ele era a pessoa adequada. Jenny havia dito que eles pensavam em ter filhos também, e cuidar do sobrinho serviria como prática.

Graças a eles, a decisão de partir de Seaport e afastar-se de Ryder tinha parecido mais suportável. O dinheiro economizado daria para viver dois anos, talvez três se tomasse cuidado.

Era aí onde deveria estar nesse momento, pensando em patos amarelos e tartarugas verdes. Deveria estar aprendendo a tricotar. Deveria estar

ajudando Lou a acolchoar a cadeira de balanço de sua avó e a plantar flores no jardim. Deveria estar em casa, preparando seu lar, preparando a si mesma.

Ryder despertou ao chegar nos subúrbios de Seaport. sentia-se atordoado e com sede, mas já não tinha dor de cabeça. Ajeitou-se no assento e olhou para Amelia, que devolveu o olhar com o cenho franzido.

— Como se sente?

— Muito melhor — respondeu ele —. Parece que hoje me excedi.

— Certamente.

— Mas prometo que não vou me queixar.

— Não se queixou. Sua imagem de macho está a salvo.

— É muito importante para mim minha imagem de macho?

— Ryder, se quiser que diga a verdade, acredito que é importante para a maioria dos homens.

— Inclusive para o Steve?

— Inclusive para o Steve.

Ryder olhou pela janela quando o aroma de mar se tornou mais forte. Aquela era sua cidade natal e, em algum lugar no fundo do seu ser, devia

reconhecer as árvores, as gaivotas e o aroma da baía. Em algum lugar de seu ser, devia sentir-se a salvo ali. Como chegar a esse lugar escondido de sua psique?

Certamente, não acreditava que conseguisse falando com velhas professoras. Tinha deixado um sabor amargo na boca que a senhora Platt soubesse sobre a morte de Rob de maneira tão brusca; entretanto, suas palavras e sua atitude com ele tinham sido cruéis. No entanto, de novo o entristeceu a idéia de que as pessoas tivessem uma opinião tão má dele.

Justo nesse momento, Ryder viu um edifício baixo em cima do escarpado que dava à baía. O letreiro do estacionamento estava coberto com pimentões de néon de cores vermelha, amarelo e laranja.

— Pare aqui — disse ele.

Amelia fez o que ele pediu.

— O que aconteceu?

— Pode ser que não seja nada; mas, no livro que estou lendo, há um guardanapo de papel com o nome desse estabelecimento.

Amelia olhou o letreiro.

— Pepper's Place?

— Viemos aqui juntos alguma vez.

- Não.
- Por que não?
- Porque não me convidou para vir.
- Por que não? Sabe?

Ela o olhou de uma forma que Ryder tinha começado a interpretar corretamente e que significava que Amelia tinha algo desagradável a dizer.

- Vamos, Amelia, me diga.

Amelia encolheu os ombros e afastou o olhar dele.

- Pelo que ouvi, este é um dos lugares a que vinha para paquerar.

Ryder ficou contemplando o edifício. Eram apenas quatro da tarde, por isso não havia muitos carros no estacionamento.

- Suponho que seja melhor entrarmos.
- Eu não.
- Por que não?
- Deve haver fumaça suficiente aí dentro para sufocar um elefante. Prefiro esperar aqui.
- Sério que não se importa?
- Não. Pode ir.

Quando Ryder entrou no estabelecimento, o primeiro que viu foi pósters de diferentes molhos picantes decorando as paredes. O bar estava ao

fundo. Uma pista de dança interrompia o tapete vermelho. Sentados em torno de uma mesa pequena havia duas pessoas de mãos dadas. As outras mesas estavam vazias.

Sentou-se em um banquinho diante do bar. Em um canto havia uma mulher acendendo um cigarro, e outros dois homens viam uma partida de beisebol pela televisão, embora o som estivesse desligado.

O garçom, que estava secando uns copos, virou-se. Ao ver o Ryder, um sorriso iluminou seu rosto.

— Ryder! — disse o garçom aproximando-se dele com uma mão estendida —. Fico feliz de ver você, amigo.

Ryder apertou a mão do garçom.

O homem tinha uns trinta anos, era alto e em seu rosto luzia um bigode negro.

— Eu também me alegro de ver você... — respondeu Ryder. O garçom arqueou as sobrancelhas.

— Nick. Nick Swope. Não se lembra de mim? Você é Ryder Hogan, não é?

— Sim, estou feliz de vê-lo novamente, Nick. tive um acidente automobilístico e a memória... está falhando um pouco.

— Homem, sinto muito. Quer o de sempre?

— Uma margarita?

— Sim, agora mesmo preparo. Eh, a propósito, vem aí uma velha amiga sua. Lily esteve perguntando por você.

Nick indicou com a cabeça à mulher no extremo do bar.

— Não me lembro dela e agora tampouco gosto de beber, Nick. Tem chá frio?

— Suponho que sempre há uma primeira vez para tudo.

— Com que frequência vinha aqui? — perguntou Ryder a Nick quando este depositou um copo de chá frio no balcão.

Ryder notou que Lily se levantou de seu banquinho.

— Todos os sábados de noite, como um relógio.

— Devo ter vivido aqui bons momentos.

— Os melhores — respondeu Nick piscando um olho.

Atrás do balcão, na parede, havia uma coleção de fotografias. Nick lhe indicou uma. Ryder viu a si mesmo entre duas formosas mulheres.

— Esperava que entrar aqui me ajudasse a lembrar de algumas coisas — disse Ryder.

Nesse momento, sentiu uma mão no braço.

— Talvez eu possa te ajudar. Soube do que

aconteceu com você — disse Lily enquanto dava um trago no cigarro —. Claude me contou. Claude agora trabalha no Bridgeville como bombeiro, dirigindo um reboque. Foi Claude quem tirou você e seu irmão do carro. Disse que você tem amnésia.

— Está bem informado — respondeu Ryder.

— Claro que está, Claude conhece o Jerry Hill. Jerry é o policial encarregado do seu caso. Jerry me fez perguntas sobre você. Claude me disse que nunca tinha visto tanto sangue em um acidente, também me disse que seu irmão tinha a cara destroçada...

— Por favor, não continue — interrompeu Ryder.

Lily encolheu os ombros e Ryder a olhou mais detidamente. Tinha uma juba negra que lhe chegava à altura do queixo, estava muito maquiada, com os finos lábios cobertos de batom vermelho. Era uma mulher atraente, mas não era bonita; tampouco era espontânea e cativante como... Amelia. A julgar pelo modo como tinha tocado seu braço, eram mais que amigos. Ryder se perguntou de que forma pedir que deixasse de soprar fumaça no seu rosto sem parecer grosseiro.

Esmagando o cigarro no cinzeiro, Lily ficou olhando-o e disse:

— Por que não vamos para sua casa? Como tem amnésia, seria como a primeira vez.

— Agora não vivo sozinho.

— E?

— Não acredito que ela fosse gostar.

— Nesse caso, por que não vamos para minha casa?

— A verdade é que a mulher com quem estou vivendo está grávida. Não quero deixá-la para sair com outra.

Lily estreitou os olhos.

— Você mudou.

— Isso espero. Pelo menos, estou tentando.

— Não se esforce muito, eu gostava de como era — disse Lily com um sorriso —. Bom, vai me dizer quem é a sortuda?

— Chama-se Amelia — logo que respondeu, Ryder se perguntou se tinha sido prudente mencionar o nome dela.

— A professora de que me falou? Então, no fim, fisgou-o, não é?

— Me fisgou?

— Sim. Já disse a você que tomasse cuidado, esse tipo de mulher sempre fica grávida para apanhar um homem.

— Quem o fisgou? — perguntou Nick

enquanto voltava a encher o copo de Ryder com chá.

— A professora com quem Ryder saiu um tempo está grávida.

— Eh, Ryder, tome cuidado. Tenho um amigo que fez a mesma coisa com uma garota com quem saiu, e o acabou que o filho nem sequer era dele.

Ryder olhou a um e outro. A dor de cabeça havia retornado quando ouviu mencionar o nome do detetive Hill; e agora, com o bate-papo sobre Amelia, sentia como se os miolos fossem estourar.

Ryder tirou alguns dólares do bolso, todo o dinheiro que tinha, e os pôs em cima do balcão.

— Se anime, homem — disse Lily quando Ryder se preparou para partir.

— Vamos ver você no sábado a noite? — gritou Nick quando Ryder chegou à porta.

Mas a única coisa que Ryder queria era sair dali.

— Como foi? — perguntou Amelia quando Ryder se reuniu a ela no carro.

Como ele não respondeu imediatamente, Amelia estreitou olhos e acrescentou:

— Você está bem?

Durante uns instantes, Ryder se limitou a olhá-la. Ao se dar conta de que tinha traído a confiança

de Amelia contando a Lily e ao garçom assuntos privados sobre ela, Ryder esteve mais certo do que nunca de que não merecia seus cuidados; entretanto, Amelia estava oferecendo seu apoio. Estaria disposta a perdoá-lo?

Ryder pôs uma mão na sua bochecha, maravilhando-se com a suavidade de sua pele. Amelia piscou.

— Que aconteceu aí dentro?

— O de sempre desde que começou este pesadelo — respondeu Ryder com voz rouca, emocionado de repente —. Amelia, tenho que fazer uma pergunta a você. Pode me perdoar? Você me perdoará?

Ela pareceu ficar perplexa.

— Perdoar o que?

Ryder tomou as duas mãos dela nas suas.

— O que fiz a você no passado.

Como resposta, Amelia sorriu amargamente.

— O que estou dizendo, Amelia, é que o sinto.

Ela mordeu os lábios. Ryder aproveitou a oportunidade e abriu os braços, encorajando-a a aceitar seu abraço.

Amelia foi até ele por vontade própria, com uma confiança em Ryder que este não merecia, mas que era o que mais desejava no mundo.

— Obrigado — sussurrou Ryder ao ouvido. .

Mais tarde, de noite, sentada ao lado de Ryder no sofá branco, Amelia abriu o primeiro álbum de fotos que Nina havia lhe dado. Estava em silêncio enquanto Ryder olhava as fotos que retratavam uma parte da história de sua família, desde o casamento de seus pais até os dois gêmeos crianças.

—

As fotos mostravam uma crônica das vidas dos gêmeos igual a de seu irmão mais velho, Philip. Amelia os viu nos braços de sua mãe, montando a cavalo sobre as costas de seu pai. Viu-os dando os primeiros passos e sentados em cadeiras altas. E a semelhança de ambos a surpreendeu tanto como a primeira vez que os viu juntos.

Se tivesse um filho, seria como eles? Olhou com intensidade os pequenos rostos no álbum de fotos, os escuros e travessos olhos e as gordinhas bochechas.

O álbum seguinte continha fotos da infância dos meninos: diante da parada do ônibus no primeiro dia de escola, com dois filhotinhos de cachorro nos braços, posando com tacos de beisebol e montando na bicicleta.

Já no colegial, as fotos dos gêmeos juntos eram mais escassas. Havia fotos de Ryder,

cuidadosamente marcadas, jogando beisebol; e fotos do Rob fazendo o mesmo. Mas jogavam em times diferentes, como mostravam as camisetas diferentes que usavam.

Só restavam mais dois álbuns, mas quando Amelia colocou o penúltimo em cima das pernas, Ryder lhe pôs a mão na sua para evitar que o abrisse.

— Vamos deixar para amanhã — disse Ryder com voz cansada —. Acho que não me ajudaram muito.

— Segundo os médicos, recuperar a memória talvez leve um tempo — disse Amelia deixando o álbum em cima de uma mesa de centro.

Ryder apoiou a cabeça no encosto do sofá. Esteve muito calado toda à tarde, perdido em pensamentos que não parecia inclinado a compartilhar.

— Vai ter um bebê maravilhoso, Amelia Enderling — disse Ryder de repente. Depois, pôs a mão no seu ventre —. Já sentiu ele se mexer?

— Sim — sussurrou ela —. Faz muito tempo que sinto.

— Acredita que eu poderia notar seus movimentos?

— Me parece que agora está dormindo —

comentou Amelia com voz abafada.

— Poderíamos acordá-lo — disse Ryder inclinando-se sobre ela com os olhos fixos nos seus.

Desta vez, quando seus lábios se uniram, Amelia se negou a pensar. Abriu a boca e sentiu a língua de Ryder na sua, e o mundo adquiriu uma maravilhosa qualidade. Sentiu a mão de Ryder mover-se debaixo de sua blusa de gestante. Ouviu a si mesma gemendo e fechou os olhos. Ryder tocou seus seios por cima do sutiã e um incontrollável desejo se apoderou dela.

Devagar, pouco a pouco, Amelia recuperou a razão. Beijar Ryder era como uma erupção vulcânica; entretanto, com suavidade, pôs as mãos no seu peito e o obrigou a se afastar dela.

— Sei que a amava — disse Ryder com voz rouca, acariciando uma sobrancelha enquanto pronunciava aquelas palavras.

Ryder beijou sua bochecha, os lábios e a garganta.

«E eu amo você, mas não posso dizer; nem agora, nem nunca». De repente, Amelia sentiu uma profunda tristeza,

— Não resista ao que sente — sussurrou Ryder no seu ouvido.

Amelia decidiu que o que precisava era de uma

dose de realidade, tanto por si mesma quanto por ele. Escapando dos braços de Ryder, murmurou:

— Já lhe disse isso, Ryder, você não estava realmente apaixonado por mim.

— Não acredito em você.

— É a verdade. Quando soube que estava grávida, ficou muito zangado.

Ryder se recostou no encosto do assento.

— É por isso que Rob e eu íamos juntos no carro na tarde do acidente?

— Não sei — respondeu ela de forma evasiva.

Aquela pergunta podia induzir a revelar que Ryder era o condutor do veículo. Amelia ficou em pé bruscamente e empilhou os álbuns de fotos, todo seu corpo tremia.

Ryder se endireitou em seu assento e a atravessou com o olhar.

— Não é estranho que saíssemos assim das bodas do Philip? E por que o detetive Hill segue fazendo perguntas por aí sobre mim?

Amelia ficou gelada ao ouvi-lo mencionar o nome do policial.

— O detetive Hill? Por que diz que esteve fazendo perguntas por aí sobre você?

— Uma pessoa no Pepper's Place mencionou isso — respondeu Ryder.

— Deve ser algo que a polícia faz de rotina quando há um acidente.

Ryder se levantou e se postou diante dela.

— Amelia, ficou grávida de propósito para me obrigar a casar com você?

— Não, claro que não. De onde tirou essa idéia?

— Isso não importa.

— Você se lembrou de quando falou comigo no casamento de Philip?

Ryder ficou atônito.

— Você me disse que estava grávida no casamento do meu irmão?

— Sim.

— E eu a acusei de querer me fisgar?

— Sim. Quem lhe disse isso?

— Quem me disse isso foi uma pessoa no Pepper's.

— Quem?

— Uma mulher.

— Ah.

Isso significava que, antes de saber que Amelia estava grávida, havia dito a Lily que uma professora queria agarrá-lo.

— E acreditou nela? — perguntou Amelia.

— Não sei no que acreditar.

De repente, Amelia se viu presa em uma

profunda angústia. O velho Ryder voltava a sair à superfície.

Ryder foi quem interrompeu o momento de incômodo silêncio.

— Vou fazer uma omelete para mim, gostaria de uma também?

Amelia assentiu, mas o que realmente queria era a ternura que tinha sentido nele ao meio dia. Com pesar, notou que não estava conseguindo proteger a si mesma do que ele a fazia sentir, e se jurou a si mesma ter mais cuidado.

Capítulo 7

Noite após noite, Ryder tinha o mesmo sonho: estava sozinho, correndo; depois, caía a noite e estava dirigindo um carro. Pouco a pouco, dava-se conta que havia outra pessoa no carro e se virava para olhá-la; mas a única coisa que via era um espelho.

Então despertava, com a respiração entrecortada e presa de pânico. Pouco a pouco, o medo se dissipava.

Igual àquela manhã...

O som de água correndo era algo em que se apegar. Depois de alguns instantes, se deu conta de que provinha do banheiro de hóspedes, por isso supôs que Amelia estava tomando banho. Imediatamente, pensou em seus volumosos seios e seus quadris arredondados, e no cada vez mais volumoso ventre.

Era seu filho, não era?

Durante dias, a advertência do garçom do Pipper ressoava em seu cérebro. Tentava não pensar nisso; entretanto, não podia evitar lembrar do amigo de Amelia, Steve. Pensava na forma como a havia olhado, em como a tinha beijado. Isso estava

deixando-o louco.

Ryder se deu conta de que tinha aceito sem titubear a afirmação de Amelia de que o filho era dele.

Entretanto, por que ela iria mentir, quando não deixava de repetir que não estava interessada nele?

Não, Amelia Enderling não tinha motivos para mentir em relação à paternidade do bebê.

Além disso, qual era a importância? O que sentia por ela não tinha nada a ver com sua gravidez.

Sentando-se na cama, passou uma mão pelo cabelo. Estava a uma semana passeando pela casa, ouvindo música e lendo, nada mais. Amelia, ao contrário, estava em plena atividade: organizava a casa, preparava comidas deliciosas e, durante as tardes, sentava-se no sofá tecer e bordando.

Foram ao hospital algumas vezes para que os médicos o examinassem; depois, foram fazer compras. Mas o que Ryder mais gostava era de suas conversas.

Amelia tinha sido apaixonada por ele, isso era evidente. E se foi apaixonada por ele no passado, poderia amá-lo novamente.

Philip foi visita-los duas vezes: a primeira, sozinho; a segunda, com sua mulher, Sara.

Nenhuma das duas visitas tinha ativado sua memória.

Amelia estava fazendo grandes esforços para esconder o fato de que estava enlouquecendo. Sabia que aquela semana tranqüila estava sendo benéfica para Ryder, mas muito difícil para ela.

Tinha estado a ponto, ao menos uma dúzia de vezes, de fazer as malas e partir. E uma dúzia de vezes tinha imaginado a expressão dos olhos de Ryder ao notar que ela tinha partido. Era isso que a tinha impedido de fazer isso.

— Tem certeza que não quer toranja? — perguntou Ryder enquanto ela, do outro lado da mesa, bebia sua necessária xícara de café.

Amelia elevou os olhos. Depois de alguns dias de descanso, estranhou o fato de que aquela manhã Ryder parecesse mais cansado que nunca. Também notou que seu cabelo tinha crescido, agora cobria sua nuca e caía na testa. Precisa cortar o cabelo urgentemente, algo em que nunca tinha pensado antes.

Suas feições estavam ficando cada vez mais angulares, talvez porque não comia o suficiente. Amélia tinha ouvido ele dar voltas na cama na noite anterior.

Naquela manhã, olhava-a com expressão de

preocupação. E essa expressão de preocupação lhe dava uma aparência sensual que Amelia, com firmeza, se propôs ignorar.

— Sim, já sei que você gosta de toranja — disse ela.

— Eu gostava, mas já não gosto disso — respondeu ele afastando o prato.

Amelia decidiu tocar em um assunto que mencionava todas as manhãs.

— Seus pais vão voltar logo, suponho que deveríamos ver os dois álbuns de fotos que faltam.

— Hoje você tem uma consulta com o ginecologista.

— Sim, mas é ao meio dia — respondeu ela, perguntando-se o que ia fazer para evitar que Ryder a acompanhasse.

Ao que parecia, não ia conseguir. Ryder estava decidido a ir com ela; e, em parte, Amelia queria que fosse. O problema era que tinha que explicar a ele o que tinha contado na clínica, uma coisa que agora parecia uma verdadeira estupidez.

Talvez estivessem muito ocupados para conversar; sobretudo, a falante recepcionista.

Amelia tamborilou os dedos na mesa.

— Disse-me que poderia acompanhá-la. Não vai desistir agora, não é?

— Não sabia que tinha concordado —
respondeu ela.

— Não explicitamente, mas...

— Você iria se aborrecer muito.

— Não.

— Mas...

— Nada de desculpas. Para mim é importante. Hoje a consulta com o ginecologista, e na semana que vem a visita ao meu escritório. E se não conseguir recuperar a memória, me contentarei começando uma nova vida com o que tenho agora.

— Bom, em relação às fotografias...

— Não.

Isso era o que Ryder dizia todos os dias e ela não o pressionava. Entretanto, nesse dia, mudou de atitude.

— Por que não? As mais recentes...

— As fotos mais recentes estão cheias de pessoas desconhecidas.

— Essas pessoas são sua família...

— Exato.

Ryder pôs os cotovelos na mesa e, entrelaçando os dedos, apoiou o queixo nas mãos. Depois, com o olhar, fitou Amelia em sua cadeira.

— Tem algo que faz um tempo que quero dizer. Amelia gemeu para si mesma.

— Quando beijei você na outra noite, você também me beijou — acrescentou ele.

Amelia tinha esperado que dissesse algo em relação à visita ao ginecologista, não que falasse de beijos.

— Não, não fiz isso.

— Não minta para mim, Amelia.

— Ryder...

— Já tenho muitos problemas sem ter que agüentar mentiras.

Amelia mordeu os lábios, sabia que Ryder tinha razão.

— Está bem, não vou mentir para você. Sim, é verdade, eu também beijei você.

— Por que?

Amelia deixou a xícara de café na mesa. Precisava perguntar? Por acaso ele não via a si mesmo refletido em seus olhos, como acontecia com ela? Não a tinha surpreendido olhando-o fixamente, permanecendo a seu lado, muito perto, quando faziam coisas como lavar a louça ou dobrar as roupas? Não tinha notado que continha a respiração cada vez que a tocava?

E não notou o esforço desesperado que estava fazendo para ignorar o que sentia por ele?

— Sempre conseguiu me afetar... fisicamente.

— Então, o que há entre nós é apenas físico?

— Sim.

— Não sente nada por mim?

— Naturalmente que sim.

— Mas não me ama?

— Claro que não — respondeu ela automaticamente, porque não tinha outro remédio.

Mas a mentira a fez se sentir culpada, tinha acabado de prometer que não mentiria para ele. Entretanto, de que serviria dizer que havia voltado a se apaixonar por ele?

Este novo Ryder continuava sendo divertido, atento, atraente e incrivelmente sensual. Entretanto, agora era um homem mais complexo que antes. Era mais atencioso. Com mais consciência.

Ryder estava se transformando no homem que Amelia, no passado, tinha pensado que era. E o que sentia por ele agora era muito profundo.

— E se dissesse que o que sinto por você não é apenas físico, Amelia, que é um pouco mais intenso, mais profundo?

Amelia fechou os olhos. Estava dizendo que amava? Quantas vezes tinha sonhado com esse momento? Abriu os olhos de novo e o surpreendeu contemplando-a.

— Na realidade, agora, é como se me

conhecesse há apenas algumas semanas. Sou a única pessoa que viu e com quem falou regularmente desde que saiu do coma. Não está em condições de julgar objetivamente seus sentimentos, não notou?

— Conhecia o Rob? — perguntou Ryder súbitamente.

— Só o vi uma vez.

— Como ele era?

— Conversamos apenas alguns minutos. Parecia carinhoso, simpático e extremamente amável.

— E eu sou o monstro — disse Ryder amargamente.

— Não é um monstro, Ryder. Não é mais.

— Mas tem medo de que, ao recuperar a memória, volte a ser o monstro que era antes.

— Sim, é verdade que tenho medo. Por isso é que acredito que seria melhor que outra pessoa...

— Não.

— Então, poderíamos ver o próximo álbum...

Ryder levantou uma mão e, com um sorriso irresistível e natural, disse:

— Não, por favor, nada de fotos.

— Nesse caso, o que você acha de irmos a casa de Philip? Enquanto estava no banho, ligou para nos convidar.

Ryder encolheu os ombros.

— Não conheço o Philip.

— É seu irmão.

— Sei.

— Talvez pudesse...

— Onde cresci?

— Em uma casa a uns três quilômetros daqui.

— A casa ainda existe?

— Sim.

— Teríamos tempo de passar pela casa antes da visita ao ginecologista?

— Sim.

Desta vez, Ryder insistiu em dirigir. Amelia indicou o caminho e, ao cabo de alguns minutos, estacionaram o carro diante de uma casa de dois andares com a fachada pintada de amarelo. O jardim da frente estava delimitado por uma pequena cerca de madeira pintada de branco. Uma roseira subia por um lado da casa, e três pilares suportavam o peso de um pequeno telhado em cima da porta, no alpendre. A porta da frente era preta, com uma janela ovalada.

— Bela casa — comentou Ryder. Ao seu lado, Amelia concordou.

— Sua mãe adorava esta casa.

— Por que meus pais a venderam?

— Porque para seu pai era demais o trabalho de manutenção.

— Por causa do coração?

— Você sabe?

— Nina me disse isso antes de partir para São Francisco. Acredito que se sentia culpada por me deixar.

— Sua mãe é uma mulher maravilhosa.

— Isso eu não posso saber — respondeu Ryder, e a surpreendeu ouvir a dureza de sua voz —. Mas sim, parece.

Nesse momento, um menino e uma mulher com uma cesta de jardinagem na mão apareceram de um lado da casa. A mulher, ao vê-los, cruzou a grama para aproximar-se deles, o menino foi na frente.

— Desejam alguma coisa?

— Estávamos vendo sua casa, é muito bonita — disse Ryder.

— E você tem um jardim precioso — acrescentou Amelia.

O menino se agarrou às pernas de sua mãe e ficou olhando para Amelia.

— A verdade é que o jardim já estava assim quando compramos a casa. A proprietária anterior plantou todas as plantas, as roseiras e as árvores da

parte de atrás do jardim. Era uma grande jardineira.

— Sim — murmurou Ryder.

— E deveria ver a casa por dentro. Apesar de ter três filhos, três meninos, a casa está decorada como as que saem nas revistas de decoração; bom, estava até que Alex nasceu.

A mulher olhou para seu filho sorrindo.

Ryder olhou para uma das janelas.

— O banco ainda está embaixo da janela com cortina?

A mulher ficou surpresa.

— Sim, como sabe?

— Você se lembra? — perguntou Amelia a Ryder.

— Só do banco sob a janela. A cortina é vermelha.

— Sim, é vermelha — confirmou a mulher —. Mas como sabe?

— Eu... brincava lá quando criança — respondeu Ryder.

— Sabia que um dos meninos que morava aqui morreu neste verão? Você o conhecia?

— Não, não o conhecia — respondeu Ryder com um nó na garganta.

Patty, a recepcionista da clínica de ginecologia, quase desmaiou ao ver o Ryder. Amelia, que não

tinha conseguido que Ryder ficasse em um canto enquanto ela assinava os papéis na recepção, preparou-se para a humilhação que, sem dúvida alguma, a esperava.

— Você deve ser o senhor Enderling, não é? — disse Patty.

— O que? — murmurou Ryder perplexo. Olhando para Amelia, Patty acrescentou:

— Senhora Enderling, não havia me dito que seu marido era tão bonito. Amelia suspirou.

— Não?

Patty voltou a fixar os olhos em Ryder.

— Deve ser maravilhoso ter uma vida como a sua! Uma semana está em Bangkok, na seguinte está em Bora Bora... em Paris, em Estambul, no Tibet... O que não eu daria para viajar como você! — Patty piscou um olho—. Embora suponha que para isso deveria ter sido piloto de avião, não recepcionista, não é?

— Sim, suponho.

— Para onde vai na próxima viagem? Ryder piscou antes de responder.

— A... Casablanca.

— Oh, Meu deus!

— Saudarei Humpnrey Bogart de sua parte. Patty pôs-se a rir e apontou Ryder com sua caneta.

— você tem senso de humor, senhor Enderling.
Amelia se sentou. Ryder, com um sorriso, sentou-se a seu lado.

— Senhor Enderling?

— Deveria ter explicado isso a você.

— Tibet? Bora Bora?

— Tem uma explicação.

— Pois... diga lá.

— O primeiro dia que vim aqui, me dei conta de que sou muito mais convencional do que pensava.

— E inventou um marido para você, não?

— A recepcionista acreditou que a aliança do meu pai era minha e eu não desmenti.

Amelia tocou o anel de ouro que usava no dedo do meio da mão esquerda. Depois, baixando a voz, acrescentou:

— Disse que meu marido é piloto, o que explica que não me acompanhe nunca a estas visitas médicas. Cada vez que venho, Patty me pergunta onde está meu marido e em seguida conta ao resto do pessoal da clínica.

— O que pensava dizer durante o parto? Que eu estaria... viajando?

Amelia ficou olhando para ele alguns segundos. Em seus planos, não daria a luz em

Oregon, e muito menos em Seaport; mas não podia lhe dizer isso. Por sorte, não havia dito na clínica que tinha pensado em se mudar para Nevada.

— Não tinha pensado nisso — respondeu Amelia.

— Mmmm.

Uma enfermeira chamou o nome de Amelia.

— Senhora Enderling, pode entrar.

— Sairei logo — disse Amelia a Ryder enquanto se colocava de pé.

Mas Ryder também se levantou.

— Não me quero perder isso

— Ryder...

— Me chame de senhor Enderling.

— Acho que não...

— É meu filho também, Amelia. Não me negue o privilégio de compartilhar isso com você. Significa muito para mim.

Amelia apresentou Ryder a ginecologista, utilizando seu verdadeiro sobrenome. Muitos casais conservavam seus sobrenomes na atualidade, e Amelia não queria mentir não fosse necessário.

— Ganhou alguns quilos — disse a doutora enquanto consultava a ficha de Amelia.

— Não sei como, não come muito — disse Ryder.

— Não se preocupe, senhor Hogan. Sua esposa pesava muito pouco no começo da gravidez, agora já tem um peso normal — enquanto media o abdômen de Amelia, virou a cabeça —. Pelo que soube sua próxima viagem é para Casablanca.

— As notícias voam por aqui.

— Patty é uma verdadeira fonte de informação. Como pode imaginar, para nós, que trabalhamos todo o dia entre estas quatro paredes, sua vida nos parece muito interessante.

— Não tanto quanto parece — disse Ryder —. Em primeiro lugar, me deixa separado de Amelia muito tempo. Preocupo-me muito com ela quando... estou fora.

Amelia franziu o cenho.

Depois de examina-la, a doutora espalhou uma substância gelatinosa no ventre de Amelia, mas se virou para olhar Ryder.

— Deve ser difícil para você passar tanto tempo fora.

— Sim, é. Doutora, você não acha que uma mulher grávida precisa que seu marido esteja do seu lado?

— Naturalmente, isso seria o ideal.

— Estou pensando em mudar de emprego para poder permanecer em Seaport ininterruptamente. A

médica deu um amplo sorriso a Amelia.

— Seu marido sabe o que é realmente importante na vida.

— Tenho muita sorte — disse Amelia ironicamente.

— Sim, tem. Não pode imaginar as coisas que vemos por aqui. Mas não importa, você se encontra entre as afortunadas. Tudo fica mais fácil quando se conta com o apoio do marido.

Depois de alguns minutos de exame, a doutora olhou para os dois.

— Amelia, parece estar grávida de mais tempo do que acreditávamos até agora. Já sei que não quer fazer uma ultrasonografia, mas acredito que deveríamos fazer isso. Garanto a você que não direi o sexo do bebê se não quiser.

— Grávida de mais tempo? — murmurou Ryder com voz tensa.

Amelia sabia que Ryder estava fazendo contas e pensando no que ela havia dito. Se estiveram juntos apenas uma vez e estava grávida de mais tempo, significava que o filho não era dele. Entretanto, isso não podia ser já que nunca havia se deitado com ninguém antes.

— Se estiver grávida há mais tempo, é o resultado de uma imaculada concepção —

murmurou Amelia fitando à médica.

Ryder esfregou as têmporas.

A doutora fez umas anotações na ficha de Amelia e disse:

— É bastante normal se enganar sobre a data da concepção. Vou falar com a Patty para ver se podemos fazer a ultrasonografia imediatamente. Não se vista ainda, Amelia.

— Escuta... — começou a dizer Amelia no momento em que a doutora saiu; mas Ryder selou seus lábios com os dedos.

Depois, baixando a cabeça, beijou-a na bochecha. Amelia, imediatamente, sentiu necessidade de estar perto dele, de compartilhar aquilo com a única pessoa no mundo que podia se importar tanto quanto ela.

Permitiu-se o luxo de se deixar abraçar por Ryder, sentindo-se próxima a ele. Depois de suas visitas solitárias à clínica de ginecologia, depois de dias e dias de repetir a si mesma que era uma mulher forte e independente, era incrível a sensação de não estar sozinha.

Os braços do Ryder transmitiram confiança e valor.

— Não se preocupe — disse ele.

— Não estou preocupada, estou convencida de

que tudo está bem.

— Não era a isso a que me referia — respondeu Ryder antes de beijá-la. Os batimentos do coração de Amelia se tornaram mais erráticos —. Dá no mesmo o que ou quem... porque permanecerei a seu lado.

— O que!

— Que não importa. Estou certo de que, se mentiu para mim em relação à paternidade do bebê, tinha suas razões.

— Mas Ryder...

— Compreendo. Acredite em mim, não me importa.

— Mas...

Ele sossegou os protestos de Amelia com outro beijo.

Capítulo 8

Embora a médica não tenha deixado de explicar nada, Amelia tinha prestado o mínimo de atenção. Ryder, do seu lado, apoiava a mão em seu ombro. Havia dito que estaria com ela para o bem e para o mau, embora tivesse em seu ventre o filho de outro. Amelia tinha vontade de beijá-lo e de estrangulá-lo ao mesmo tempo.

Foi então quando fixou os olhos na imagem da tela, no milagre que era seu primeiro filho.

Ouviu Ryder tomar ar e prendê-lo nos pulmões.

— É... nosso bebê?

Amelia afastou os olhos da tela para olhar Ryder. Ele estava vendo a tela com olhos úmidos.

— Nosso filho — repetiu Ryder.

Seu filho. E ela sabia quem era o pai. Ele não podia estar seguro; entretanto, estava disposto a assumir essa responsabilidade.

Como podia ter mudado tanto!

Amelia voltou a olhar para a tela, a forma em preto e branco de seu filho.

— O que é? Quero saber se é menino ou menina. A ginecologista aproximou mais a tela;

depois, olhou para Ryder e em seguida para Amelia.

— Me enganei, não está grávida de mais tempo.

Com um sorriso, a doutora mostrou umas formas na tela.

— Soube que em sua família há gêmeos, senhor Hogan.

Ryder e Amelia se olharam enquanto assimilavam as palavras da médica.

— Quer dizer que...? — Amelia se interrompeu.

— Que há dois bebês, sim, isso é o que estou dizendo. Dois bebês perfeitos. Não é certo, mas parecem duas meninas.

— Gêmeas! — exclamou Ryder com voz rouca.

Atônita, com um pouco de medo e absolutamente perplexa, Amelia não podia deixar de olhar para a tela. Os olhos se encheram de lágrimas.

— Gêmeas — murmurou Amelia sobressaltada pela emoção.

— É uma sorte que, entre os dois, contemos com quatro braços — comentou Ryder com voz suave.

Amelia voltou a olhá-lo no momento que algumas lágrimas escorriam por suas bochechas,

lágrimas que Ryder secou imediatamente. Nesse momento, Amélia pensou que não havia no mundo um homem mais desejável que ele.

«Amo você», pensou Amelia, tomando cuidado de que essas palavras não escapassem de seus lábios. Por sorte ou por desgraça, estava apaixonada por esse homem, pela estupidez que fosse amar um homem que, quando recuperasse seu passado, voltaria a desprezá-la.

Uma semana mais tarde que o esperado, Amelia ouviu na secretária eletrônica a mensagem que tinha esperado e temido ao mesmo tempo. Jack e Nina haviam retornado.

Imediatamente, Ryder telefonou para seus pais.

— Venham para o jantar — lhes disse.

Coisa que surpreendeu Amelia. Durante semanas, Ryder não tinha querido saber de sua família; entretanto, agora, convidava-os para jantar em sua casa.

— Não, insisto — acrescentou ele.

Ao que parecia, o convite tinha surpreendido Nina tanto quanto Amelia.

Depois de uma longa pausa, Ryder disse:

— Não, continuo sem lembrar de quase nada. Sei, também gostaria de recuperar a memória.

Ryder sorriu travessamente para Amelia, que

conseguiu esboçar um débil sorriso.

— A verdade é que temos uma surpresa. Está bem, até dentro de algumas horas.

Depois de desligar, Ryder se voltou para Amelia.

— Não se importa, não é?

— Claro que não.

Ryder continuava com aquele sorriso que Amelia não podia resistir. Fazia semanas que evitava enfrentar alguns fatos. Inclusive tinha considerado a possibilidade de vender sua casa de Nevada para comprar uma em Seaport para que Ryder e as meninas pudessem se ver e passar algum tempo juntos. A verdade era que não sabia o que fazer.

Fosse como fosse, tinha que tomar logo uma decisão. Embora quisesse acreditar no contrário, temia que ela e as meninas, de uma alegria em sua vida, passassem a ser um peso na vida de Ryder quando recuperasse a memória. No dia seguinte teria que falar com ele.

— Amelia?

Amelia levantou os olhos e o encontrou olhando-a fixamente.

— Você está bem?

— Claro.

— Ótimo. Nina me disse que eles também têm uma surpresa para mim, mas aposto que não pode se comparar com a nossa.

Ficando em pé, Amelia disse:

— Se vamos ter convidados para jantar, será melhor que ir ao supermercado comprar comida.

— Não se preocupe, eu me encarrego disso. Amelia se apoiou contra o balcão da cozinha enquanto Ryder abria um armário após o outro.

— Em, Ryder, você não sabe cozinhar.

— Isso é o que você acha — Ryder tirou uma pequena lata esmagada e sorriu triunfalmente —. Olhe, anchovas! Sabia que havia uma lata de anchovas por aqui.

Depois, murmurando para si mesmo, Ryder examinou o conteúdo do refrigerador.

Ryder cozinhando? Devia ser uma nova faceta.

Ryder agarrou uma mão de Amelia e a levou para sala de estar. Olhava para ela como se fosse um tesouro.

— As gêmeas — disse ele olhando-a nos olhos.

— Sim.

— Está contente, Amelia?

— Contente? Não consigo nem acreditar. E desejando que nasçam.

— Vai ter que fazer outro suéter igual ao que

estava fazendo.

— Não sei se quero vesti-las igual — disse Amelia. Se as meninas fossem diferentes em vez de idênticas, como Ryder e Rob, iriam precisar manter suas identidades separadas —. Acho que irei vesti-las de forma diferente.

Ryder a estreitou em seus braços e ela se permitiu o prazer de apoiar a cabeça em seu peito.

— Não sei como dizer o que tudo isto significa para mim — disse Ryder com um murmúrio —. Duas gêmeas... minhas filhas. Agora tenho uma família, uma família que conheço desde o início. Uma nova memória, Céus, você não é apenas um elo de união com o passado, é meu futuro. Devo a você isso... tudo.

— Não, Ryder...

— Sim.

— Quero que saiba que você é o pai. Nunca houve outro em minha vida, apenas você.

— Você já me disse isso.

— E você me disse que, embora tivesse mentido, não importava. Mas não menti para você.

Ryder a afastou para olhá-la nos olhos.

— Sei, e sinto muito. Amelia, quando olho para você... vejo o mundo cheio de oportunidades, de possibilidades. Não me importaria que as meninas

não fossem minhas porque sei que são suas, era isso o estava tentando dizer.

Os olhos de Amelia se encheram de lágrimas.

Não protestou quando Ryder a levantou em seus braços e a levou até o sofá, no qual a colocou. Depois, ficou olhando-a durante um longo tempo antes de levantar-se devagar.

— Por que não descansa um momento enquanto eu vou fazer compras? — disse ele com voz rouca.

Antes que Amelia pudesse responder, Ryder desapareceu.

— Primeiro se coloca o tempero — disse Ryder enquanto moía pimenta em um pilão de madeira que tinha encontrado em um armário em cima do refrigerador —. Depois, se esmaga um par de dentes de alho e acrescentam os filés de anchova.

Sentada em um banquinho, Amelia fez uma careta.

— O que aconteceu, você não gosta de anchovas?

— Não.

— Não se preocupe, nem sequer as notará — disse ele acrescentando uma colherada de café de mostarda de Dijon.

Ryder se aproximou da chaleira com água

fervendo e jogou um ovo. Depois de alguns segundos, tirou-o e o jogou na salada.

— Está cru! — exclamou Amelia.

— Não, não está cru. Está cozido o suficiente não ter germes. Acha que colocaria em perigo a sua vida e a das meninas?

Ryder era consciente de que sorria, mas não parecia poder evitá-lo. Ter gêmeas era um milagre.

Em uma vasilha, Ryder jogou azeite e misturou os ingredientes com um garfo.

— Precisa de ajuda? — perguntou Amelia.

Como era a segunda vez que Amelia perguntava, Ryder decidiu deixa-la cortar uma alface; o queijo parmesão, para a salada, já estava ralado. O frango estava descansando, o arroz cozinhando e, como ninguém bebia álcool, Ryder preparou um chá gelado.

A campainha soou neste momento. Amelia, depois de abraçar os pais de Ryder, os fez entrar.

Nina abraçou seu filho e em seguida o olhou fixamente.

— Essa cicatriz fica bem em você — disse a Ryder sua mãe.

— Obrigado — respondeu ele.

— Mas querido, precisa de um corte de cabelo. Acho que a última vez que cortou o cabelo foi justo

antes do casamento de Philip. Você e Rob foram juntos... antes do acidente.

A voz da Nina tinha enrouquecido e os olhos brilharam de forma suspeita. Ryder decidiu que o melhor era jantar o quanto antes; portanto, convidou a todos que se sentassem em torno da mesa e passou a salada César.

— Está deliciosa — disse sua mãe, já recuperada —. Achava que você não sabia cozinhar.

— Rob era o que sempre andava pela cozinha — disse Jack, com um rosto pálido e abatido que mostrava os maus momentos por quais tinha passado naquela viagem.

Ryder sentiu uma grande compaixão por seu pai.

— Talvez adote algumas das qualidades de meu irmão — comentou Ryder, intrigado pela idéia.

Durante as últimas semanas, tinha lido artigos sobre irmãos gêmeos e sabia que, com frequência, compartilhavam os mesmos passatempos. Depois, confessou que o jantar que tinha preparado tinha sido copiado de um programa culinário que tinha visto na televisão enquanto Amelia dormia.

Mas não disse que a salada que tinha preparado parecia algo a que estava acostumado a fazer, nem tampouco que tinha modificado a receita

para melhorar o sabor.

Como sabia isso? Alguém havia disto isso no Mona Lisa?

Naquela noite tinha apetite, apesar de estar preocupado ao ver que Amelia mal tinha provado sua comida. Tinha notado que esteve muito calada toda a tarde.

Ryder tinha esquecido preparar uma sobremesa, mas ninguém pareceu se importar. Enquanto retirava a mesa colocava os pratos na pia, ouviu a porta da entrada se fechar e foi até a sala de estar; então, viu que sua mãe não estava. Amelia estava sentada no sofá, junto a Jack; os dois pareciam perdidos em seus pensamentos.

A festa não estava muito animada.

Mas tudo mudou alguns segundos mais tarde, quando a porta do apartamento se abriu e um cão com olhos negros arrastou Nina para a sala.

— Trouxemos o terrier do Rob para você! — gritou Nina puxando o cão pela correia.

— Esse cão está doido — disse Jack.

— Não, não é verdade — insistiu Nina enquanto acariciava as costas do cão para tranquilizá-lo.

Ryder foi acariciá-lo, mas recebeu um latido como recompensa. Aproximou-se mais do cão e este

ameaçou morde-lo. Um cão assombroso para um homem que ia ter duas filhas, pensou Ryder ironicamente, perguntando-se como ia dizer para sua mãe que não podia ficar com o animal. Queria ter algo que tivesse pertencido a Rob, mas algo que não mordesse.

— É estranho, não acham? A gente pensou que, por serem gêmeos, Sócrates gostaria de você tanto quanto de Rob. Os vizinhos nos disseram que Rob brincava muito com o cão.

Ryder sorriu. Por que Rob teria colocado o nome do cão de Sócrates?

— Os vizinhos também nos disseram que Rob tinha o animal desde fazia apenas algumas semanas — acrescentou Jack.

A intenção de Amelia de acariciar o cão resultou em mais ameaças de dentada.

— É muito jovem — disse Nina acariciando-o.

— É um cretino — insistiu Jack. Depois, levantou um dedo enfaixado —. Um cretino com dentes muito afiados.

— Bom, está claro que gostou de você... mamãe.

Nina sorriu. Ryder tentou se lembrar se aquela era a primeira vez, desde o acidente, que a tinha chamado de mamãe; estava quase seguro.

— Talvez deveria ficar com ele — disse Nina — . De certo modo, seria como ter o Rob. Poderia chamá-lo de Socks.

Ryder, aliviado, assentiu.

— Estou certo que Rob adoraria que ficasse com... Socks.

— Diz isso a sério?

— Completamente a sério.

Havia algo que estava há um tempo querendo dizer a seus pais, algo sobre ao acidente, mas que ainda não tinha se atrevido mencionar. Cada vez que dizia algo sobre aquele dia, todos ficavam mudos. Tomando coragem, disse:

— Ainda não disse a vocês o quanto sinto sobre o Rob.

Lágrimas, mas Ryder continuou:

— Deve ser horrível para vocês dois. Já sei que eu não me lembro e que os médicos disseram a vocês que não me falassem disso, mas quero que saibam que sinto muito que Rob tenha morrido. Sinto muito que tenha ocorrido esse maldito acidente.

Nina olhou para Jack. Jack olhou para Amelia. Amelia olhou os pés. Ryder se sentiu como se houvesse dito algo terrível e, rapidamente, acrescentou:

— Já arrumaram todos os assuntos do Rob, verdade?

Jack foi o primeiro a recuperar-se.

— Tinha um pequeno escritório que compartilhava com sua sócia. Julia, sua sócia, está grávida de seis meses, assim vai ter que deixar de trabalhar durante um tempo; e agora, sem o Rob... tem medo de que, no final, não tenha outro remédio que fechar o escritório.

— Ao menos vendemos a casa — interpôs Nina, aparentemente aliviada de falar de coisas concretas —. Perdeu muito dinheiro, mas não importa. Estávamos desejando voltar para casa. Enfim, fora de algumas coisas para seus amigos, Rob nos deixou tudo. Colocamos em umas caixas algumas coisas do Rob que pensamos que ele gostaria que você e Philip ficassem.

Nina, com lábios trêmulos, guardou silêncio.

— Ryder estava desejando que voltassem — disse Amélia —. Disse a vocês que se lembrou de algumas coisas? Não muito, mas é algo.

— É maravilhoso — disse Nina enquanto levava um lenço aos olhos.

— Estou certa de que têm muita vontade de passar algum tempo juntos... em família — continuou Amélia —. Se Ryder passasse um tempo

com você e com Jack...

Jack tossiu, e Nina reagiu como se tivesse recebido uma advertência.

Ryder se enterneceu com a devoção de sua mãe, mas também o preocupava» E, pelo que parecia, também preocupava Amelia porque não fazia mais que olhar para um e outro com olhos muito abertos.

— Que tal amanhã? — perguntou Amelia em tom vacilante.

— Não, amanhã não pode ser — disse Nina imediatamente —. Jack tem uma consulta com o médico e depois precisa descansar. Será melhor que vocês continuem como até agora. Ao que parece, está dando resultado.

Ryder notou de que seus pais estavam de saída. Então, agarrou a mão de Amelia e a fez levantar-se.

— Esperem um momento. Antes que saiam, temos que dizer algo a vocês.

Ryder respirou profundamente e entrou na casa vitoriana que, até o dia do acidente, tinha sido seu lugar de trabalho. Não os tinha avisado que ia porque queria desfrutar de uns instantes de privacidade. Esperava que, ao entrar naquele lugar, algo despertasse sua memória.

Havia uma escada à direita do vestíbulo;

debaixo das escadas, um elevador. À esquerda da entrada havia um balcão; atrás do balcão, uma ruiva atraente. A jovem não o olhou, talvez porque estava concentrada falando com duas pessoas que estavam diante do balcão. Uma das pessoas era uma mulher morena vestida em um elegante traje negro; a outra pessoa era um homem de meia idade e calvo. Embora estivesse de costas para Ryder, este notou que sua postura era beligerante.

Ryder olhou ao seu redor. Viu estantes cheias de livros, alguns vasos de barro, tapetes espessos e móveis de carvalho.

Nada. Sua memória se negava a reagir.

O homem deu alguns passos para frente, estirando a mão. Ryder se perguntou se seria Goodman, Todd ou Flanders. Entretanto, não parecia um advogado.

— Ryder — disse o homem apertando a mão de Ryder—. Fico muito feliz de ver você, rapaz. Bom, tenho que reconhecer que não achei muita graça saber que, devido ao acidente, não cuidaria do meu assunto; mas Samantha fez um grande trabalho.

O homem deu uma piscadela a Ryder e acrescentou:

— Destroçou o velho. Foi maravilhoso. Temo que vai ter que dividir o dinheiro com ela!

Ryder tratou de aparentar saber do que esse homem estava falando. A morena ficou tensa.

— Eu não quero nem um centavo. Todos nós sabemos quem foi o cérebro por trás de sua... defesa.

— Bom, solucionem isso entre vocês — disse o homem com outra piscadela.

A morena olhou Ryder com desagrado. A ruiva umedeceu os lábios e o olhou com seus olhos verdes insinuantes.

Bem, parecia claro que uma das mulheres não confiava nele e a outra o desejava.

Por fim, a morena disse:

— Não tem idéia de quem somos, não é? Não me reconhece, nem reconheceu Gail nem tampouco Kurt Dalton, não é verdade?

Ryder esboçou um sorriso autêntico.

— Não tenho nem idéia.

— Eu sou Samantha Cooke, sua fiel colega de trabalho. Sou quem se encarregou do caso Dalton em sua ausência. Kurt Dalton é a pessoa que acabou de sair. E esta é Gail Bascomb, nossa recepcionista.

— Essa cicatriz ficou muito bem você, Ryder — disse Gail. Samantha Cooke sacudiu a cabeça.

— Miles Flanders vai querer vê-lo. Suba as escadas, primeira porta à direita. Ou se preferir,

suba de elevador.

— Não, subirei as escadas — respondeu Ryder.

Miles Flanders tinha a aparência de quem corre três quilômetros todas as manhãs antes do café da manhã e de passar os fins de semana jogando tênis. Também tinha um olhar de ave de rapina.

— Ainda não recuperou a memória? — perguntou Flanders.

— Não.

— Nada?

Ryder sacudiu a cabeça.

— Por que pergunta? Flanders encolheu de ombros.

— Por curiosidade. Nunca falei com uma pessoa com amnésia. Está bem, vou ser franco... é uma pessoa muito valiosa nesta empresa, possui a habilidade de ganhar casos perdidos. O trabalho de investigação que fez para o caso Dalton foi genial. Mas sem sua memória... Enfim, tome o tempo que precisar, Ryder.

— Não vim para sugerir voltar para os tribunais amanhã — respondeu Ryder —. Me lembro de ter estudado Direito, mas não de praticá-lo. Entretanto, tinha a esperança de que a rotina do escritório fizesse com que me lembrasse.

— Tivemos que dividir seus casos depois do

acidente. Billings cuidou do assassinato de Poe, e Cooke se encarregou do julgamento de Dalton, utilizando seu plano e suas investigações.

— Sim, isso foi que me disse — disse Ryder. Flanders arqueou as sobrancelhas.

— Você a viu?

— Ela e Dalton estavam lá embaixo quando cheguei. Tenho a impressão de que ela não gosta muito de mim.

— Bom, depois do que aconteceu entre os dois... Ryder levantou uma mão.

— Por favor, não diga mais nada, não quero saber. Não me lembro de nada e, se quer que eu diga a verdade, tampouco quero me lembrar.

Flanders soltou uma gargalhada.

— Enfim, também não gostava de Dalton, e não disfarçou. Como eu sempre digo, que Deus nos livre dos advogados idealistas.

Ryder não soube o que responder.

— Fique o tempo que quiser por aqui — acrescentou Flanders —. Vá à biblioteca se quiser, no porão; vá ao seu escritório para revisar os últimos casos; faça o que quiser. Mas nada de novos casos até que esteja perfeitamente bom, de acordo?

Ryder apertou a mão de Flanders.

— De acordo. Ah, mais uma coisa, Gail é minha

secretária?

Ryder esperava com toda sinceridade que não fosse.

— Não. Bem, vou chamar Vincent para que mostre a você onde está tudo.

Vincent não disfarçou sua curiosidade em relação à amnésia de Ryder, e fez tantas perguntas quanto as que respondeu. O tour acabou no escritório de Ryder. antes de fechar a porta, Vincent perguntou se queria mais alguma coisa.

— Não vi nenhuma cafeteira.

— Está nos fundo. Gostaria de um café? Preto, não é?

— Sim, preto. E também gostaria de ver o arquivo do caso Dalton.

— Sem problemas. Sabia que Samantha ganhou o caso?

— Sim, sei. Só quero revisar minhas notas.

Depois de assentir com a cabeça, Vincent saiu.

Amelia estava descansando no sofá, fazendo alguns pontos, depois de ter feito os exercícios de preparação para o parto quando Ryder entrou em casa.

Ao olhar para ele, notou que estava esgotado. Esgotado e enojado.

Por quê?, Perguntou-se Amelia com medo.

Tinha lembrado do acidente? Tinha lembrado que ia ao volante e que era responsável pela morte de Rob? Alguém havia dito algo...?

Ryder se virou para ela e, imediatamente, um sorriso apareceu em seu rosto.

— Está muito bonita — disse ele avançando em direção a Amelia.

— O que aconteceu? — perguntou Amelia deixando de um lado as agulhas e a lã.

— Nada.

— Mentiroso.

Ryder sacudiu a cabeça,

— Não é nada, é sério.

— Alguém disse... algo no trabalho?

— O que quer dizer?

Amelia piscou.

— Bom, você sabe que as pessoas gostam de falar... Ryder ficou olhando, tentando adivinhar o que Amelia achava que as pessoas fariam.

— Ninguém me disse grande coisa. Todos foram muito amáveis comigo. Distantes, mas amáveis. Trataram-me como um animal de laboratório; coisa que acho boa, porque é assim como me sinto.

— Então...

Ryder beijou sua testa.

— Está muito bonita hoje. Fica muito bem com roupa de fazer exercício.

— Sou uma mulher fatal e você está tentando se esquivar do assunto.

— Por que tem tanta certeza?

— Porque vi a sua cara.

Ryder suspirou e passou uma mão pelo cabelo.

— Não quero preocupar você, Amelia. Você já tem o bastante com a gravidez.

— Vamos, me preocupe.

Depois de vacilar uns instantes, Ryder respondeu:

— Hoje tive uma aula do que significa ser Ryder Hogan.

— E o que isso significa?

— Significa que vi o tipo de homem que sou, de primeira mão.

— Continuo sem compreender, fale mais claro.

Ryder sacudiu a cabeça.

Amelia acariciou seu braço e depois colocou a mão na sua bochecha.

— O que descobriu hoje sobre você mesmo?

— Descobri que me falta ética profissional. Descobri que sou capaz de fazer qualquer coisa por dinheiro. Descobri que sou um imoral, Amelia. Não há nada em minha carreira profissional do que me

orgulhar. Se não fosse por você e pelas gêmeas, preferiria não recuperar a memória.

Ryder a estreitou em seus braços e apoiou a bochecha na cabeça da Amelia.

— E descobri porque você quer me abandonar — murmurou ele.

Amelia se permitiu unir-se a ele. Nesse momento, Ryder era tudo o que ela tinha desejado que fosse: carinhoso e vulnerável, consciente de seus defeitos e, entretanto, com uma decisão firme.

E, nesse momento, abandoná-lo nem lhe passava pela cabeça.

Capítulo 9

O VENTO ondebava a superfície do mar. Amelia retirou alguns fios de cabelo da boca e desejou ter trazido um casaco com capuz. Quando Ryder disse que queria ir dar uma volta, tinha suposto que seria uma volta ao redor do quarteirão, não um passeio a beira mar.

Ryder parecia hipnotizado enquanto olhava o horizonte. O sol estava baixo, tingindo o céu de tons laranja e arroxeado. Por fim, Ryder suspirou, meteu as mãos nos bolsos e lançou um sorriso para Amelia. Embora seus olhos ainda mostrassem preocupação, havia um brilho novo de tranqüilidade neles. Parecia que havia tomado uma decisão.

— Sempre gostei do mar? — perguntou Ryder.

A verdade era que Ryder preferia os restaurantes da moda e os clubes noturnos. Mas essa era uma velha verdade, uma verdade irrelevante.

— A questão é se você gosta agora — disse Amelia.

— Sim — respondeu Ryder sem vacilar —. Me faz sentir vivo. Faz com que os problemas pareçam

insignificantes.

Ryder tomou sua mão e retomaram o passo. Ela prestou atenção na sensação da areia sob seus pés. Ignorou a firmeza com que Ryder segurava sua mão, como se fosse sua salvação. Amelia morria de curiosidade de saber o que tinha acontecido no escritório que o tinha afetado tanto.

Não saberia dizer quanto andaram, só que cada vez sentia mais frio enquanto a noite caía sobre eles.

Amelia tremeu. Ryder parou de caminhar e colocou um braço sobre seus ombros, mas não a esquentou.

— Já estive aqui antes — disse Ryder.

— Se lembra desta praia?

Ryder baixou o rosto para olhá-la.

— Já pensou alguma vez no que é a memória? Por exemplo, lembro perfeitamente do sanduíche que comi ontem, e lembro dúzias de coisas a respeito: o tipo de pão, sua textura, o aroma do tomate e como ficava no prato; entretanto, minhas lembranças de agora estão condicionados pelas minhas experiências passadas, por isso achava importante. As lembranças são subjetivas; no entanto, mostram melhor o que é importante para nós do que os fatos concretos.

Ryder se interrompeu um momento antes de

acrescentar:

— Não sei quando, mas sei que estive nesta praia. Sei que encontrei paz aqui, igual ao que sinto agora.

— O que aconteceu hoje, Ryder? — Amélia atreveu-se a perguntar.

Ryder, olhando-a fixamente, respondeu:

— Não deveria falar disso com você, não é ético do ponto de vista profissional. Entretanto, se não contar para ninguém ficarei louco. E você é a única pessoa para quem posso contar.

— Me conte Ryder, pode confiar em mim. O que aconteceu?

Ryder tirou o braço de seus ombros.

— Você se lembra do incêndio que houve em Seaport há oito meses? Um armazém velho queimou naquele incêndio.

— Sei que houve um incêndio, mas não me lembro de muita coisa. Alguém morreu?

— Sim, um mendigo que tinha entrado por uma janela e estava dormindo lá.

— Ah. Acho que li no jornal que estavam acusando o dono do armazém de ter provocado o fogo intencionalmente. Alegavam que tinha feito isso para receber o seguro. Mas, não me lembro do que aconteceu no julgamento.

— Talvez seja porque o julgamento começou alguns dias depois que eu sofri o acidente. O dono do armazém era um cara chamado Kurt Dalton, e hoje descobri que era meu cliente. Depois do acidente, uma advogada da empresa se encarregou do caso e ganhou apoiando-se na investigação e informações que eu tinha feito. Enfim, hoje revisei minhas anotações.

— E o que tem descobriu? — perguntou ela em voz baixa.

Ryder esfregou a testa.

— Havia uma testemunha que jurava ter visto Dalton no armazém aquela noite, mas Dalton tinha um álibi. A testemunha era um veterano de guerra com um histórico de problemas psicológicos; ao que parece, sofreu uma crise nervosa quando, vinte e cinco anos atrás, metade de seus homens morreram em um incêndio. Segundo minhas anotações, fiz uma investigação sobre este indivíduo e decidi que seria fácil destruí-lo no julgamento. Apresentei como testemunhas seus psiquiatras, suas duas ex-mulheres, seus três filhos e usei todas essas pessoas para desacreditá-lo. Foi arrasado no banco de testemunhas.

— Mas...

— Espera, ainda tem mais. No arquivo, em um

envelope separado, encontrei um artigo de um jornal escrito por um jornalista que estava fazendo uma reportagem a alguns edifícios depois do armazém do Dalton. Minutos antes de ocorrer o incêndio, esta pessoa tirou uma foto da janela em que estava. A foto saiu no jornal com o artigo. Na foto, vi marcado um círculo azul ao redor de um dos carros estacionados na rua, um carro com uma amassado no pára-choque da frente. Utilizando uma lupa, é possível ler o número da placa do carro.

Amelia não estava entendendo nada. Tremendo de frio, sussurrou:

– E?

Ryder tirou o casaco e o colocou nos ombros de Amelia.

– Como é natural, me perguntei por que esse artigo estava aí e por que esse carro estava marcado com um círculo. Depois, ao me fixar, vi que no envelope estava escrito o nome do Dalton.

– Esse carro...?

– É o carro do Dalton. Seu filho tinha feito um amassado na noite anterior. Comprovei tudo. A foto foi tirada quinze minutos antes de soar o alarme de incêndio. Dalton não estava jantando na casa de uma amiga, como tinha sido confirmado por sua família.

— Então estava perto do seu armazém.

— Sim. E isso significa que o álibi do Dalton era falso; e o que é pior, que eu sabia que tinha mentido. É o terceiro edifício em seu nome que queimou. Um vigia noturno morreu no primeiro incêndio. E agora acabo de descobrir que Dalton foi responsável pela morte de um homem cujo único delito foi procurar um lugar seguro para passar a noite. E significa que sou o tipo de advogado que, sabendo a verdade, a oculta.

Amelia sentiu a necessidade de fazer algo para aliviar a dor que via nos olhos de Ryder.

— Vou fazer o papel de advogado do diabo. Não é suposto que esse é seu trabalho? Por pior que seja, não é isso o que tem que fazer? O promotor não podia ter descoberto o mesmo artigo, a mesma foto e consultado outros psiquiatras?

— Talvez seja um bom advogado — disse Ryder devagar —, mas fazer um veterano de guerra vir abaixo, para libertar Dalton da cadeia, não me faz um bom homem. E isso não é o mais importante?

— Sim — respondeu Amelia com um murmúrio —. Sim, é obvio.

Ryder ficou olhando para ele uns instantes antes de falar.

- Ainda está com frio, não é?
- Não se preocupe, estou bem.
- Fui um egoísta ao trazer você aqui.
- Não...

– Mas você veio sem protestar. Nunca protesta, Amelia. Desde o começo, estive disposta a me seguir em tudo, a pôr minhas necessidades na frente das suas. É uma mulher incrível.

– Ryder...

– Uma mulher incrível – repetiu ele estreitando-a em seus braços.

Amélia achava impossível controlar seus sentimentos quando ele a tocava. Estava tentando ligar aquele Ryder com o homem com quem tinha saído meses atrás. Enquanto este Ryder continuava impressionando-a por sua consideração e compaixão, lembranças referentes ao modo como a tinha tratado no passado continuavam assaltando-a.

Que terrível devia ser para ele essa situação!

- Está tremendo – disse ele.
- E você.

Ryder baixou a cabeça e, quando a beijou, ela já estava sem fôlego. Não a beijou apenas na boca, também tocou suas bochechas com os lábios; e a garganta, os ouvidos, as pálpebras e a testa. Quando Ryder voltou a apoderar-se de sua boca, Amelia

estava a ponto de desmaiar e tão assustada que, de repente, separou-se dele e começou a andar. A suas costas, sentiu que ele a seguia, sem protestar.

A sensibilidade e humanidade de Ryder a fizeram amá-lo ainda mais.

Nesse momento, se deu conta. Por que continuava rejeitando-o? Ryder era honesto e terno, ao tempo irresistível e sensual. Era o tipo de homem que sempre tinha querido. por que não podia aceitar a este novo Ryder como verdadeiro?

Ryder passou várias tardes daquela semana em seu escritório. Depois de revisar seus casos, chegou a uma desagradável conclusão: sua carreira profissional era uma máscara de decência que ocultava feitos de reputação duvidosa.

Pensou em sua antiga professora, Kendra Platt, e no evidente desgosto que tinha mostrado por ele. Quando a viu, achou-a cruel; mas agora...

Teria que mudar. Tinha a sensação de que seus dias na Goodman, Tood e Flanders estavam contados. Precisava encontrar a si mesmo e, por alguma razão que desconhecia, isso o levou a casa de seus pais.

Evidentemente, se surpreenderam ao vê-lo; mas o receberam com carinho e o conduziram à sala de estar. Sócrates grunhiu e fez ameaças de mordê-

lo antes que seu pai trancasse o cão na cozinha.

Junto a uma foto do casamento de Philip e Sara, Ryder encontrou duas fotos suas penduradas na parede. Mas em seguida notou que as fotos não eram apenas dele, uma era do Rob.

— Contem-me coisas sobre mim — disse a seus pais.

— Oh, meu Deus — disse Nina, lançando a Jack um olhar de soslaio.

Ryder segurou as mãos de sua mãe nas suas.

— Escutem, já sei que deixei muito a desejar, e por isso vou deixar isso mais fácil para vocês. Sei que sou um egoísta, sei que não fui bom filho, sei que minha reputação é duvidosa. Mas também sei que estou apaixonado por Amelia, que serei um bom pai e que, seja lá pelo que for, mudei depois do acidente. Espero que possam me ajudar e que me contem como era quando criança. Pode ser que seja importante. Está bom para vocês?

Nina assentiu, as lágrimas davam um brilho especial a seus olhos. Ryder tinha se dirigido a ela porque era evidente que era mais forte que seu pai; por isso, se surpreendeu que quem respondesse fosse seu pai.

— Você e Rob foram maravilhosos quando pequenos — disse Jack passando uma mão

enrugada pelo cabelo grisalho —. Rob era mais calado, você era muito extrovertido. Não vou negar que você e eu discutíamos bastante, porque era muito cabeça dura; mas sempre admirei você, filho. Sabia o que queria e se dedicava lançava totalmente a conseguir.

— Tinha centenas de amigos — interpôs Nina —. Não sei quantas festas deram na outra casa. Rob tinha a tendência de sair com apenas uma garota, mas você acostumava me dizer que a vida era muito curta e que estava disposto a desfrutá-la ao máximo. Foi por isso que me alegrei tanto quando começou a sair com Amelia.

— É o melhor que podia acontecer na sua vida — disse seu pai.

Ryder assentiu.

— Sim, estou de acordo.

— É adorável — acrescentou Nina —. Tem um aspecto muito frágil; entretanto, é forte e uma pessoa muito boa. Vai ser uma mãe maravilhosa. Vai ser uma esposa maravilhosa.

Ryder olhou sua mãe nos olhos. Sua mãe esperava que confirmasse o que acabava de dizer. Ryder quis dizer-lhe que, por ele, não havia problemas; entretanto, suspeitava que Amelia não ia concordar.

— Amelia é única — disse Ryder evasivamente.

— Sempre foi especial para mim — disse Nina —. Não me interprete mal, gostava dos três com loucura. Philip era muito esportista, Rob era sensível e com muito senso de humor, e você tinha o demônio metido no corpo. Você e eu costumávamos ficar falando até altas horas da noite.

— Do que falávamos?

— De tudo e de nada. Falávamos de livros... você e Rob liam muito. Também falávamos de idéias, das pessoas... de tudo.

— Sei que, quando adulto, não visitei muito vocês. Sinto muito — disse Ryder de repente.

O sorriso de sua mãe chegou a seu coração. Nina pôs uma mão na sua.

— Estava muito ocupado, Ryder. Sempre tinha muitas coisas que fazer, e uma vida social muito intensa.

— Acredito que o que você mais gostava era conquistar as pessoas, fazer novos amigos — acrescentou seu pai —. Mas o esforço cotidiano de manter as amizades...

— Parece que era muito superficial e um pouco oportunista — disse Ryder —. Acredito que este horrível acidente mudou tudo. Acredito que o acidente fez com que me desse conta do que

realmente é importante para mim. Sei que antes tinha medo de assumir responsabilidades... mas agora não.

Seus pais sorriram, e Ryder se deu conta de que, apesar do tipo de filho que tivesse sido no passado, essas duas pessoas o amavam. Tinham-no amado no passado, amavam-no no presente e continuariam amando-o no futuro. Da mesma forma que ele amaria suas filhas. Os olhos do Ryder se encheram de lágrimas que não pôde conter.

– Obrigado – disse a seus pais.

– Não sei se ajudamos você...

– Sim, ajudaram-me – lhe assegurou ele.

E assim foi. Pela primeira vez desde que saiu do coma depois do acidente, sentiu como se Nina e Jack fossem realmente seus pais.

A pedido da Nina, Philip e Ryder ficaram cada um com meia dúzia de caixas que continham objetos pessoais de Rob. Para Ryder parecia um sacrilégio examinar o conteúdo das caixas sem poder lembrar-se de Rob; por isso, deixou-as em um canto de seu quarto, deixando a inspeção para outro momento.

Conforme transcorriam os dias, continuou se recordando de pequenas coisas. Mas tomou o cuidado de dizer tudo para Amelia, pois o maior

medo dela era que recuperasse a memória e voltasse a se transformar no monstro que tinha sido no passado. Além disso, não tinha sentido preocupá-la sem necessidade, já que as recordações eram esporádicas e não pareciam ser muito importantes.

Por exemplo, sabia que a cor preferida de Amelia era azul. Lembrava dela com um vestido azul. Nesse mesmo dia, tinha lhe comprado um lenço azul que tinha guardado no bolso da jaqueta e que pensava dar a Amelia naquela noite.

Mas antes tinha que ir à delegacia de polícia, porque tinha uma entrevista às duas para falar com o policial que chegou primeiro no incêndio do armazém de Dalton. O julgamento já tinha acabado, mas ainda era possível solucionar o assunto da fraude no pagamento do seguro. Entretanto, antes de fazer algo, Ryder estava decidido a voltar a investigar o caso desde o início.

Teve que esperar uma hora para que outro policial lhe dissesse que o agente com quem tinha uma entrevista tinha saído e, portanto, tinha que marcar outro dia. Ryder aplacou sua frustração pensando que assim teria mais tempo para estar com Amelia.

Estava cruzando o vestíbulo quando, de repente, cruzou com o detetive Hill.

— Ora, ora — disse Hill —. O que lhe traz aqui?

— Tinha uma entrevista — respondeu Ryder, imediatamente em guarda.

— Se recuperou a memória, é comigo com quem deveria falar. E, pelo que me lembro, não me pediu uma entrevista.

Ryder sabia que Hill esteve fazendo perguntas sobre ele, mas conteve a intranquilidade que isso produziu.

— Por que? O que é que quer de mim? Hill apertou a mandíbula.

— Ouça, pode conseguir enganar os médicos, mas nós dois sabemos que era você quem estava dirigindo, que era você quem estava bêbado e que foi o responsável pelo acidente. Pode ser que nunca consiga comprovar, graças ao desastre do laboratório, mas nós dois sabemos que você matou seu irmão.

Atônito, Ryder ficou olhando Hill nos olhos. O que viu foi pior do que Hill havia dito porque, como advogado, sabia que se podia dar voltas com as palavras, que podia brincar com elas e transformá-las em armas.

O que viu nos olhos de Hill foi à verdade.

— A verdade, Amelia.

Ela ficou olhando para ele. Ryder parecia destroçado, e ela suspeitou que ele já sabia a verdade.

— Depois que Hill me dissesse isso, fui até a biblioteca — disse Ryder passeando pela sala de estar —. Revisei tudo o que têm sobre o acidente.

— Ryder...

— Hill tem razão, eu dirigia, eu matei o Rob.

— Ryder...

Ryder se deteve e ficou olhando para ela.

— Sabe o que é mais engraçado, Amelia? Que não me surpreende. Tudo o que fui descobrindo sobre mim faz que resulte mais plausível. Além disso, isso explica porque todos vocês ficam tão nervosos quando se menciona o acidente. Eu matei o Rob. E pelo que sei sobre mim mesmo, quem devia ter morrido era eu.

Amelia murmurou algo e foi consolá-lo; mas antes que pudesse tocá-lo, Ryder deu meia volta e saiu de casa.

Transcorreram horas. Amelia esperou na escuridão com a mente confusa.

De súbito, ficou em pé. Procurou uma lanterna e, quando a encontrou, agarrou as chaves. Tinha que ir em busca de Ryder.

O carro estava no estacionamento, o que

significava que Ryder tinha ido a pé ou de táxi. Chuviscava. Amelia foi ao Pepper's Place primeiro, tinha o pressentimento de que Ryder teria ido a algum lugar barulhento, um lugar escuro onde se escondesse. Aproximou-se do balcão e perguntou ao garçom se tinha visto Ryder Hogan.

— Não, faz semanas que não o vejo — foi a única resposta que obteve.

Amelia passou pelos antigos colégios de Ryder, pela casa em que cresceu. Não se incomodou em ir até casa dos pais de Ryder nem para a casa de seu irmão porque sabia que não recorreria a eles no estado no que se encontrava, com o problema que tinha. Passou pelo escritório de Ryder com a esperança de ver luz na janela de seu escritório, mas o edifício inteiro estava às escuras.

Aonde ir? Ao clube de campo? Ao Mona Lisa?

Não, aqueles eram lugares em que o velho Ryder lamperia suas feridas.

Mas... e o novo Ryder?

De repente, soube.

Por cima da suave espuma das ondas, viu a silhueta de uma figura solitária na praia. Instintivamente, Amelia soube que era Ryder.

A garoa continuava, e Amelia agarrou a

lanterna e o guarda-chuva na parte da frente do carro.

Ryder se voltou quando ela estava a três metros dele. Abriu os braços e a ajudou a se agachar quando ela sentou ao seu lado. Ryder estava com as mãos frias e soltou Amelia imediatamente. Amelia deixou a lanterna na areia e manteve o guarda-chuva por cima de suas cabeças.

Depois de uns momentos de silêncio, Amelia disse:

— Quero que saiba que está enganado.

Ryder se voltou para olhá-la, tinha as bochechas úmidas.

— Li os jornais, Amelia, sei que eu dirigia o carro. E Hill disse que estava bêbado. Que ironia do destino! Quando tropecei com Hill, tinha ido à delegacia decidido a consertar o mal que tinha feito, mas sem saber que o pior tinha feito na vida foi matar meu irmão. Sou um assassino.

— Não me referia a isso — disse Amélia —. Em tudo o que faz, com tudo o que diz, está mostrando ser o homem que realmente é. O velho Ryder desapareceu, você fez com que desaparecesse. Engana-se ao dizer que você é quem deveria ter morrido, não o Rob. Agora que vai ter duas filhas, como pode dizer que é você quem deveria ter

morrido?

Amelia colocou uma mão na sua bochecha e para Ryder pareceu que o mundo deixava de girar. Apesar de não poder ver seus olhos nitidamente, sentiu uma invisível união entre eles, uma união poderosa e eterna.

Ryder segurou sua mão e a levou aos lábios para beijar, cada um dos dedos.

— Oh, Amelia — murmurou Ryder —. Me desperte com um beijo.

Amelia se inclinou para ele e beijou-o com lábios quentes e suaves. Ficou olhando nos olhos e Ryder notou que estava esperando uma resposta à pergunta de se aquele beijo o tinha tirado do pesadelo em que se viu metido, de toda sua confusão.

Desgraçadamente, não era assim. Entretanto, de repente, deixou de ter importância.

Ryder estava cansado do passado, cansado dos sórdidos detalhes da vida de um homem que não conhecia.

O único tinha que fazer era se decidir e, desse momento em adiante, retomar sua vida como um homem íntegro. Podia ter uma segunda oportunidade, um novo começo.

Ryder meteu a mão no bolso e, com cuidado,

tirou a seda azul do pacote. Olhando a Amelia nos olhos, disse:

— Quando vi isto, pensei em você; embora saiba que não tem nada de especial, já que penso em você constantemente... Enfim, Amelia, o que estou tentando dizer é que amo você. Case comigo.

Ouviu-a respirar profundamente e conter o ar.

— Digo com todo meu coração — acrescentou Ryder —. Te amo. E acredito que você também me ama. Sei que tenta não me amar, mas não pode evitar, não é?

— Oh, Ryder...

— Amo você com loucura — disse ele.

— Ryder, acredita que me ama...

— Não, não é que acredite nisso, é o que sinto. É de verdade, Amelia. Como você mesma disse, vamos ter duas filhas. Quero começar uma nova vida, criar algo sólido. Não me condene por um passado que pertence a outro homem. Preciso de você.

Amelia ficou olhando o lenço que tinha nas mãos.

— Lembra quando, no outro dia, perguntei se sempre tinha gostado do mar? Você respondeu que o importante era se eu gostava agora, não? E tinha razão, Amelia. O importante é minha vida a partir

de agora, é como vou vivê-la.

— Ryder...

— Me ama? — insistiu ele —. Esqueça do homem que conheceu no passado. Ama o homem que está sentado contigo aqui, esta noite? Me ama?

Amelia acariciou o lenço; depois, elevou o rosto e o olhou. Por fim, quase como um suspiro, respondeu: — Sim, pois Amelia podia ouvi-lo à noite dando voltas na cama e murmurando enquanto dormia.

A razão lhe dizia que, algum dia, recuperaria a memória. Mas não importava, pois enfrentariam isso juntos.

Amelia usava o lenço azul quando foram juntos à primeira aula de preparação para o parto. Não surpreendeu que Ryder fosse o companheiro mais atraente da sala; e supôs que tampouco deveria surpreendê-la que fosse também o mais atento.

Agora que tinha aceito casar-se com ele, a vida tinha adquirido outra cor.

Ryder a amava, precisava dela, seus sentimentos por ela eram verdadeiros. Amelia sabia que podia contar com ele para tudo.

No passado, tinha-o amado; mas agora se dava conta que aquele amor tinha sido infantil, mais um sonho que uma realidade. Desta vez, seu amor era

real, era amor por um homem dedicado a ela e a seus futuros filhos. Ryder tinha amadurecido, mas Amelia tinha que reconhecer que ela também tinha. E tinham amadurecido juntos.

Tinham pensado em se casar dentro de três semanas, até que tia Jenny e tio Lou pudessem deixar a loja em Nevada para comparecer a cerimônia em Oregon. Tinha sido idéia de Ryder dar a notícia para seus pais e seu irmão na festa do vigésimo nono aniversário. E só faltava um dia para isso. Amelia estava desejando anunciar, mas supunha que podia esperar mais um dia.

Tudo estava saindo às mil maravilhas.

Nesse caso, por que continuava preocupada?

Talvez fosse porque ainda temia que o velho Ryder despertasse. Tinham decidido não compartilhar a mesma cama até que as gêmeas nascessem, mas não fechavam mais as portas de seus respectivos quartos.

No dia de seu aniversário, Ryder se arrumou cedo para a festa, mas Amelia o obrigou a trancar-se em seu quarto porque queria decorar sozinha o apartamento para a celebração antes que a família de Ryder chegasse.

Condenado a permanecer em seu quarto, Ryder decidiu dar uma olhada nas caixas com as coisas de

Rob.

A primeira estava cheia de livros. Ryder pegou um, clássico para crianças, uma primeira edição. Com cuidado passou as folhas amareladas, sorrindo ao imaginar a si mesmo lendo o livro para suas filhas. Como estava seguro de que seu irmão não deixava aquele livro metido em uma caixa, colocou-o em uma estante.

Com aquele livro, passaria a suas filhas algo de seu irmão.

A caixa seguinte tinha camisas, ainda envoltas em celofane, e objetos variados que pareciam ter saído da gaveta de uma cômoda. Entre moedas velhas e alfinetes de gravata, viu uma caixa de madeira que parecia igual a que ele tinha em cima de sua escrivaninha.

Sim, Rob e ele tinham caixas idênticas para guardar suas jóias. Pôs as caixas juntas e desejou conhecer sua procedência. Talvez sua mãe, ou seu pai, soubessem. Abriu a tampa da caixa de Rob.

Nesse momento, Amelia bateu na porta, mas não abriu.

— Ryder? Philip e Sara acabam de chegar, e seus pais estão subindo as escadas.

— Já estou indo — respondeu ele elevando a voz, e deixou as caixas para outro momento.

— Meu pai as fez — disse Jack minutos mais tarde, depois de provar a cobertura do bolo com um dedo —. Também fez uma para Philip; mas como ele era maior, a dele era maior que a de vocês.

— Coisa perfeitamente justa — disse Philip com um travesso sorriso.

Ryder estava abrindo o champanhe e a rolha voou pelos ares com um estrondo. O ruído evocou algo, e ficou olhando a rolha, que acabou aterrissando debaixo da mesa. Rolhas, um casamento... depois, nada. Outra lembrança desvanecendo-se no ar.

Amelia passou as taças antes de propor um brinde. Depois, foi à vez de Ryder e, com uma mão nos ombros da Amelia, deu a sua família a notícia do iminente casamento.

Dando umas palmadas no ventre, Amelia disse:

— Suponho que esta noiva não vai de branco.

— Pode ir como quiser — disse Ryder antes de dar um beijo na sua nuca—, contanto que case comigo.

— Sabia! Sabia! — gritou Nina.

Jack riu, Philip advertiu seu irmão sobre as desvantagens do casamento e ganhou uma cotovelada de sua esposa. A única nota destoante foi a forma como Ryder parecia não poder deixar de

olhar para a rolha da garrafa de champanhe.

Seu pai, um pouco nervoso, deu de presente um diário de couro com suas iniciais.

— Sei que não é o tipo de presente que estamos acostumados a dar, filho; mas mudou, e estamos muito orgulhosos de você.

— Obrigado — respondeu Ryder a seu pai, profundamente comovido.

Philip e Sara o presentearam com um relógio, e Amelia lhe deu uma rosa vermelha.

— É como a flor que me deu no primeiro dia que saímos juntos — disse Amelia com olhos brilhantes —. Mas esta vem com um certificado da galeria Rosa para uma foto de família... que tiraremos em alguns meses.

Amelia voltou a tocar o ventre.

Sobressaltado, Ryder a beijou nos lábios.

Enquanto todos cantavam «Parabéns para Você», Ryder levou a flor ao nariz. O forte perfume subiu a sua cabeça e, durante um segundo, sentiu um profundo desejo de colocar a no bolso da jaqueta. Tremeram-lhe as mãos e se sentiu quase enjoado.

Amélia olhou para e perguntou:

— Está acontecendo algo?

— Não sei — respondeu Ryder.

— Está um pouco estranho.

— Não se preocupe, não é nada — respondeu Ryder, embora sem poder evitar pensar que algo estava acontecendo com ele, algo que podia mudar tudo.

Horas mais tarde, Ryder estava apoiado no umbral da porta do quarto de Amelia, olhando-a. Devagar, entrou no quarto e, silenciosamente, aproximou-se da cama. Depois, deitou ao lado dela e Amelia deu meia volta até ficar de frente a ele.

Ryder a abraçou e ela sorriu, mas os olhos de Amelia permaneceram fechados e ele duvidou que tivesse despertado.

Permaneceu deitado um bom tempo, ouvindo a respiração de Amelia, sentindo com a mão uma de suas filhas mexer. O cabelo de Amelia cheirava a rosas e ele fechou os olhos...

Era de noite e estava em um carro... o carro corria... Um espelho a seu lado...

Despertou com um sobressalto, com a boca seca e o coração galopando. Desta vez, tinha conseguido permanecer no sonho o suficiente para ver o que mostrava o espelho.

Não se tratava de um reflexo, apenas um vazio.

Ryder se levantou da cama com cuidado, mas não o suficiente.

— Ryder? — murmurou Amelia entreabrindo os olhos.

— Fique tranqüila, volte a dormir — disse ele acariciando seu cabelo.

— Você está bem?

— Sim, estou bem — Ryder beijou sua testa, amava-a tanto que quase doía —. Vamos, durma.

Ficou olhando a rosa, que estava em cima de sua mesinha de cabeceira, embora ainda não sabia o que era que lhe parecia tão especial. Então, para se distrair, foi examinar o conteúdo da caixa de Rob.

Na caixa havia um relógio com as iniciais RJH gravadas: Robert Joseph Hogan. Também havia par de abotoaduras de ouro e um medalhão. De repente, chamou a sua atenção um anel de ouro com uma pedra de ônix polido.

O anel era simples. Voltou a olhar para a rosa. Depois, olhou para a mão e se fixou no anel que tinha lhe dado depois do acidente.

Quanto tempo passou ali sentado olhando para a mão? Quanto tempo passou antes de agarrar a rosa e esmagá-la ao fechar a mão? Quanto tempo demorou para lembrar da discussão, a música no casamento, de Amelia vestida de azul, de Rob, uma bandeja com taças de champanhe?

As imagens passaram por sua mente com mais

rapidez.

O amanhecer o encontrou junto à janela, com a rosa na mão e o anel em cima da cama.

A única coisa que suas lembranças tinham em comum era que Rob estava sempre presente nelas. Lugares em sua infância, caixas idênticas... Amelia.

Amelia no clube de campo... grávida... zangada... assustada... A discussão...

Maldito homem! Quando ia assumir a responsabilidade de seus atos? Quando ia deixar de fazer mal às pessoas?

E essa mulher, delicada e vulnerável... Desde o primeiro momento que a viu notou que era especial. Recordou a felicidade que sentiu quando ela falou com ele... e em seguida sua decepção.

Já pertencia a outro homem, estava grávida. Com o filho de Ryder!

Aproximou-se do espelho. No sonho, não tinha visto nenhum reflexo.

Olhou-se nos olhos. Viu o mesmo cabelo escuro, o mesmo nariz, os mesmos lábios e o mesmo queixo que via todos os dias desde que saiu do coma. Viu a Rob.

A memória voltou como a maré fazendo subir o nível da água do mar.

Olhou-se no espelho e soube tudo com certeza.

Ryder Hogan tinha morrido no acidente. Ele era Rob Hogan.

Capítulo 10

As imagens se amontoaram em sua cabeça. Por fim, Rob conseguiu relembrar a seqüência de acontecimentos na noite do acidente.

Rob. Ele era Rob.

Ainda lhe custava pensar em si mesmo como Rob, não como Ryder...

Ryder estava bêbado, mas bêbado ou sóbrio, era muito obstinado. Rob recordou claramente a sua decisão de que seu irmão não fosse sozinho no carro no estado em que se encontrava. Recordou como se jogou no interior do carro.

Convencido de que Amelia queria agarrá-lo, Ryder tinha jurado que não conseguiria o que queria. Rob estava sentado ao seu lado, enfurecido.

— Não vai mudar nunca! — tinha gritado a Ryder—. Olhe para você, o pilar da sociedade. Ainda usa o meu anel da fraternidade. Tomou-o de mim quando expulsaram-no. Mas não me importei, ninguém ia corrigir seu erro. Mas agora roubou o coração de uma mulher, e o corpo, motivado pelo mesmo egoísmo de sempre, e com a mesma crueldade.

Estava tão encolerizado que não notou que Ryder tinha tomado uma estrada secundária. Depois de alguns quilômetros e de continuar discutindo, Ryder parou o carro, retirou o anel e o atirou a Rob. Rob recordou claramente como o anel se chocou contra a porta do carro que estava do seu lado antes de cair no chão.

Depois, Ryder saiu do carro e, após lançar um soco no ar, caiu no chão.

Rob, enojado, levantou-o e sentou Ryder no banco do passageiro. Foi então quando viu o anel no chão. Como tinha deixado de usar o seu de ônix porque a pedra estava um pouco solta e tinha medo de perdê-la, colocou o anel.

E foi por isso que tinham confundido suas identidades: o anel que Ryder usava agora estava no dedo de Rob. Além disso, tinham trocado de lugar no carro e, devido a estarem com o mesmo corte de cabelo e a mesma roupa, nem sequer seus pais os tinham diferenciado.

Rob, sentado na cama, lembrou o momento em que Ryder saiu de seu estupor e agarrou o volante. Lutaram e acabaram caindo pelo barranco de um lado da estrada. Árvores, um rio... depois, a inconsciência. O hospital. Amelia. Seus pais.

Seus olhos queimavam. Chorava de alívio por

não ser o responsável pela morte de seu irmão? Chorava de pena porque, bom ou mau, bêbado ou sóbrio, Ryder era seu irmão gêmeo? Ou chorava por Amelia e pelo que tudo isso ia significar para ela? Para os dois.

Amelia estava apaixonada por Ryder, não por ele. E seus pais o tinham enterrado, tinham chorado sua morte.

Sua vida tinha sido eliminada. Seu escritório de advocacia, a menos que Julia tivesse conseguido mantê-lo sem ele, sua casa, seu carro, seus livros... tudo.

Nem sequer Sócrates o tinha reconhecido. Tinha que recuperar sua vida, mas como?

Amelia estava na varanda de Ryder, apoiada na grade. Enquanto contemplava a baía, desejou poder compreender o que estava acontecendo.

Duas semanas atrás, Ryder tinha entrado em seu quarto de noite, deitado em sua cama e a abraçado.

Ou tinha sido um sonho?

Pela manhã, despertou sozinha na cama. Encontrou Ryder sentado na mesa, com uma mala de viagem a seus pés e uma expressão que a assustou.

Disse a ela que estava começando a recuperar a

memória e, logo em seguida, disse que tinha que ausentar-se da cidade durante uns dias.

Depois de ficar em pé, a abraçou e beijou como nunca tinha beijado antes: com desejo, com profunda tristeza e com impossível paixão.

Ou também isso tinha sido um sonho?

E quando ela pronunciou seu nome, a expressão dele mudou, era como se o houvesse esbofeteado.

Quatro dias depois, ele retornou e não deu explicação alguma. Mas não era o mesmo. Não era nem o velho Ryder nem o novo Ryder. Embora continuasse sendo amável com ela, estava distante, como se estivesse se preparando para o dia que a deixasse... ou que ela o deixasse. Tinha deixado de ir ao escritório e passava horas trancado em seu quarto, examinando as caixas de Rob, com o anel de ônix de Rob no dedo.

Amelia entrou na sala de estar e, coisa rara, viu a porta do Ryder entreaberta. Amelia, suavemente, abriu-a mais, ao mesmo tempo em que chamava.

— Temos que conversar — disse ela.

— Agora não...

— Sim, agora. Se vamos nos casar dentro de alguns dias, vai ter que me explicar algumas coisas; por exemplo, de onde vem esta mórbida fascinação

com os pertences de Rob. É por se sentir culpado pela sua morte? Não acha que talvez devesse ir ao hospital falar com o doutor Bass?

Ele ficou olhando-a. Amelia se sentiu desconfortável, como se estivesse diante de um desconhecido.

— Tem razão, temos que conversar — disse ele —. Cometi um engano ao deixar que as coisas continuassem assim.

De repente, a Amelia perdeu a vontade de conversar e saiu do quarto.

Ele a seguiu. Agarrou-a pelo pulso e Amelia se virou.

— Tinha pensado em não dizer nada até depois do nascimento das meninas, mas tem razão, não podemos nos casar sem que saiba.

— Sem que saiba o que? — sussurrou ela.

— Será melhor se sentar.

— Ryder!

Ele piscou.

— Sente-se — pediu ele em tom de súplica.

— É tão ruim que tenho que me sentar? Chegou a conclusão que não está apaixonado por mim, não é? — Amelia secou as lágrimas que tinham aflorado a seus olhos —. Sabia que isto ia acontecer. Maldita seja, deixei que você me

convencesse...

Ele a agarrou pelos braços.

— Amelia, cale-se! Deixa eu lhe explicar isso. Tem que saber...

— Saber o que? — perguntou ela com voz trêmula. Depois de uma pausa interminável, ele disse:

— Amelia, querida, Ryder está... morto. Eu sou Rob.

— Não.

— Amelia...

— É um de seus truques para não ter que casar comigo. Bem, pois não pense que...

Rob a fez sentar-se com ele. Com tanta ternura como pôde, contou-lhe como tinha ocorrido o acidente, contou-lhe de sua viagem para a Califórnia e disse que tinha ido a seu médico para revisar sua ficha.

— Faz alguns meses quebrei o dedo do pé. Nem minha mãe nem meu pai souberam, mas o médico tirou novamente uns raios X e... sim, Amelia, não há dúvida, não se trata de nenhum truque. Na Califórnia, também fui ao meu escritório. Julia me reconheceu imediatamente e, o que é mais importante, eu também a reconheci.

Amelia continuava sem parecer totalmente

convencida.

— A primeira vez que a vi foi no casamento de Philip. Você usava um vestido azul; estava maravilhosa e eu não podia tirar os olhos de você. Aproximou-se de mim e, ao me confundir com meu irmão, me disse que a tinha engravidado. Nesse dia foi a primeira vez que tive que dizer a você que eu não era Ryder, esta é a segunda vez. Mas querida, isso não muda em nada o que sinto por ti.

— Ryder está morto — disse Amelia sem expressão, como se acabasse de saber.

— Está morto há meses.

— Não — disse ela —. Para mim não, para mim está morto há dez minutos.

— Amelia, me escute com atenção. O que sentimos um pelo outro começou depois do acidente, nada mudou a respeito disso.

A gargalhada de Amelia o surpreendeu.

— Mudou tudo — gritou ela.

— Sou o mesmo de duas semanas atrás...

— Não. Há duas semanas, era Ryder e eu levava em meu ventre a suas filhas. Depois, recuperou a memória e ficou distante e reservado. É um desconhecido para mim.

— Ao me dar conta de quem era, me senti muito confuso — respondeu Rob —. Precisava de

tempo para assimilar...

— Não me importa! Precisava de tempo, não é?
Pois agora quem precisa sou eu.

— Mas o casamento...

— Não vai haver casamento nenhum, Ryder.
Quer dizer, Rob — os olhos a voltaram a encher de
lágrimas —. Nem sequer sei como chamar você!

Rob tinha ficado em pé e a rodeou com seus
braços.

— Tudo ficara bem, querida, você vai ver. Só
tem que pensar nisto...

E a beijou com todas suas esperanças, com todo
seu amor para fazê-la ver que o que sentiam um
pelo outro não tinha mudado.

Amelia quase caiu ao fazer um esforço para
soltar-se dele.

— Preciso de um tempo — repetiu ela —. Você
também precisa de tempo. Meu Deus, tem que dizer
isso a seus pais... e à polícia.

— Sei.

— Vou para Nevada.

— Nevada!

— Tenho uma casa lá, esse era meu plano.
Minha tia Jenny e meu tio Lou estarão comigo. Rob
não se atreveu a tocá-la.

— Amelia, me escute. Não pode viajar, a

ginecologista advertiu que, quando se trata de gêmeos, é muito possível que o parto seja prematuro. Além disso, prometi a você que casaria contigo e que ajudaria a criar às meninas. É uma promessa que tenho a intenção de cumprir.

O olhar que lançou a ele indicou que a frase não tinha sido acertada.

— Não está obrigado a nada.

— Sei disso, mas...

— E não tem nenhum direito sobre mim nem sobre minhas filhas. Não.

Depois dessa terminante negativa, Amelia o deixou sozinho.

Amelia fechou a porta de seu quarto com chave e começou a tirar a roupa precipitadamente com os olhos cheios de lágrimas. Ao fazer metade da malas, sentou-se na cama e se cobriu o rosto com as mãos enquanto os soluços lhe sacudiam o corpo. Suas meninas. As meninas de Ryder. Mas Ryder estava morto.

Era como perdê-lo duas vezes. Chorou pelo velho Ryder e pelo novo Ryder. Chorou seu amor perdido.

«Não perdido», sussurrou-lhe uma voz interior. «Ele ainda está aqui, a única diferença é que tem outro nome e um passado diferente».

Mas Rob estava aí porque pensava que devia estar aí.

Lembrou do dia em que se conheceram, o terror que sentiu ao notar que o que sentia por Ryder tinha aumentado, não diminuído. Mas esses sentimentos não tinham sido provocados por Ryder, e sim por Rob.

Fazia meses que tinha deixado de amar o Ryder. Tudo o que sentia pelo homem que, naquele momento, estava neste apartamento tinha começado no casamento de Philip e tinha crescido com o acidente, exatamente como ele havia dito.

Mas não importava mais. Apesar do que dissesse, Rob só queria casar-se com ela porque considerava correto, não porque a amasse.

Rob bateu na porta.

— Amelia, seja razoável. Não pode dirigir até Nevada sozinha!

— Me deixe — respondeu ela, e continuou fazendo as malas.

— Não.

Amelia se deteve ao tocar o lenço azul que Rob a tinha presenteado.

De repente, Amelia sentiu um líquido quente correr pelas pernas.

— Oh, não! — gemeu ela —. Não, não, não.

Agora não, não.

Mas a sensação continuou, seguida da primeira contração. Ao que parecia, suas filhas estavam decididas a nascer em Oregon. Mais lágrimas escorreram pelas bochechas enquanto, sem êxito, tentava praticar as técnicas de respiração para o parto.

Por fim, Amelia abriu a porta.

— Estou em trabalho de parto — disse ela sem mais preâmbulos.

Rob levou alguns segundos para assimilar essas palavras.

— As meninas vão nascer?

— Será melhor me levar para o hospital.

— Primeiro vou ligar para a ginecologista — disse ele com uma nota de pânico na voz.

— Vá depressa.

Enquanto Rob corria para o telefone e fazia a ligação, Amelia pegou uma toalha do banheiro e em seguida levantou sua mala. Rob retornou rapidamente e tomou a mala; ao fazer isso, suas mãos se tocaram. Então, Rob baixou a cabeça e a beijou na bochecha.

— Isto não muda nada — lhe advertiu Amélia

— Não vou ficar. Logo que... possamos viajar...

— Falaremos disso em outro momento — ele

interrompeu.

Durante uns instantes, mantiveram o olhar. Amelia estava pensando que ele não era o pai de suas filhas, que sua vida estava na Califórnia e que inclusive podia ter uma namorada ali.

— Quem é Julia?

Rob arqueou as sobrancelhas antes de responder.

— Minha sócia no escritório.

— Isso é tudo o que é para você?

— Fomos namorados...

Mas Rob se interrompeu quando ela lançou um gemido ao sentir outra contração.

— Respira fundo — disse ele —. Lembra, tem que se concentrar. Bem, agarre a minha mão... assim...

Amelia fez o que ele dizia e começou a acalmar-se.

— Querida, temos que ir. E Rob tinha toda a razão.

— Está fazendo isso muito bem — disse Rob.

Amelia estava confusa. A verdade era que nunca tinha tido intimidade com esse homem e estava ali, ajudando-a no parto.

— Vamos, empurra outra vez — disse a ginecologista.

Amelia cravou as unhas no braço de Rob e empurrou.

O pranto de um bebê anunciou o nascimento de sua primeira filha.

— É perfeita! — disse a doutora.

A ginecologista pegou a menina em seus braços e a mostrou a Rob e Amelia. Amelia viu uma imensa ternura nos olhos de Rob ao olhar à pequena, uma ternura que chegou ao seu coração.

— Vou chamá-la de Chloe, como minha mãe. Rob deu um apertão no seu ombro.

— Bom, ainda ficou uma dentro — anunciou a doutora —. vamos trabalhar.

Depois de mais ajuda para respirar e empurrar mais, Amelia deu a luz outra criatura. De repente, a sala ficou em silêncio. Durante uns instantes, Amelia pensou em todos os horrores imagináveis... até que a ginecologista riu.

— Estava equivocada, Amelia. Não são duas meninas, e sim um menino e uma menina. Este é um menino e é igual a seu pai!

Todos se voltaram para olhar Rob, incluso Amelia. As lágrimas correram pelas bochechas de Rob enquanto contemplava seu sobrinho. O coração de Amélia se encolheu. Deveriam ser seus filhos, pensou Amelia. Os filhos de Rob.

— E este, como vai se chamar? — perguntou a doutora.

— Ryder — respondeu Rob imediatamente —, como seu pai.

Momentaneamente perplexa, Amelia olhou Rob, que ainda continuava com os olhos fixos em seu sobrinho.

Em seguida, Amelia se viu com seus dois filhos nos braços; um com um gorro azul e a outra com um gorro rosa. Como se não pudesse distingui-los! Não eram idênticos, e sim gêmeos fraternos. Chloe era loira e quase não tinha cabelo, pequena e delicada como uma flor. E chorou até que Amelia lhe deu de mamar, mas Amelia teve o pressentimento de que aquela menina ia dar muito trabalho.

Ryder, pelo contrário, era mais moreno e mais tranquilo. Piscou várias vezes enquanto uma enfermeira o segurava perto de Amelia para que esta pudesse agarrar sua mão e ver seus escuros olhos. O menino lembrava seu pai.

Não, não o seu pai, e sim seu tio. O menino se parecia com Rob.

Amelia se voltou para dizer a ele.

Mas Rob tinha partido.

Rob estava sentado ao lado da cama de Amelia,

esperando que despertasse, do mesmo jeito que ela havia feito com ele. Havia dois berços no quarto, cada um com um de seus sobrinhos, ambos tão adormecidos quanto sua mãe. Era difícil imaginar um lugar no mundo mais seguro que aquele quarto, pensou Rob. O único problema era que tinha medo de perdê-los.

De repente, Amelia abriu seus olhos cinza e os fixou nele.

– Meus bebês...

– Estão aqui, dormindo. São lindos.

Amelia se levantou até sentar-se na cama e olhou seus filhos. Seus lábios esboçaram um radiante sorriso, que se desvaneceu ao voltar a fixar os olhos em Rob.

– Rob, saiu sem avisar. Aonde foi?

– Fui até a casa de meus pais para contar a eles sobre os bebês... e também sobre o Ryder. Como pode imaginar, se impressionaram muito. Levarão um tempo para se adaptarem, mas se recuperarão. Eu os ajudarei. Depois, fui ao escritório para esclarecer a situação e também para dizer que tenho intenção de visitar promotor do distrito para lhe contar sobre o carro do Dalton.

– Estive muito ocupado. Ele se pôs a rir.

– Nada comparado com o que vai acontecer

quando for falar com o detetive Hill. Não vai acreditar em mim. Amelia baixou o rosto e olhou as mãos.

— Rob, quem é Julia?

— Já lhe disse isso, minha sócia no escritório.

— E sua namorada?

— Isso foi há muito tempo.

— Mas sei que está grávida.

— Sim, seu marido a engravidou, Amelia. Está casada há três anos, com um homem muito simpático. Você vai gostar dos dois.

Amelia voltou a sorrir; desta vez, para ele. Rob se perguntou se chegaria a acostumar-se à forma como o sorriso da Amelia chegava a seu coração. Duvidava disso.

Um dos bebês despertou com um suave, mas exigente pranto. Rob descobriu que se tratava de Chloe e a levantou em seus braços. Era a primeira vez na vida que Rob sustentava em seus braços um bebê e se surpreendeu de como fazia bem. Beijou a cabeça da doce criatura.

— Aqui está sua filha, Amelia.

— Chloe — disse ela com amor nos olhos —. Lembra a minha mãe: miúda, loira e cabeça dura.

Amelia beijou a menina na bochecha e Rob conteve a respiração. Depois, olhando-o, Amelia

murmurou:

— E seu irmão é como você.

— Bom... Ryder e eu éramos idênticos, como já sabe. Espero que não tenha se incomodado que tenha tomado a liberdade de lhe colocar o nome.

— Não — disse ela.

Do berço, Ryder gemeu. Imediatamente, Rob foi resgata-lo. O menino calou ao mesmo tempo que fixava seus olhos escuros no rosto de Rob.

Era um menino lindo.

— Os dois vão precisar de um pai. Rob não notou que tinha pronunciado essas palavras em voz alta até que Amelia respondeu.

— Está tentando assumir a responsabilidade de Ryder — disse ela com voz trêmula —. Mas não é necessário, seguiremos em frente.

Rob voltou a sentar-se na cadeira ao lado da cama, segurando o menino com um braço. A outra mão pôs na bochecha de Amelia.

— Me escute com atenção, Amelia. Quando recuperei a memória, adorei ser eu outra vez. Queria recuperar minha vida, minha própria identidade. Foi por isso que fui para a Califórnia. Apesar de meus pais terem se desfeito de tudo, não há nada que não possa recuperar. Se partisse hoje, dentro de um mês teria minha vida de volta.

— Quando vai partir? — perguntou ela com um murmúrio.

— Essa é a questão. Devido à amnésia, mudei. Apaixonei-me. Minha vida na Califórnia não tem mais sentido, e principalmente para um homem com uma família. Amelia, entende o que estou tentando dizer?

Rob viu indecisão em sua expressão. Amélia continuava sem estar convencida de seus motivos.

— Estou dizendo que te amo, Amelia. E se a única forma de ter você é estar com amnésia, voltarei bater a cabeça contra uma pedra ou o que seja.

— Está apaixonado por mim — disse ela com reverencia na voz.

— Isso, amo você. E vou perguntar isso outra vez, Amelia, me ama? Ama o homem que está na sua frente?

Amelia o olhou nos olhos, olhos marrons que sempre tinham atravessado seu coração. Esse homem se parecia com Ryder em muitas coisas; entretanto, era completamente diferente.

Esse homem jamais tinha sido desonesto, nem com ela nem consigo mesmo.

Nunca.

Nesse caso, não era lógico chegar à conclusão

de que estava dizendo a verdade, que realmente a amava?

— Querido, como não vou amar você? — respondeu Amelia, de repente segura de seu amor.

— Então, casará comigo?

— Sim — disse ela sorindo — . Claro que sim.

Apesar de ter os bebês em seus braços, conseguiram unir seus lábios. O beijo estava cheio de felicidade e amor. Depois, passaram muito tempo olhando-se, como se desse muito trabalho romper essa união que tinham estabelecido com seus corações. Rob voltou a beijá-la.

Amelia se separou dele para ouvir o ruído no corredor.

— O que será isso?

Rob pareceu ligeiramente desconcertado.

— Em alguns segundos, a porta vai se abrir. Meus pais vêm acompanhados de um padre, Philip traz champanhe e eu trouxe a licença para nos casar.

Rob meteu uma mão no bolso que tinha justo debaixo do corpo de seu sobrinho e tirou um anel que deslizou no dedo de Amelia. Amelia gostou das bonitas pétalas de ouro ao redor do brilhante.

— Você se importa muito que seus tios não estejam presentes? Se quiser, poderíamos atrasá-la. Enfim, você decide.

Amelia endireitou os olhos ligeiramente e ajustou a camisola.

— Nós quatro estamos aqui, e suponho que isso é o mais importante. Meu Deus, Rob, não estou sonhando?

— Não, pode apostar o que quiser. Amelia precisava dizer uma coisa mais.

— Rob, adoro você. E, deste momento em adiante, no que me diz respeito, Chloe e Ryder são tão teus filhos quanto meus. São nossos filhos.

Amelia secou as lágrimas que correram pelas bochechas de Rob antes que ele baixasse a cabeça para beijá-la de novo. Amelia desejou que aquele beijo durasse eternamente.

De repente, a porta se abriu e ambos os bebês despertaram.

Depois, o casamento foi como a maioria dos casamentos... com a exceção de um noivo com uma camisa emprestada e uma noiva que, graças ao lençol que subiu até o queixo, ia de branco.

Mas o mais importante foi que fizeram promessas e votos, trocaram olhares, choraram e se beijaram meigamente. Em conjunto, foi uma perfeita mescla de tradição e improvisação... com um futuro de felicidade.

FIM